



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**  
Avenida Transnordestina, S/N – Novo Horizonte, Feira de Santana, Bahia  
Fone; (75) 3224 8001 e-mail: profletras@uefs.br  
www.profletras.uefs.br

**GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS**

**DE REPENTE, O IMPROVISO:**  
**UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO AO SOM DE ABOIOS E**  
**TOADAS**

Feira de Santana, BA  
2018

**GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS**

**DE REPENTE, O IMPROVISO:  
UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO AO SOM DE ABOIOS E  
TOADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do grau em Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alana de O. F. El Fahl.

Feira de Santana, BA  
2018

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

F936

Freitas, Gilmara Carneiro da Silva

De repente, o improviso : uma proposta de letramento ao som de aboios e toadas / Gilmara Carneiro da Silva Freitas. – 2018.

180 f.: il.

Orientadora: Alana de Oliveira Freitas El Fahl.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, 2018.

1. Letramento literário. 2. Aboio. 3. Toada. 4. *Fanfic*. I. El Fahl, Alana de Oliveira Freitas. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 372.41

# **TERMO DE APROVAÇÃO**

**GILMARA CARNEIRO DA SILVA FREITAS**

## **DE REPENTE, O IMPROVISO: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO AO SOM DE ABOIOS E TOADAS**

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, no curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

Aprovada em 21 de março de 2018.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alana de Oliveira Freitas EL Fahl  
Orientadora, Departamento de Letras e Artes, UEFS

---

Prof. Dr. Cláudio Cledson Novaes  
Examinador Interno, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

---

Prof. Dr. Francisco Fábio Pinheiro de Vasconcelos  
Examinador Externo, Departamento de Educação, UEFS

Aos meus alunos  
De ontem, de hoje e do amanhã.  
São eles que impulsionam meu crescimento profissional.

## AGRADECIMENTOS

À UEFS, palco de minha trajetória acadêmica.

A meus Familiares, que fazem de minhas lutas as suas.

A Alana Freitas, mestre e amiga, orientadora e acolhedora.

Aos Companheiros de turma do Profletras, o melhor do mestrado.

A toda comunidade de Chapada, aquele abraço!

Aos Professores participantes da banca examinadora, obrigada pela partilha do saber.

A Miguel, grande incentivador.

A Rose, Rosa, Rafa, Jussara, Jamile, Camila, Léa, Nezinha, Vítor, parcerias de sempre.

A Bethânia e Ludmila, por regarmos juntas a sementinha desse sonho.

A Valmirene e Milena, por todas as dicas e pela atenção.

A Silo Gordo, gratidão por me colocar nesta “cilada”.

Aos aboiadores Buy, Deraldo, Cebola, Marinho, minha teoria viva.

Aos vaqueiros e seus familiares, obrigada por tantos ensinamentos.

A Mateus Antoni, por ser um aluno que mais me ensinou que aprendeu.

Ao Colégio Dídimo, minha família profissional.

A Lourdes, general nas batalhas da casa.

A toda equipe do José Rufino.

À CAPES, pelo incentivo da bolsa.

A vocês, carinho e gratidão.

[...] O universo é um sistema coerente de sinais regidos por leis específicas que tem um significado, mesmo que este se encontre além do nosso alcance. Com o intuito de vislumbrar esse significado, tentamos ler o livro do mundo. (MANGUEL, 1997, p. 65)

## RESUMO

No presente trabalho, apresentam-se os processos de elaboração e execução de uma proposta didático-pedagógica aplicada em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio José Rufino, uma escola da rede pública municipal de Riachão do Jacuípe – BA, em que foram utilizados aboios e toadas como ferramenta pedagógica para promover Letramento literário a partir da produção de *fanfics*. Trata-se de uma pesquisa aplicada, com diversificados instrumentos de coleta de dados, como questionários de sondagem, diários de bordo e produções dos sujeitos. Nesta proposição, contamos com aboiadores e vaqueiros colaboradores para realização de práticas culturais como aboios de improviso e cantoria de toadas que serviram de material para desenvolvimento de Sequência Didática aplicada durante as aulas de Língua Portuguesa. As atividades propostas caracterizam-se por eventos de promoção de leituras e valorização de aspectos da identidade sociocultural do aluno, através dos versos de aboios e das narrativas das toadas com finalidade de produzir textos. Os pressupostos teóricos partem de documentos oficiais como PCN (1998) e da concepção de linguagem defendida por Mikhail Bakhtin (2003[1979]). Encontra amparo nas considerações de leitura defendidas por Petit (2008), considera as referências culturais apresentadas por Bauman (2013) e Chartier (2011), as reflexões sobre oralidade e literatura de Zumthor (2010; 2014), Sautchuk (2009), Amorim (2007), Ayala (1988;2013). Os estudos sobre Letramento estão baseados em Steet (2014), Rojo (2009; 2014) e Cosson (2014; 2017). As apreciações sobre *fanfic* estão embasadas em Fontenele (2015) e Cavalcanti (2010), dentre outros. As produções realizadas ao longo da intervenção foram socializadas em uma página virtual e distribuídas em formato de livretos para a comunidade.

**Palavras-chave:** Letramento Literário. Aboio. Toada. *Fanfic*.

## ABSTRACT

This paper presents the elaboration and execution processes of a didactic-pedagogical proposal applied in a 9 (ninth) grade class of the Ensino Fundamental at Colégio José Rufino, a municipal public school in Riachão do Jacuípe – Ba, in which were used aboios (cow herding) and toadas (short textual composition with stanzas and chorus) as a pedagogical tool to promote literacy from the production of *fanfics*. It is an applied research with a diversified instruments of data collection such as survey questionnaires, logbooks and subject's productions. In this proposition, we had the support of the aboiadores (people who sing the cow herding) and cowboy coworkers to perform the cultural practices such as improvised aboios and toadas tune which were used as materials for the development of teaching sequences applied during the Língua Portuguesa classes. The proposed activities are characterized by reading promotion events and valuation of the students' sociocultural identity aspects, through the aboios verses and the toadas narratives with the purpose of producing texts. The theoretical assumptions are based on official documents such as PCN (1998) and the concept of language defended by Mikhail Bakhtin (2003[1979]), it finds support in the reading considerations defended by Petit (2008), it considers the cultural references presented by Bauman (2013) e Chartier (2011), the reflections on orality and literature from Ayala (1988;2013). The literay studies are based on Steet (2014), Rojo (2009;2014) e Cosson (2014;2017). Opinions about fanfics are based on Fontenele (2015) e Cavalcanti (2010), among others. The productions carried out during the intervention were socialized in a virtual page Zumthor (2010;2014), Sautchuk (2009), Amorim (2007), and distributed in a booklet format for the community.

**Key-words:** Literature. Aboio. Toada. *Fanfic*. Literacy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de SD no modelo Dolz e Scheuely	38
Figura 2 – Esquema de SD adotado nesta pesquisa	39
Figura 3 – Instrução do pai	41
Figura 4 – Instrução da mãe	41
Figura 5 – Tempo Livre	42
Figura 6 – Gosto pela leitura	43
Figura 7 – Vaqueiro na família	46
Figura 8 – Kit de material didático	48
Figura 9 – Distribuição de revistas HQ	50
Figura 10 – Cenas do ambiente	52
Figura 11 – Cartaz da culminância	63
Figura 12 – Cenas da culminância	64
Figura 13 – Jogo galope na caatinga	64
Figura 14 – Exposição Armazém do vaqueiro	65
Figura 15 – Sessão de autógrafos	66
Figura 16 – Autógrafo do aboiador Buy	72
Figura 17 – Visita ao Museu	75
Figura 18 – Imagens da montaria	77
Figura 19 – Diário de bordo do sujeito TN	81
Figura 20 – Conceito de <i>fanfic</i>	82
Figura 21 – Linguagem poética em toada	83
Figura 22 – Comparação entre rap e toada	84
Figura 23 – Versos criados pelo sujeito NN	85
Figura 24 – Versos criados pelo sujeito EJ	86
Figura 25 – Síntese da toada Boi Cigano pelo sujeito EJ	87
Figura 26 – <i>Fanfic</i> do sujeito DG- O campeão de mourão	91
Figura 27 – <i>Fanfic</i> do sujeito CM- A égua Octívia	92
Figura 28 – <i>Fanfic</i> do sujeito EJ- O coração domado	93
Figura 29 – <i>Fanfic</i> do sujeito FV- O touro amigo	95
Figura 30 – <i>Fanfic</i> do sujeito CP- O amor como prêmio	96
Figura 31 – <i>Fanfic</i> do sujeito MS- Determinação em dose dupla	97

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Definições de aboio	79
Quadro 2 – Definições de toadas	80
Quadro 3 – Vaqueiros afamados	87
Quadro 4 – Toada Boi Cigano e Cotidiano dos vaqueiros	88
Tabela 1 – Síntese da avaliação final	112

## **LISTA DE SIGLAS**

CEP – Conselho de Ética em Pesquisa

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CONEP – Conselho Nacional de Ética em Pesquisa

EF – Ensino Fundamental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SD – Sequência Didática

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PORTEIRA ABERTA</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>MATUTAÇÕES LITERÁRIAS: UM OLHAR PARA ABOIOS E TOADAS</b>	<b>17</b>
2.1	O QUE FAZ DA TOADA LITERATURA?	20
<b>3</b>	<b>PELEJAR COM PALAVRAS: ORALIDADE E ABOIO NA ESCOLA</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>AIÓ DE SABERES: APRENDIZAGENS EM CONTRUÇÃO</b>	<b>27</b>
4.1	MANEJANDO LÍNGUA E CULTURA NA SALA DE AULA	27
4.2	LETRAMENTO, MOTE DE APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS	30
4.3	<i>FANFIC</i> : DESAFIOS DE UMA ESCRITA INTERATIVA	33
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>36</b>
5.1	PERFIL DOS PARTICIPANTES	40
5.2	OS SUJEITOS DA PESQUISA	45
<b>6</b>	<b>CAMINHOS DA INTERVENÇÃO</b>	<b>47</b>
6.1	APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO	47
6.2	LANÇAMENTO DA PROPOSTA	51
6.3	AMBIENTAÇÃO DO ESPAÇO	52
6.4	OITÃO DE LEITURA	53
6.5	APLICAÇÃO DA PROPOSTA	56
6.6	CULMINÂNCIA	63
6.7	CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA	67
<b>7</b>	<b>CORRIDAS DE PRADO: TRAJETÓRIAS COMPLEMENTARES</b>	<b>70</b>
7.1	RELATO DAS PARCERIAS	70
7.2	RELATO DA VIAGEM DE CAMPO	74
7.3	RELATO DA MONTARIA	76
<b>8</b>	<b>ANÁLISE DAS ATIVIDADES</b>	<b>78</b>

8.1	REFLEXÕES SOBRE AS <i>FANFICS</i>	89
8.1.1	<i>Fanfics</i> da toada Cavallo Buriti	91
8.1.2	<i>Fanfics</i> da toada Boi Cigano	95
9	VALEU BOI	99
	<b>REFERÊNCIAS</b>	101
	<b>APÊNDICES</b>	106
	<b>ANEXOS</b>	175

## APÊNDICES

APÊNDICE A	– Ficha de avaliação diagnóstica aplicada à professora	107
APÊNDICE B	– Ficha de avaliação diagnóstica aplicada aos alunos	109
APÊNDICE C	– Regulamento do Oitão de Leitura	111
APÊNDICE D	– Tabela síntese da Avaliação final	112
APÊNDICE E	– Partes do caderno didático	113
APÊNDICE F	– Conversa com aboiador Buy	146
APÊNDICE G	– Conversa com aboiador Marinho	151
APÊNDICE H	– Conversa com escritor de <i>fanfic</i> Mateus Antoni	153
APÊNDICE I	– Dados das conversas com os vaqueiros	157
APÊNDICE J	– Livreto de <i>fanfics</i> de toadas produto final da intervenção	160

## ANEXOS

ANEXO A	- <i>Fanfics</i> de Mateus Antoni	176
ANEXO B	- Letras das toadas	178

## 1 PORTEIRA ABERTA

Ensinar Língua Portuguesa em um país heterogêneo como o Brasil é um grande desafio para o profissional dessa disciplina. Além dos problemas de ordem geral que envolvem a profissão, como desvalorização da carreira, alunos desmotivados e com baixo rendimento, o professor costuma ser visto por seus colegas e pela comunidade como o responsável pelo baixo nível de leitura e escrita que afeta boa parte dos estudantes brasileiros, quando esta é, na realidade, uma responsabilidade de todos os professores, independente da área de atuação.

É importante desmistificar o papel do professor de português como único formador de leitores e chamar atenção para o fato de que ele deve ensinar a Língua. A luta pela formação de leitores é responsabilidade de todos os professores, independente da disciplina ou da modalidade que ensinam.

O desafio é ainda maior quando se trata da leitura do texto literário, pois a literatura, como parte do currículo da escola pública, costuma ser um estudo voltado para os cânones e, por isso, geralmente é tratada, inclusive pelos professores de Língua Portuguesa, com muita reverência, como uma presença tão ilustre no ambiente escolar que se torna, praticamente, inacessível para os alunos.

Embora o professor de Língua Portuguesa não seja, de fato, o agente do problema, é necessário que ele tome a dianteira para mudar esse paradigma vergonhoso para a educação brasileira. É preciso buscar soluções dentro de sua sala de aula através do conteúdo da disciplina, sempre considerando a conjuntura escolar e social dos sujeitos, além de empenhar-se por desmistificar o ensino de literatura, tornando os textos literários acessíveis para quaisquer que sejam os alunos.

Ao analisar o contexto que dá lugar à minha prática, percebo no entorno da realidade em que trabalho situações de desmotivação e problemas de aprendizagem. Noto também que o texto literário é visto como algo inatingível, distante da realidade local dos alunos; por essa razão, desejo minimizar esses problemas que envolvem Letramento e distanciamento da arte literária, refletindo na autoestima do aluno e interferindo nas atividades de leitura e produção de textos.

Sou professora de escola pública e, muitas vezes, vejo na trajetória de meus alunos pontos que me trazem à memória a estudante que eu era. Nunca fui a melhor aluna da turma e, em casa, não recebi grandes incentivos para estudar, nem cresci em meio a leitores ou escritores. Para ilustrar meu pouco contato com livros, conheci os contos de fada lendo para

minha filha. Tardamente, fui ampliando o olhar para além das leituras do mundo e fixando os olhos nas leituras dos livros.

Até o fim do Ensino Fundamental, estudei em escola pública e não me lembro de estímulo de professores ou aulas que me apresentassem à leitura. Minha perspectiva sobre a leitura e sobre as possibilidades que a educação pode oferecer mudaram a partir do Ensino Médio, quando fui estudar em um colégio particular, encorajada por minha irmã, que viu as possibilidades se perderem ao longo do tempo para ela e apostou em mim uma mudança, passando a cobrar que eu estudasse. Tive muita dificuldade em acompanhar o ritmo da nova escola; eram gritantes as diferenças entre mim e os colegas que sempre estudaram em escola particular.

Enfrentei os desafios até conseguir entrar para o Ensino Superior. De meus quatro irmãos, sou a primeira a cursar uma universidade. Venho de uma família em que o trabalho tem mais importância que o estudo, e a sabedoria da vida encontra outras portas abertas, além da educação.

A motivação basilar deste trabalho nasce da percepção de como atividades sociais e culturais, portas abertas para o Letramento, são marginalizadas pela escola; além disso, como professora, inquieta-me o tratamento recebido pela literatura popular no sistema escolar brasileiro, pois, embora as leis educacionais assegurem abordagem equivalente entre as linguagens oral e escrita, o que se nota é que a preocupação com a oralidade não vai muito além de leituras em voz alta em sala de aula e de apresentações irrefletidas, superficiais, restritas ao campo da linguagem espontânea.

Face à constatação dessa superficialidade das aulas de Língua Portuguesa no trato da oralidade, principalmente no que concerne à literatura popular de tradição oral, emerge do ambiente sociocultural, meu e de meus alunos, a conexão necessária para uma proposta de intervenção que use o gênero aboio e toada na construção de sentidos, na interação e na reflexão sobre o lugar do leitor desse gênero textual. Uma proposta que leve o aluno, ainda, a produzir seus próprios textos a partir das narrativas das toadas, com a consciência do poder da língua padrão urbana falada e escrita, mas com conhecimento e respeito ao lugar do não padrão na sociedade.

A escolha do tema nasce de um desejo de contribuir para valorização da cultura do vaqueiro. Espero que os alunos se identifiquem com os temas dos versos, apreciem e respeitem essa tradição, porque ela representa nosso cotidiano. Conceber a cultura do vaqueiro como um patrimônio artístico e cultural da nossa gente é lançar um olhar para nós

mesmos, para a história de nosso lugar, onde as atividades envolvendo o vaqueiro são, para muitas pessoas, a única opção de cultura e lazer nos fins de semana.

As festas relacionadas ao campo são muito comuns na região de Riachão do Jacuípe e preenchem o fim de semana de uma legião de adeptos a esse estilo de vida, que sempre foi e continua sendo meu. Meu pai era seleiro e estava sempre em contato com muitos vaqueiros, além disso, foi organizador de festas de vaqueiros. Nessas ocasiões, eu ficava admirada com a sabedoria dos aboiadores fazendo versos de improviso, mesmo sem ter frequentado as salas de aula.

As composições improvisadas pelos aboiadores espelham a cultura popular sertaneja e são comuns em eventos da cultura local. Porém, apesar de a tradição e o uso no mercado fonográfico terem-nas tornado uma prática regular, essas atividades não encontram espaço na escola. Seu valor artístico e cultural, assim como produções urbanas de rap, escapa aos olhos dos educadores, que as consideram arte menor, sendo por isso marginalizadas no ambiente escolar.

Diante dessas realidades, comecei a pensar de que modo eu poderia atuar em minha profissão de forma a reunir o conhecimento que se tem adquirido da vida aos conhecimentos institucionalizados na escola, criando diálogos que permitam discutir as relações sociais e culturais diretamente ligadas às realidades diversas de cada grupo social.

A proposta desta pesquisa de intervenção é utilizar aboios e toadas com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II em Escola Municipal, situada na zona rural, distante 20 km da sede do município, na Comunidade de Chapada, um povoado de Riachão do Jacuípe, para ampliação de letramento e de competências linguísticas e literárias, através de uma perspectiva da linguagem como interação, em que a leitura de mundo seja aprimorada através da leitura do texto literário; valores culturais sejam consolidados como formadores de memórias através de produções textuais do gênero *fanfics* e da construção de um glossário.

A escolha por *fanfics*, gênero que se populariza entre os jovens cada dia mais por intermédio das redes sociais, justifica-se pela necessidade de promover uma educação aberta aos desafios da contemporaneidade, que aceite as novas formas de comunicação e de produção de texto, possibilitando ao aluno inteirar-se dentro da escola com as diversas transformações que estão acontecendo no mundo e na comunidade, promovendo um encontro entre a educação tradicional e os avatares de que fala Cosson (2017).

A localidade de Chapada, onde se situa nossa escola, encontra-se a 30 minutos da cidade de Riachão do Jacuípe, com aproximadamente 3.600 habitantes; a economia é basicamente de subsistência e sem programas sociais que gerem emprego no local. Diante

dessa, realidade muitos jovens se veem forçados a deixar seu lugar em busca de novos horizontes. Por isso, é comum o abandono dos estudos antes mesmo da conclusão da Educação Básica.

Na comunidade funcionam três escolas, duas delas da rede municipal: a Escola Castro Alves, que atende as crianças das séries iniciais até o 5º ano, e a Escola José Rufino, que recebe do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II (EF), onde foi realizada a pesquisa. O nível médio é ofertado pelo Colégio Estadual Professor Dídimo Mascarenhas Rios, com ensino regular no turno matutino e Educação de Jovens e Adultos (EJA) no noturno. Há treze anos trabalho na comunidade como professora do colégio estadual, onde planejei aplicar a intervenção, em uma turma de EJA do Ensino Fundamental 2. No entanto o quadro de abandono escolar na modalidade da EJA é desanimador, as proporções da evasão são tão grandes que o reduzido número de alunos inviabilizou a aplicação da pesquisa. Desse modo, a intervenção aconteceu em uma escola municipal. A ideia foi antecipar os benefícios a minha futura clientela, já que essa escola é a maior fonte mantenedora de alunos para o colégio estadual.

A escola José Rufino funciona nos turnos matutino e vespertino. No período da manhã, parte do alunado vem da localidade rural circunvizinha de Beira Rio e depende do transporte escolar municipal, já os alunos da tarde são moradores da comunidade; isso facilita o acesso às redes sociais, já que muitos têm internet em casa, otimiza a frequência às aulas e o cumprimento de horários, já que não dependem de transporte público.

Um grande desafio se anunciou com a proposta da intervenção. O novo se avultava a cada instante, já que era um projeto ousado, no sentido de romper barreiras institucionais e buscar resultados além das contribuições didáticas, cujos efeitos revigorariam o ânimo dos envolvidos, definindo aspectos culturais em que os sujeitos se sentissem valorizados e responsáveis por seu futuro e pelos acontecimentos em sua localidade.

Na busca por atingir os objetivos propostos, foi desenvolvida uma adaptação de Sequência Didática (SD) com fins de melhorar competências linguísticas em língua materna, principalmente o desenvolvimento da atividade leitora para formação social do aluno e para ampliação de sua consciência cidadã, através do estudo das toadas e aboios como recurso de Letramento. A estratégia da adaptação de SD permitiu desenvolver atividades de leitura e produção de texto que garantissem progressos tanto nas discussões sobre cultura, quanto no comprometimento com a linguagem literária e suas especificidades.

## 2 MATUTAÇÕES LITERÁRIAS: UM OLHAR PARA ABOIOS E TOADAS

Os textos literários podem ser comparados aos grandes magos pela magia que podem exercer sobre nós. Atraem pelo poder de suas palavras, conseguem nos aprisionar em sua atmosfera mágica e são capazes de nos levar a longínquas viagens sob seu domínio.

Talvez a escola busque escapar dessa magia através de metodologias que limitam o poder da Literatura ao submeter seu ensino às aulas de Língua Portuguesa. Desse modo, o fascínio da arte literária perde força ao se diluir entre outros elementos presentes no ensino de Português, como regras e teorias da gramática.

Com essa comparação não sugerimos uma dicotomia no ensino de Língua, estamos apenas chamando a atenção para o fato de que a escola oferece pequenas porções de literatura. Ampliando esta questão, Cosson (2017) avalia que:

O resultado de tudo isso é o estreitamento do espaço da literatura na escola e, conseqüentemente, nas práticas leitoras das crianças e dos jovens. No campo do saber literário, o efeito de tal estreitamento pode ser potencialmente ainda mais desastroso porque a escola é a instituição responsável não apenas pela manutenção e disseminação de obras considerada canônicas, mas também de protocolos de leitura que são próprios da literatura. Se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimento. (COSSON, 2017, p. 15).

Muitas vezes, o texto literário ofertado está tão distante da realidade do aluno que não é capaz de atraí-lo para uma leitura prazerosa, e, em vez de sentir vontade de ler, o aluno se apequena, acovardado diante do livro. A autora francesa Michèle Petit (2008, p. 116) fala desse medo do livro como um mal que acomete as sociedades ocidentais, em que a ideologia da comunicação induz a uma representação da língua como uma mera atividade comercial, o que para a autora é uma forma de mutilar a língua e criar uma pane no seu poder imaginário.

Nas escolas públicas brasileiras, essa situação é bastante comum e na região Nordeste, em especial, constitui uma prática secular. Na maioria das vezes, os nordestinos são desestimulados na escola a valorizar sua cultura e suas vivências, em lugar disso são colocados constantemente diante de leituras com paradigmas simbolizadores de modelos que não lhes representam. Os livros didáticos usados nas salas de aula geralmente legitimam a escolha instaurada pelas escolas e não atendem as demandas locais, contribuindo para distanciar o aluno de sua realidade e, conseqüentemente, da própria escola. Certamente há professores fazendo bons trabalhos em sala de aula, adaptando o material disponível à sua

realidade e utilizando outros recursos nos quais o aluno pode se reconhecer, como também há situações em que os profissionais não conseguem fazer bom uso do livro didático.

Sendo assim, o estudante dificilmente encontra em seu entorno educacional elementos que possam representá-lo, que sejam modelo, pois a escola, normalmente, não legitima suas vivências nem seu meio social. Por isso, ele necessita, ao colocar o uniforme escolar, despir-se da vestimenta que o representa como sujeito, deixar de lado passatempos, costumes e tradições não validados pela educação formal. As toadas e os aboios são parte desses e de outros textos que deveriam chegar ao aluno e levá-lo a refletir sua realidade, mas que, habitualmente, não cabem na escola, dependendo da sensibilidade de professores e gestores que os selecionem e disponibilizem.

As razões para tal exclusão encontram-se tanto em suas origens, por serem formas da cantoria nordestina, quanto na imagem social que representam: a vida cotidiana do vaqueiro. Segundo Oneyda Alvarenga (1938 apud MENDES) o aboio faz parte dos cantos de trabalho rurais, é como o vaqueiro nordestino conduz o gado. Já as toadas, assim como as epopeias, consagram feitos grandiosos, são formas de eternizar momentos da vida do vaqueiro.

No entanto nem a figura do vaqueiro nem seu canto fazem parte do universo canônico protagonizado nas escolas, daí o desprestígio de seu valor literário, embora mereça chamar atenção a representatividade que a figura do vaqueiro ganha com Fabiano, personagem do romance *Vida Secas*, de Graciliano Ramos.

É incontestável o fato de que a literatura está presente em diversos gêneros textuais e pode se manifestar de modos variados. Não há uma forma ou fórmula para uma criação literária, há o encanto que o texto adquire quando está sob o domínio da arte da palavra. Os aboios e as toadas são formas de representação da cantoria nordestina constituídas de magia literária. Sobre a poética do aboio e da toada, Sautchuk (2009) argumenta que são:

Formas poético-musicais que mantêm identidade temática e formal com a cantoria, como o aboio que é o canto de trabalho do vaqueiro (que pode ser improvisado), utilizado inclusive para reunir o gado no pasto. Duplas de aboiadores adaptam esse tipo de canto para o contexto de espetáculos (especialmente na realização de vaquejadas) e das gravações comerciais. Na cantoria, são utilizadas algumas toadas originárias do aboio, as quais são chamadas “toadas de vaquejada.” (SAUTCHUK, 2009, p. 4).

Sautchuk (2009) atesta ainda que as toadas são melodias de domínio público em que o cantador insere seus versos improvisados. Muitas vezes, esses versos deixam de ser improvisados e se repetem, formando uma canção. Desse modo, pode-se dizer que a toada é

um subgênero do aboio, e pode, ainda, ser um termo genérico, sinônimo de música. Neste trabalho, utilizaremos a ideia de toada como um canto melódico que nasce de um aboio e se cristaliza em forma de poema-canção, passando a ser repetida por cantadores em geral e podendo se popularizar até ser gravada pela indústria fonográfica com status de música de vaquejada.

Ayala (1988, p. 118) apresenta as toadas como outro componente da cantoria, uma forma de poesia não improvisada, montada por composições fixas, que podem ser interpretadas pelos cantadores. São narrativas em forma de cantoria que descrevem feitos do herói vaqueiro ou de outros elementos ligados à sua figura, como o boi, o cavalo, a dificuldade da lida, os amores, a caatinga, a vestimenta, dentre outros. O narrador, quase sempre presente, conta os fatos a partir de experiências vividas ou por meio de um ensinamento que nasce da observação. Portanto, o vaqueiro está presente em praticamente todas as toadas, seja narrando os fatos ou participando dos acontecimentos.

A expansão semântica do termo vaqueiro leva-o além da profissão, extrapolando a designação do profissional, ao incluir todas as pessoas que, assim como quem trabalha de guardador do gado, desenvolvem uma relação de amor articulada por tradições culturais com lida do vaqueiro. Assim, é comum, em ambientes de montaria, a saudação “Vaqueiro”, como uma forma de cumprimento entre as pessoas. Ser vaqueiro, nesse contexto, significa gostar do campo, gostar de cavalos e do modo de vida ancorado na tradição rural, desde a vestimenta marcada por botas e chapéus/bonés até o estilo musical bastante definido.

As canções que formam o universo cultural do vaqueiro são basicamente as que denomino, neste trabalho, como o gênero Aboios e Toadas. As razões pelas quais optei por abrigar as duas modalidades em um só gênero se fundamentam, basicamente, nas semelhanças entre elas e, por isso mesmo, na dificuldade de reconhecê-las dissociadas na literatura referente. O presente trabalho está centrado na toada de vaqueiro ou de vaquejada, não interessando nenhuma outra modalidade como as toadas da festa do boi em Manaus (Toadas de Boi-bumbá e Toadas do Boi garantido) e as Toadas gaúchas.

Para compreender a Toada, é necessário antes entender o aboio, suas variantes e usos. Em uma entrevista cedida à Fundação Joaquim Nabuco, Bráulio Tavares (2008) fala que o aboio, de origem Ibérica, surgiu como forma de comunicação entre o vaqueiro e o boi; uma característica da profissão do vaqueiro. Quem cuidava do gado passava muitas horas a sós com os animais e estabelecia uma espécie de código entre eles, daí os sons articulados em forma melancólica, tipo “êê, ôô, oh gado eh”.

Em momentos de convívio com outros companheiros de profissão, os vaqueiros estendiam as entonações vocálicas a composições improvisadas e momentâneas, ampliando a comunicação até seus pares; surge então o aboio de improviso. Às vezes, dos versos surgiam histórias que agradavam e eram memorizadas e repetidas em outras circunstâncias, as toadas.

O termo “toada” pode designar toda e qualquer “canção”, não importa se de cantoria nordestina ou de música de vaquejada; toada, como gênero literário de narrativa poética, é oriunda de versos de aboio “cristalizados”, com ritmo marcado pela melosidade, acompanhado ou não de instrumento musical. Os versos são pronunciados por voz firme que sempre ultrapassará os acompanhamentos musicais. Geralmente são estremecidos de aboios vocálicos, principalmente na abertura e no fim das estrofes. É muito comum que as toadas mais famosas ganhem o prestígio de grandes artistas e sejam gravadas como músicas. Um exemplo é a toada “Saga de um Vaqueiro”, popularizada pela Banda Mastruz com Leite.

Muitas dessas toadas surgem em momentos de descontração, caem no gosto do público e são reproduzidas sem preocupação autoral. Na maioria dos casos, a autoria é atribuída ao artista ou banda que der maior visibilidade à toada, geralmente aquele que a faz ter sucesso como música. O ideal é que as toadas sejam classificadas como de domínio público, quando não seja possível comprovação de autoria.

## 2.1 O QUE FAZ DA TOADA LITERATURA?

Se as toadas são histórias de acontecimentos com o vaqueiro e a vida no sertão, por que devem ser consideradas narrativas literárias? Na escola, aprende-se que a literatura pode transportar o leitor para mundos mágicos, cheios de aventuras e universos sombrios, mas também pode retratar a realidade. A literatura eleva o feio e o anônimo à condição de arte. As histórias das toadas costumam descrever o mundo campesino, falam das coisas velhas esquecidas na casa da roça, situações comuns que acontecem no dia a dia do vaqueiro, não são feitas por pessoas famosas, não retratam personagens bonitos, nem lugares requintados. Por que, então, merecem estar na escola ao lado de Camões e da mitologia grega?

O encanto literário se oculta no cerne da toada. É preciso, pois, descortinar o belo que existe na simplicidade deste fazer poético. Nas toadas, a poesia está latente; é preciso um olhar desperto para reconhecê-la. Para estar na escola, a toada deve ser alçada à condição de literatura e, para isso, necessita de ações pedagógicas individuais ou coletivas que de forma efetiva combinem “letramentos não formais, reconhecimento de vivências e capacidades

personais e abertura para diferentes linguagens que participam do dia a dia dos cidadãos.” (BRAIT, 2015, p. 12).

Estudos no campo da literatura provam a importância de oferecer às camadas mais pobres da sociedade um tipo de literatura que, de fato, seja interessante, porque ali estão problemas específicos (CANDIDO, 2002, p. 191). A partir do contato com uma literatura específica, pode-se chegar aos clássicos. A escritora Ana Maria Machado defende uma literatura em que a realidade cotidiana esteja presente e carregada de emoções:

Como se de alguma forma fosse necessário lembrar às pessoas que as experiências intensas que dão significado à vida não precisam necessariamente se passar longe de casa e que cada pessoa pode viver uma situação de enorme complexidade psicológica, cada família pode guardar um drama de muita intensidade, cada cidade está cheia de tragédias sociais, cada rua é atravessada todo dia por gente que vive dores e alegrias, tem medos e sonhos. Gente como a gente, afinal de contas. (MACHADO, 2002, p. 102).

A autora avalia como prazeroso o contato com histórias do cotidiano e conclui que os leitores, à medida que forem descobrindo o prazer das leituras do dia a dia, serão instigados a conhecer os clássicos. É dever da escola intermediar tal passagem, com oferta de gêneros variados; no vasto cardápio literário, a toada é uma boa opção de entrada porque, além de leve, é uma iguaria composta por ingredientes nativos, próprios da região onde será ofertada.

Sautchuk define toadas como versos cantados com “descrição dos aspectos poéticos na determinação dos estilos da cantoria.” (SAUTCHUK, 2009, p. 71). De acordo as ideias do autor, pode-se dizer que as toadas são reconhecíveis pela melodia e que contribuem para os significados dos textos poéticos:

[...] as melodias são classificadas de acordo com as características melódicas que as ligam a certo tipo de temáticas, pelo tipo de sentimento que elas imprimem. Algumas são consideradas “agressivas”, destinadas, por exemplo, aos desafios. [...] já as toadas penosas são mais adequadas para temas tristes (por exemplo, um rompimento amoroso, a saudade da infância e da terra natal), sobretudo quando requerem deferência. (SAUTCHUK, 2009, p. 73).

Zumthor (2010), em *Introdução à poesia oral*, chama atenção para estudos que relacionam a epopeia a toda poesia oral narrativa, sem considerar o tom solene ou a extensão. O autor acrescenta ainda que os poemas breves geralmente são melódicos e são constituídos de plano histórico e plano narrativo (ZUMTHOR, 2010, p. 131). O modelo, com efeito, pode ser associado às toadas, uma vez que se constituem de narrativas melódicas.

A toada comporta os elementos de uma narrativa, como tempo, espaço, trama e narrador. Desses fundamentos, o narrador se destaca na toada, seja no papel de personagem ou apenas como observador narrando feitos dos vaqueiros. Walter Benjamin (1994, p. 16) diz que “o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais”. Para ele, o meio de artesãos foi, durante muito tempo, cenário de muitas histórias e causos, e defende que a própria narrativa é uma forma artesanal de comunicação e tais produções estiveram sempre unidas ao trabalho. Do mesmo modo, o vaqueiro aparece na toada como o artesão que usa suas próprias histórias como ferramenta de sua arte.

Cabe, sim, associar a poesia da toada à obra de um mestre artífice, já que o narrador nesse gênero descreve acontecimentos de sua labuta diária, esculpe as situações, dando-lhes formas poéticas. Amorim (2007) reflete sobre esta literatura apontando que:

[...] nessa constelação de afazeres poéticos indispensavelmente associados à natureza múltipla das culturas, passado e presente, diacronia e sincronia, interação em ritual coletivo, corpo coletivo expandido em voz, gesto, coreografias, sensações, dando ao instante único, um sentido de eternidade, de infinito. (AMORIM, 2007, p. 47).

O texto literário aparece como lugar de conjugar inclusões também em Michèle Petit (2008). Para ela, o meio das leituras é ideal para combinar múltiplas relações, mesclando e diversificando singularidades, contribuindo para a recomposição de identidades. O aboio e a toada povoam o universo da resistência, imposta não pela essência utilitária, mas pela representação de uma expressividade que a identifica a um grupo.

O que faz da toada literatura é, pois, a reunião de elementos comuns ao texto literário. É o prazer de mergulhar numa narrativa que é também uma história do leitor, de encontrar na linguagem criativa do universo literário a representação social que aguça a apreciação da vida através daquilo que está representado no espelho.

### 3 PELEJAR COM PALAVRAS: ORALIDADE E ABOIO NA SALA DE AULA

As pessoas tornam-se sujeitos críticos por atuarem em seu meio social. Quem tem voz ativa não tem medo de falar, não se cala diante de uma opinião contrária – seja ela de um consorte ou de alguém intelectual ou socialmente mais valorizado –, tem consciência de que sua fala pode fugir a certos padrões, mas entende a superioridade do processo comunicativo e simplesmente busca fazer-se entender.

O aboiador representa esse sujeito que tem a língua nas mãos. O improvisado exige conhecimento automatizado das regras de construção poética e rapidez de pensamento para articular versos criados na hora (AYALA, 2013) sobre temáticas variadas, apresentando postos de vista que demarcam uma representação de todo um universo cultural. Faz-se representar através de sua variante linguística, de seu vocabulário específico. Tem consciência de que sua cultura não se encaixa nas convenções da escola e não tem uma receita. Cada verso é único como o são nossos atos de fala; neste jogo não há vagas para rascunho, conforme Zumthor (2010, p. 133).

O estudante também pode representar esse sujeito detentor da língua. Para adquirir esse discernimento, é imprescindível desenvolver competências linguístico-discursivas através de interações espontâneas ou ritualizadas. As interações espontâneas podem acontecer em ambientes diversos e independem da escola, mas a escola pode e deve contribuir no desenvolvimento de interações como parte da formação do sujeito, através do domínio da linguagem mais formal, consciente de que apenas o aboio e a toada não o garantem. É importante, portanto, que a escola ofereça estudo de diferentes contextos da enunciação. Ampliando essa questão, os PCN (1998) sinalizam:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas. (BRASIL, 1998, p. 47).

É importante fazer com que os estudantes tenham consciência do uso social da linguagem e de como essa linguagem é valorizada em determinadas instâncias. Fazer com que eles tenham o sentimento de pertença e saibam utilizar essa língua urbana padrão nos momentos adequados, mas que tomem para si também a língua como elemento de cultura.

Nessa linha de pensamento, Bentes (2010) ressalta aspectos como os gestos, o ritmo, o direcionamento do olhar e o tom da fala como performances independentes da escolarização ou da categoria social do sujeito, mas chama a atenção para a responsabilidade da escola no aprimoramento dessas performances:

Acreditamos que o papel da escola, como agência cosmopolita, plural e crítica de Letramento, é o de incentivar os sujeitos a adquirirem uma percepção cada vez mais própria, consciente e refinada das complexidades envolvidas na produção discursiva oral deles mesmos e de outros em diferentes contextos. Essa atitude consciente e reflexiva pode levar os alunos a modificarem suas práticas orais. (BENTES, 2010, p. 137).

É importante esclarecer que, embora o aboio e as toadas – um dos eixos em que se fundamenta esta pesquisa – tenham caráter extremamente oral, não se pretende transformar os estudantes em aboiadores, mas tomar como base o que discute Bentes (2010), para que os estudantes tenham uma postura reflexiva diante das manifestações orais dos aboiadores, percebam diferenças melódicas e tonais entre aboios e toadas e, principalmente, reconheçam a entonação própria desses gêneros como uma característica enriquecedora da cultura popular nordestina.

É papel da escola fomentar nos estudantes uma postura reflexiva sobre as variáveis linguísticas, seja da modalidade oral ou escrita, combatendo atitudes preconceituosas ou estereotipadas. Os aboios e toadas têm uma melodia própria e representativa de determinado grupo social. Essas vozes populares transmitem aspectos de seu mundo oral nas expressões, nos silêncios, nos gestos, no uso do corpo que complementa o dito, o cantado, o declamado, o narrado. (AYALA, 2013, p. 114).

Comumente certos julgamentos são contraproducentes sobre a linguagem oral, principalmente quando a oralidade é representativa de culturas marginais e de grupos minoritários, como é o caso do aboio. No tocante a essa problemática, encontramos uma reflexão pertinente nos estudos de Zumthor (2010):

É inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando-lhe os traços que contrastam com a escritura. Oralidade não significa analfabetismo [...] toda oralidade nos parece mais ou menos como sobrevivência, reemergência de um antes, de um início, de uma origem. Daí ser frequente, nos autores que estudam as formas orais da poesia, a ideia subjacente – mas gratuita – de que elas veiculam estereótipos primitivos. (ZUMTHOR, 2010, p. 25).

Nestas breves reflexões sobre oralidade e aboio, é imprescindível considerar sobre o que Zumthor (2010, p. 166) chama de jogo de provocação do outro. O jogo ao qual se refere é a performance, manifestada no jogo improvisado do aboio através do desempenho do artista no ato de criação do verso ou na interpretação que faz de uma toada, “em toda prática da poesia oral, o papel do executante conta mais que o do compositor [...] contribui mais para determinar as reações auditivas, corporais, afetivas do auditório” (ZUMTHOR, 2010, p. 236).

O estudante, ao se colocar como ouvinte de versos de aboios e toadas, adquire um papel nesse jogo performático, pois a poesia também está no modo como é recebida. Zumthor (2014) acrescenta que a performance é relativa às condições de expressão e de percepção do outro, simboliza um ato de comunicação. Os PCN (BRASIL, 1998) recomendam que as escolas desenvolvam atividades de escuta em que os estudantes possam ter contato com um *corpus* de textos orais variados que lhes possibilitem construir consciência linguística e desenvolvimento da competência comunicativa.

Ofertar versos de aboio na sala de aula é trazer a língua “viva” para estudo. O improviso poético é pura sincronia, tudo acontece no ato, com caráter efêmero, sem direito a ensaio ou a qualquer esboço, assim como na vida. É um exercício que permite diálogos muito além da forma linguística, possibilita uma atmosfera em que histórias, saberes e tradições se entrecruzam no jogo verbal e performático.

A performance é a constatação de que o corpo fala. Não é só com palavras que se estabelece a comunicação, ainda mais quando se trata do texto poético. A concretização da mensagem exige a mobilização de recursos das práticas orais como gestos, entonação, ritmo, pausas, tudo de modo simultâneo para extrair determinados sentidos e provocar reações na plateia, ao que Zumthor arremata:

*Performance implica competência.* Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo. É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama, emanação do nosso ser. (ZUMTHOR, 2010, p. 166, grifo do autor).

Outro aspecto importante em relação à oralidade do aboio e da toada que merece ser destacado encontra aporte nos pressupostos teóricos de Marcuschi nos quais há determinadas práticas que são mais profundamente influenciadas pela escrita, mesmo sendo essencialmente orais (MARCUSCHI, 2007, p. 36). Esse postulado se aplica à toada, um gênero que surge em circunstâncias orais, mas migra para o registro escrito nas anotações dos aboiadores.

Ayala (2013) apresenta o registro escrito da toada como um recurso usado pelos cantadores para perpetuar suas produções. Valem-se da escrita para manter sua literatura oral, colecionando o repertório em cadernos manuscritos, a fim de livrá-las do esquecimento ou ainda no intuito de ajudar os artistas mais novos.

## 4 AIÓ<sup>1</sup> DE SABERES: APRENDIZAGENS EM CONSTRUÇÃO

### 4.1 MANEJANDO LÍNGUA E CULTURA NA SALA DE AULA

A escola tem grande importância na disseminação do conhecimento, na promoção e na divulgação de saberes. O estudo da língua e a transmissão de valores culturais figuram entre as possibilidades de saberes vinculados à escola. Entretanto a distribuição e a importância dispensada a esses saberes não se dão de modo uniforme. Há diversos saberes que não encontram espaço na escola, dependem da consciência social, ideológica e política dos professores.

O ambiente escolar deve ser o ponto de encontro para as diversas culturas que circulam na sociedade, e a sala de aula, palco para incorporação de temas que perpassem a história dos alunos. É importante que possam compreender na escola o que se passa na vida, identificando e posicionando-se criticamente sobre diferentes papéis, ritos e práticas sociais, através do uso consciente da linguagem.

A necessidade de comunicação através da palavra abre a possibilidade para as expressões artísticas veicularem saberes, levando à integração das culturas dentro do universo escolar. Desse modo, a linguagem pode ser vista como fenômeno social de interação verbal, realizada pela enunciação dialógica (BAKHTIN, 2003[1979]), integrante da condição humana e norteadas por uma ação ideológica, através de processos de interação de valores culturais e sociais.

Conforme afirma Bakhtin (2003[1979]):

[...] para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som- bem como o próprio som no meio social. Com efeito, é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam à mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada. E mais, é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata, quer dizer, que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido. É apenas sobre esse terreno preciso que a troca linguística se torna possível. (BAKHTIN, 2003, p. 70).

O pensamento bakhtiniano ampara as ideias defendidas pelo antropólogo René Marc da Costa e Silva (2008, p. 15), para quem a linguagem é “[...] a capacidade de expressar, de

---

<sup>1</sup> Este e outros termos relacionados ao tema podem ser consultados no glossário produzido durante a intervenção, disponível em: Apêndice J, páginas 170 a 173.

simbolizar e comunicar ideias, sentimentos, sensações... enfim de dizer o mundo. Portanto, aquilo que existe de mais humano no homem”.

Silva (2008) parte dessa definição de linguagem para postular seu pensamento sobre cultura, a qual, no Brasil, remete à ideia de sofisticação e apresenta valores hierarquizados, a partir de uma lógica financeira e de mercado que encontra respaldo na própria escola, quando oferece um ensino de Língua que não considera toda a dimensão oral da linguagem e prima pela norma culta em suas diferentes modalidades. Para esse autor, tal hierarquização reflete que “[...] os conflitos culturais assentados nesta oposição entre cultura popular e cultura de elite são, na verdade, correlatos a diversas outras formas de conflitos – raciais, de classe, políticos, econômicos e simbólicos” (SILVA, 2008, p. 8).

Tais questões não podem ser ignoradas nesta pesquisa, uma vez que são essenciais para a definição do lugar que o aluno ocupa na sociedade, bem como para que o estudo da língua cumpra seu papel social de revelar e transformar as relações sociais.

Desse modo, este estudo busca abordar as questões linguísticas, tendo como premissa a ideia de língua como interação, assumindo uma concepção que prima pela forma de integrar diversos saberes através da comunicação. Assim, em relação ao ensino de Língua Portuguesa, é importante refletir acerca do Programa Nacional do Ensino, conforme o excerto de Possenti (2006):

[...] para que o ensino mude, não basta remendar alguns aspectos. É necessária uma revolução. No caso específico do ensino de português, nada será resolvido se não mudar a concepção de língua e de ensino de língua na escola (o que já acontece em muitos lugares, embora às vezes haja discursos novos e uma prática antiga). (POSSENTI, 2006, p. 16).

Inserir um ensino de Língua Portuguesa em que realmente se considere a realidade linguística do aluno é, talvez, uma forma de principiar essa revolução de que nos fala Possenti (2006). O ensino de língua, quando profícuo, traz o estudo do texto literário para o centro das discussões em sala e, junto a ela, marcas idiossincráticas que constituem a identidade e catalogam elementos da cultura popular para letrar os sujeitos; esse modo de trabalhar a língua garante o Letramento defendido por Soares, cujos “saberes aprendidos dentro e fora da escola são assimilados de maneiras diferentes e devem ser levados em conta quando pensamos em educação” (SOARES, 2003 apud MOLLICA, 2007, p. 11).

Dessa forma, Santos (2003) alerta a importância de discutir sobre cultura e refletir nossa própria realidade social. Para o autor, ainda que as sociedades teimem em fazê-lo, é impossível hierarquizar as culturas humanas. De fato, avaliar as culturas sob a perspectiva de

classificação é instaurar relações de poder nas atividades culturais. Essa visão segrega e dá margens para validar algumas culturas como superiores enquanto outras são desprestigiadas.

A cultura em foco neste trabalho tem como ícone a figura do vaqueiro nordestino – mas não cabe repetir o velho discurso pela via crucis estereotipada da imagem do Nordeste e do nordestino como coitados. O importante aqui é considerar sua importância dentro da diversidade cultural brasileira.

O cenário cultural brasileiro está cheio de desdobramentos e interlocuções surgidas do contato entre as culturas:

somos no plural, temos várias culturas populares, um universo tão rico que, mesmo submetido ao mundo globalizado que impõe uma cultura de massa, como uma colonização cultural, podemos observar que estamos vivendo um reviver de nossas raízes (GABRIEL, 2008, p. 78).

Para Bauman (2013), a cultura seria um agente de mudança do *status quo*, e não de sua preservação; ou, mais precisamente, um instrumento de navegação para orientar a evolução social rumo a uma condição humana universal.

As expressões culturais estão, portanto, diluídas na sociedade e acontecem à revelia das instituições de ensino. O ponto-chave é a escola extrair do seio social possibilidades de formação cidadã, a partir dessa vastidão cultural. O conceito de cultura é complexo porque envolve as diversidades das manifestações humanas e suas relações sociais, históricas e temporárias. Para atender a variados grupos, a cultura vai se ramificando em muitas nuances.

Jerusa Pires Ferreira (2003), pesquisadora baiana radicada em São Paulo, com base nos estudos do semiótico Maikháilovich Lotman, chama a atenção para o fato de que:

[...] todo texto contribui para a memória como para o esquecimento, que poderá realizar-se de formas diferentes. Ao notar que se excluem da cultura em seu próprio âmbito, determinados textos, verifica-se que a história desta destruição, de sua retirada de reserva da memória coletiva se move paralelamente à criação de novos textos culturais. (FERREIRA, 2003, p. 79).

O enfraquecimento da memória coletiva pode ser visto como consequência da exclusão a que se refere Ferreira (2003). Outro fator que contribui para enfraquecer a memória coletiva é o fato de que o universo escolar, ao excluir a cultura popular de seu ambiente, contribui para tal apagamento. Atentemos mais uma vez para as ideias defendidas por Silva (2008), em que a escola aparece como lugar de exclusão, orientada a atender as expectativas de um sistema que aliena e desumaniza. A escola pode também excluir através

dos livros didáticos adotados, muitas vezes o único instrumento do professor na sala de aula. Nesse caso, a exclusão acontece porque os livros, em sua maioria, desconsideram as diversas realidades dos estudantes brasileiros. O papel do professor é criar condições para que outros textos/gêneros circulem na sala, alargando as possibilidades disponibilizadas nos livros didáticos.

Silva (2008, p. 15) chama a atenção para uma questão importante em relação ao papel da escola: “[...] a necessidade de construir histórica e coletivamente a escola como um espaço onde diferentes linguagens possam produzir, portanto, novo sujeito”.

A afirmação do antropólogo ilustra um ponto de convergência entre as ideias de Bakhtin, as ideias de outros autores apresentados aqui e o que se propõe neste estudo, que é: a partir da análise do lugar social que o sujeito ocupa, despertá-lo para a leitura do texto literário e para o desenvolvimento de práticas escritoras, através da valorização de sua cultura.

#### 4.2 LETRAMENTO, MOTE DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Paulo Freire (1996) faz um alerta aos educadores sobre a necessidade de se ter bom senso para ensinar. O bom senso pode estar na sala de aula através do comprometimento do professor com a formação do educando, uma formação para além da transmissão de conteúdo. Freire afirma que “não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos e educadores, alhear-se das condições sociais, culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos” (FREIRE, 1996, p. 63).

Sendo assim, o que realmente importa em educação é uma aprendizagem rica em práticas sociais contextualizadas no conhecimento escolar, que vá além do aprisionamento aos cânones e rompa barreiras contra estereótipos, incluindo a espontaneidade da língua. Para isso, é preciso muito mais que aprender a decifrar códigos e acumular regras. É fundamental imprimir significados nas mais diversas práticas sociais e, através delas, ler a vida.

Os PCN (BRASIL, 1998) preconizam que:

[...] a escola deverá organizar um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto [...] destinatário (s) e seu lugar social, finalidade ou intenção do autor [...] e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. (BRASIL, 1998, p. 49).

Definir Letramento não é uma tarefa fácil e formular uma definição que possa ser aceita sem restrições parece impossível (SOARES, 2017). Neste trabalho, tomaremos por base a definição proposta por Street (2014, p. 13), que considera “Letramento como práticas sociais, focalizando a natureza social da leitura e da escrita e o caráter múltiplo das práticas letradas, valendo-se de perspectivas transculturais”. Essa interpretação acomoda a proposta desta pesquisa, em que, embora a escola seja a esfera social responsável pelo Letramento, ele não acontece apenas nos limites das salas de aula.

Em relação ao Letramento escolarizado, também conhecido como modelo autônomo, Street (2014) chama atenção para o fato de que esse modo de Letramento, que ainda domina o currículo escolar, está ultrapassado:

[...] a geração anterior pressupunha que o Letramento com ‘L’ maiúsculo e no singular era uma coisa autônoma que tinha consequências para o desenvolvimento pessoal e social. O modelo autônomo de Letramento tem sido um aspecto dominante da teoria educacional e desenvolvimental. Uma das razões para nos referirmos a essa postura como modelo autônomo de Letramento é que ela representa a si mesma como se não fosse, de modo algum, uma postura ideologicamente situada, como se fosse simplesmente natural. Uma das razões porque desejo chamar sua contrapartida de ideológica é precisamente para assinalar que aqui não estamos falando de aspectos técnicos do processo escrito ou do processo oral. Estamos falando, sim, é de modelos e pressupostos concorrentes sobre os processos de leitura e escrita, que já estão sempre encaixados em relações de poder. (STREET, 2014, p. 146).

Dialogando com Street (2014), Rojo (2012) convida à reflexão de quanto da exclusão escolar e social é relacionada às falhas da escola no Letramento dos alunos que se afastam. Boa parte dos jovens brasileiros não estuda e abandona a escola antes de concluir o Ensino Médio. É preciso que a escola tome para si a responsabilidade da permanência do aluno na escola. Uma forma de contribuir com este processo é antecipar ações de Letramento que motivem os alunos a continuar na escola por mais tempo.

O conjunto de atividades promovido pela escola deve proporcionar Letramento aos alunos, e, para isso, é necessário considerar o uso social dos textos e suas condições de produção. Mas como proporcionar esse Letramento? E de que modo o Letramento pode contribuir com uma formação humanizadora dos estudantes?

No âmbito deste estudo, a situação esperada é que o Letramento amplie a percepção do estudante em relação à importância da cultura do boio, perspectiva que pode contribuir para uma mudança na forma de pensar, promovendo alterações no modo como ele se relaciona com o mundo e o modo como vê seus pares. Só trabalhar o boio e a toada na sala

de aula não garante a permanência do aluno na escola nem o domínio da língua, mas pode cooperar no sentido de que o entendimento que ele tem si mesmo e de seu entorno possa ser melhorado muito mais do que as transformações técnicas em relação ao uso da língua.

Diversas esferas da vida social exigem o uso de habilidades e de conhecimentos que não estão vinculados necessariamente aos conteúdos trabalhados nos currículos das escolas, mas são fundamentais em atividades do cotidiano, por isso importa que a escola adote políticas públicas e metodologias adequadas de Língua Portuguesa e que os profissionais da educação dominem suas técnicas, uma vez que estas representam esferas de Letramentos em contextos sociais. No entanto muitos professores sentem-se inseguros para respeitar saberes como o aboio e a toada, ignorados pelos conhecimentos acadêmicos.

Os aboios e toadas que nascem do saber pragmático do vaqueiro ou da observação dos aboiadores exemplificam muito bem esses saberes transmitidos longe dos padrões definidos pelas escolas, representam uma movência do termo Letramento para práticas reais, em que a oralidade, a leitura e a escrita cumprem uma função social.

De acordo com Magda Soares “o termo Letramento foi estudado inicialmente no Brasil nos anos 80, hoje faz referência não apenas ao domínio da linguagem escrita como também envolve múltiplas capacidades de linguagem” (SOARES, 2017, p. 15). Segundo Rojo (2009), o Letramento recobre usos da escrita valorizada ou não valorizada, envolvendo situações globais ou locais em contextos diversos.

Street (2014) argumenta que os letramentos devem ser vistos como um tipo de prática comunicativa que envolve as estratégias de leitura e escrita. As pessoas absorvem práticas letradas em suas próprias convenções orais, o que desmistifica a relação embrionária do Letramento com os usos da língua escrita e comprova seu uso em contextos sociais, sejam eles na modalidade oral ou na escrita.

O Letramento manipulado pelos aboiadores para fazer seus versos não foi adquirido na escola nem tem qualquer relação com conhecimentos formais. Esses cidadãos, possivelmente, apresentem baixo desempenho se avaliados pelo sistema educacional, mas o modo como discutem os temas sociais, a agilidade do pensamento na construção das rimas do aboio e as referências histórico-sociais que utilizam nas toadas são reveladoras de como o Letramento encontra-se além das normas escolares.

Torna-se um grande desafio conceituar esse conhecimento como símbolo de uma cultura diante da categorização opressora do saber científico. A ideia do Letramento desvinculado da escolarização é reforçada por Street (2014) ao condenar juízos de valor

acerca da suposta superioridade do Letramento escolarizado com relação a outros Letramentos.

Rotular um sujeito de iletrado porque ele não atende a requisitos da educação formal é desconsiderar as formas de conhecimento defendidas por Freire (1989), em que ler o mundo ocorre antes mesmo que se leia a palavra. Não é o caso de diminuir a importância do Letramento formal e escolarizado, porém reduzir as práticas letradas às técnicas de aquisição e desenvolvimento da escrita no ambiente escolar é aniquilar a dinâmica dos processos sociais.

Mais uma vez, Street (2014) destaca a necessidade de respeitar as variedades de processos imbricados no Letramento:

[...] a maioria dos povos tem alguma experiência com formas de Letramento, seja [...] por meio de textos religiosos tradicionais, seja, como em tantas outras circunstâncias, por meio da exposição, ainda que mínima, ao Letramento comercial das elites locais ou culturas vizinhas. Em todos esses casos a realidade é uma mescla de convenções orais e letradas, e a introdução de formas específicas de Letramento por meio da educação ou de campanhas institucionais representa uma mudança nessas convenções, e não a introdução de um processo inteiramente novo. (STREET, 2014, p. 58).

Cabe aqui salientar a importância de entender que o Letramento é relevante para compreender a gama de textos com os quais lidamos diariamente, afinal o texto está presente em nossa sociedade de forma tão intensa que se tornou parte do cotidiano. Muitas vezes nem nos damos conta da quantidade de códigos que precisamos dominar para interagir em situações básicas do dia a dia.

Ao mesmo tempo em que somos consumidores de textos, somos também produtores; e, numa relação antropofágica, vamos nos devorando através das linguagens que usamos para dizer quem somos.

#### 4.3 FANFIC: DESAFIOS DE UMA ESCRITA INTERATIVA

A proposta de produto final desta pesquisa surgiu a partir dos estudos de Rojo (2012) sobre multiletramentos, em que chama a atenção para urgência com que a escola precisa se comprometer com os letramentos despontantes na sociedade e incorporar aos currículos a pluralidade cultural que não tem encontrado espaço devido à intolerância na convivência com a diversidade.

Diante desse cenário, em que a educação precisa ser cada vez mais rica em possibilidades educacionais, a criação de um material que integre a nova linguagem das TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação) com as raízes da cultura popular mostra-se um diálogo ideal entre saberes diversos e necessários para uma formação humanizadora do estudante, por isso a ideia de um livreto de *fanfics* de toadas.

Para produzir os textos, os estudantes tomaram como base narrativa toadas já conhecidas, a fim de criar suas próprias histórias, mesclando elementos, enredos e/ou personagens. Desse modo, uma narrativa que tenha se tornado célebre através da toada serviu de suporte para o surgimento de outra, dessa vez de autoria do estudante.

O gênero textual *fanfics* (originado do inglês *fan* e *fiction*), segundo Fontenele (2015) designa produções textuais criadas por fãs com base na leitura que fizeram do texto original. Escritores amadores, inspirados na leitura de uma obra que lhes cativou, criam histórias fictícias com base nela. Isso pode ser através da criação de novos personagens para complementar a história, alteração do enredo ou, ainda, continuação da história. É uma forma de o leitor que se tornou fã continuar em contato com a história, e mais, de adquirir poder e controle sobre a obra.

Tenório (apud FONTENELE, 2015, p. 37) afirma que a *fanfiction* (forma não abreviada para *fanfics*) é uma maneira de as pessoas dialogarem com as obras e consigo mesmas; é um modo de “desenvolverem um enredo que tenha relação com a obra original, mas que possa ter o olhar deste leitor”.

Sobre a escrita desse gênero, Cavalcanti traz uma contribuição valiosa de Black (2006, p. 3), ao iluminar os estudos desse gênero com a seguinte definição:

Fanfiction é a escrita na qual os fãs usam narrativas midiáticas ou ícone culturais como inspiração para criar seus próprios textos. Em tais textos, os fãs autores imaginativamente estendem o enredo ou a cronologia original (...) criam novos personagens (...), e/ou desenvolvem novos relacionamentos entre personagens já presentes na fonte original. (BLACK, 2006 apud CAVALCANTI, 2010, p. 6).

A *fanfic* é um gênero textual que, embora não tenha surgido na era da internet, encontrou na rede social grande popularidade, seja por seu caráter interativo, seja pela própria abertura das relações interpessoais, pois o entrosamento que se tem hoje em dia facilita as trocas e divulgação entre os admiradores de determinado autor ou produto, facilitando o acesso que se tem às obras e aos grupos de seguidores.

A vertente interativa desses textos comunga com a lógica colaborativa das novas ferramentas da comunicação e, em contato com as toadas (ROJO, 2012, p. 24), permite abalar as relações de poder prefixadas, especialmente em relação à produção e acesso a culturas marginalizadas, permitindo uma aproximação da cultura popular aos cânones protagonizados na educação formal.

## 5 METODOLOGIA

As ações desta pesquisa buscaram promover Letramento à luz de cantorias em que Aboios e Toadas foram utilizados como objeto didático/pedagógico, de modo a potencializar a leitura crítica, interativa e formativa do texto literário.

O estudo, concentrado na área de Linguagens e Letramento, seguiu a linha de pesquisa Teorias da Linguagem e Ensino e teve como foco implantar intervenção no sentido de contribuir para o desenvolvimento de competências leitoras, escritoras e literárias. A partir do estudo dos gêneros textuais Aboios e Toadas, utilizou-se o método de abordagem de pesquisa qualitativa através de uma sequência didática.

A opção pela abordagem qualitativa surgiu da necessidade de observar fatores não mensuráveis, pois a pesquisa qualitativa considera o modo como indivíduos imersos em determinadas condições sociais se comportam, sem preocupação com o número de ocorrências de determinado fato, já que o principal interesse da ciência social, segundo Weber (apud GOLDENBERG, 2004, p. 19) é “[...] o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social, ou seja, o comportamento ao qual os indivíduos agregam significado considerando o comportamento de outros indivíduos”.

Diante disso, esta pesquisa buscou explorar efeitos de sentidos em recorrência na linguagem literária das cantorias de Aboios e Toadas, cujas discussões ampliaram o olhar do aluno para seu próprio entorno social, de modo a descortinar o véu da indiferença de parte das escolas brasileiras por esse tipo de cultura, revelando a importância e a riqueza da cultura local na ampliação do conhecimento de mundo e como veículo de Letramento.

Cabe dizer ainda que a abordagem qualitativa permitiu o desenvolvimento de ações didáticas que contribuíram significativamente para ampliação da competência leitora e auxiliaram no reconhecimento de características do texto literário presentes no gênero textual Aboios e Toadas, a fim de motivar os alunos a criarem seus próprios textos literários a partir da escrita de *fanfics*.

O método da pesquisa intervencionista, segundo Tripp (2005), consiste em, a partir da observação do que não está bem na prática cotidiana, criar estratégias que possibilitam interferir na execução das tarefas e obter uma nova prática. Esta pesquisa analisou o problema da ineficácia no ensino de literatura e como a inacessibilidade a este tipo de leitura contribui para o distanciamento entre o aluno da escola pública e a arte literária.

Mediante as observações de que os alunos chegam ao Ensino Médio com a ideia de que a Literatura é algo distante, buscou-se desmistificar o acesso ao texto literário e levar os

estudantes à percepção da literatura como um elemento presente em seu cotidiano, como prática de seu entorno social, por isso priorizaram-se atividades que mostraram a literatura perto de todo lugar em que haja uma história para contar, e não apenas em bibliotecas e livros clássicos, revelando a literatura através de sentimentos e vivências cotidianas. Com isso, buscou-se encorajar o estudante para a produção de sua própria literatura de *fanfics*.

De acordo com Tripp (2005, p. 454), “de uma perspectiva puramente prática a Pesquisa-ação funciona melhor com a cooperação e colaboração porque os efeitos da prática de um indivíduo isolado sobre uma organização jamais se limitam àquele indivíduo”. Esse é mais um aspecto que justifica a escolha por esse método de pesquisa, dada a logística necessária para atingir os objetivos propostos, em que comunidade e alunos atuarão em conjunto, colaborando um com o outro em prol do mesmo fim.

A aplicação desta pesquisa em turma de 9º ano, pertencente a uma escola pública de zona rural, possibilitou um trabalho reflexivo – propício para a Pesquisa-ação – sobre a realidade local, uma vez que a literatura ofertada ao sujeito da pesquisa é produzida no seu próprio meio social.

A qualidade do projeto de pesquisa perpassa pelo cumprimento de normas e procedimentos que garantam respeito à essência humana e submissão aos dados coletados de modo fidedigno e imparcial. A ética adquire, então, importância salutar em todas as instâncias de execução da pesquisa, desde a coleta de dados até a divulgação dos resultados.

Perante a relevância da ética na pesquisa como elemento basilar, fornecedor de isonomia e imparcialidade, a pesquisa atendeu aos critérios adotados pelo Comitê de Ética da UEFS, normatizados e regulamentados pelo CONEP (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa), em cumprimento à resolução 466/12 do CNS (Conselho Nacional de Saúde) e sua complementação 510/16, proposta bioética provedora de termos e resoluções que garantem a eticidade a pesquisas de cunho humanístico, conforme inscrição no CEP 004153/2017.

Por se tratar de estudo com seres humanos, houve preocupação com integridade física, respeito à privacidade e esclarecimento de cada etapa da pesquisa. Em primeira instância, toda a proposta foi socializada com a direção e, posteriormente, com o corpo docente da comunidade escolar, a fim de informá-los e sensibilizá-los da necessidade desse tipo de trabalho para melhoria da qualidade da educação pública.

Depois de informar aos colegas professores, chegou o momento de organizar uma reunião com a comunidade escolar, envolvendo pessoal de apoio, pais e alunos da série em que se desenvolveu a pesquisa para apresentação da proposta. Foi uma oportunidade de sensibilizá-los para a importância deste estudo, não apenas pela melhoria que pretendia

alcançar no posicionamento oral e no nível de leitura dos alunos envolvidos, mas pelo caráter de resgate da cultura, uma vez que pessoas da comunidade colaboraram com o material que serviu de recurso pedagógico durante aplicação da Sequência Didática.

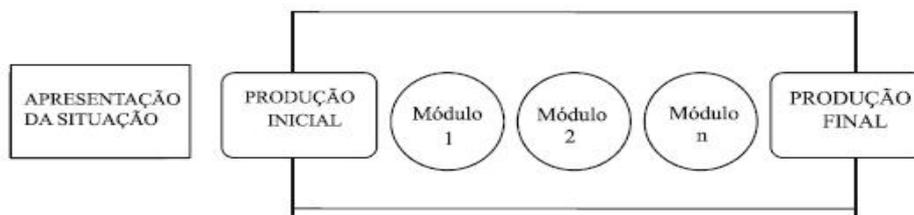
O fato de esta pesquisa envolver elementos culturais ligados à história local, como forma de valorização da autoestima e do cotidiano, foi bastante destacado, como também foi esclarecido que, embora a proposta seja beneficiar alunos e comunidade, todos estavam livres para não participar.

Para nortear a aplicação da pesquisa, adaptou-se a sugestão do Profletras de utilizar a proposta de SD de Schneuwly e Dolz (2004), cujas ideias passam pelo princípio de que um gênero, para ser suporte da atividade de linguagem, precisa abrigar conteúdos e conhecimentos, partilhar estruturas comunicativas e semióticas e mostrar a posição linguística do enunciador. Vale salientar que o gênero Aboios e Toadas encaixa-se facilmente nos requisitos propostos pelos pesquisadores franceses porque permite o estudo da língua em variadas vertentes, da gramática à literatura, do escrito ao oral.

Segundo os autores Schneuwly e Dolz (2004), a Sequência Didática deve:

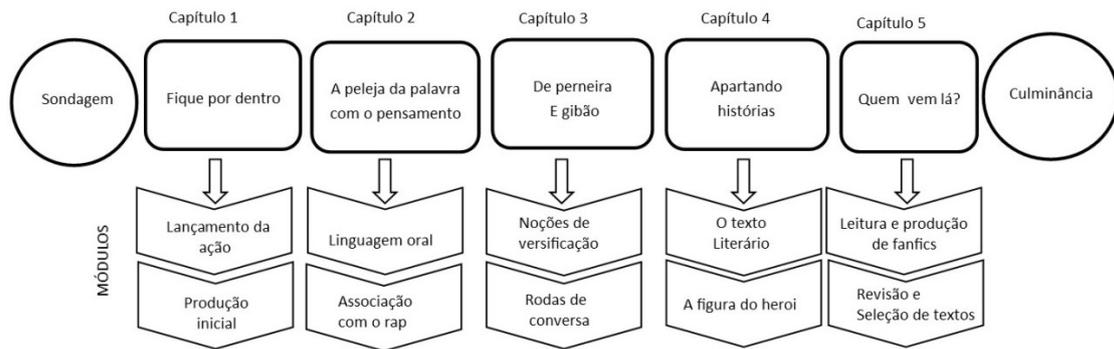
Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em que situações de comunicação diversas. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 96).

Figura 1 – Esquema de SD no modelo Dolz e Schneuwly



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010, p. 83).

Figura 2 – Esquema de SD adotado nesta pesquisa



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Esta pesquisa não reproduziu fidedignamente o modelo francês de SD. Algumas alterações se fizeram necessárias a fim de contemplar os objetivos propostos, conforme podemos observar na figura 2 a adaptação feita ao modelo de Dolz, Noverraz e Schneuwly (figura 1).

A primeira prática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010) é a apresentação da situação. Aqui, o lançamento da ação ocorreu no módulo 1 e a atividade inicial foi uma sondagem (apêndice B). Os módulos foram agrupados em capítulos e organizados de modo a facilitar a operacionalização dos gêneros textuais que lastrearam este estudo. Outro ponto de distanciamento é que o modelo de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010) prevê a utilização de um único gênero textual, mas neste estudo foi necessário operacionalizar dois gêneros, primeiro o gênero aboio e toadas para só depois apresentar o gênero *fanfic* aos estudantes.

O exemplo defendido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010) sugere, durante a aplicação das atividades, uma produção final. Para este estudo, além de um livreto como produto final, foi previsto um evento de culminância com atividades que pudessem integrar os participantes da pesquisa à comunidade local.

Visando manter a contextualização do tema e despertar interesse nos estudantes, os capítulos receberam títulos relacionados ao vocabulário epistemológico do universo do aboio e toada. As atividades dos módulos e os capítulos estão descritos na seção 6 – Caminhos da intervenção, item 6.5 Aplicação da proposta.

## 5.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Os participantes desta intervenção são alunos do 9º ano do Colégio José Rufino, uma escola da rede municipal de Riachão do Jacuípe, localizada na zona rural, no povoado de Chapada, distante 20km da sede do município.

O contato com a turma foi novidade tanto para os alunos quanto para mim, pois, apesar de trabalhar na comunidade há 14 anos, atuo na escola estadual e recebo os egressos do Colégio José Rufino quando encerram o ciclo do Ensino Fundamental II, por isso não tenho convívio com eles até que cheguem ao Ensino Médio. Dessa forma, o perfil da turma foi traçado a partir desta intervenção, sem considerar caracteres anteriores a não ser aspectos destacados pela ficha de avaliação diagnóstica (Cf. Apêndice A) preenchida pela professora da classe.

Desse modo, o panorama relatado tem a intenção de apresentar a turma. As informações vieram de um questionário de sondagem aplicado um mês antes do início da intervenção (Cf. Apêndice B), e foram discutidos apenas aspectos mais relevantes. As minúcias ficam reservadas à análise dos dados da pesquisa que será apresentada na seção 8 desta dissertação.

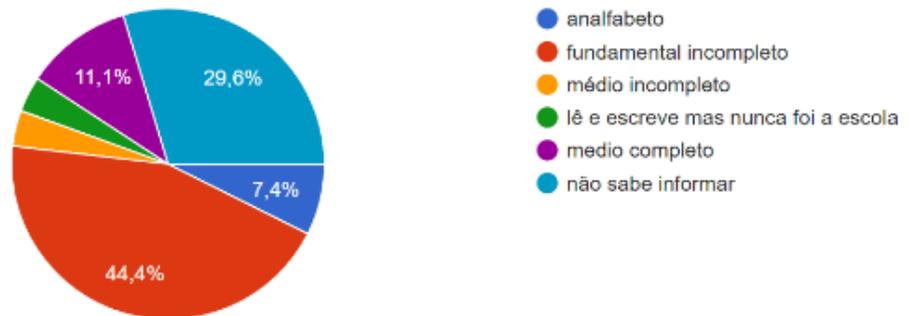
Um dado relevante está indicado no tópico da avaliação diagnóstica, que procura saber como o aluno se considera em relação à cor da pele. Apenas 1 deles (3,7%) considera-se negro, quando uma rápida observação mostra que quase a totalidade dos sujeitos tem pele negra. Isso revela que há um problema na aceitação de sua imagem. O tema da pesquisa busca contribuir para elevar a autoestima desses jovens com atividades que prestigiem as origens, mostrando relevância em ser quem se é. Descortinar o véu da indiferença social que recai sobre a profissão do vaqueiro será uma forma de ajudar na descoberta desse valor, já que muitos têm familiares que exercem essa profissão.

Os itens 7 e 8 da avaliação buscam saber o nível de instrução dos pais, conforme as figuras 3 e 4.

Figura 3 – Instrução do pai

## 7. Nível de instrução do pai

27 respostas

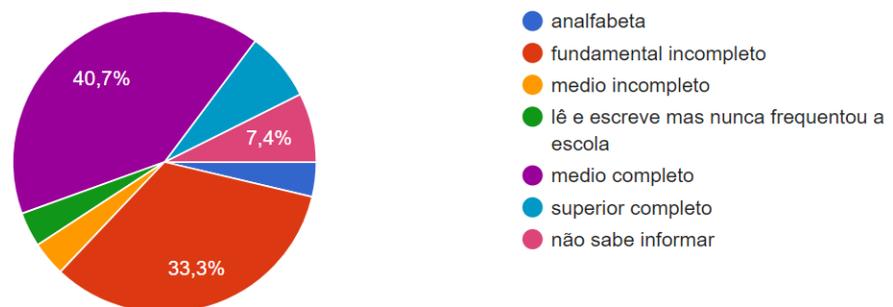


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 4 – Instrução da mãe

## 8. Nível de instrução da mãe

27 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Uma comparação entre os dados revela envolvimento maior da figura da mãe com a instrução dos filhos, seja por representar um exemplo para ser seguido – já que 40% das mães têm Ensino Médio completo, enquanto apenas 11% dos pais concluíram os estudos –, seja pelo grau de envolvimento entre eles, pois o número de alunos que não sabe informar o nível de instrução do pai chega a quase 30%, enquanto apenas 7% deu a mesma resposta em relação às mães. Esse dado sugere maior cumplicidade do estudante com a mãe do que com o pai; quanto à relação paterna, os alunos nem mesmo sabem a série em que seus pais pararam os estudos. Esse resultado pode vir do fato de muitos pais precisarem se afastar de casa para trabalhar, já que na comunidade a oferta de emprego é bem limitada.

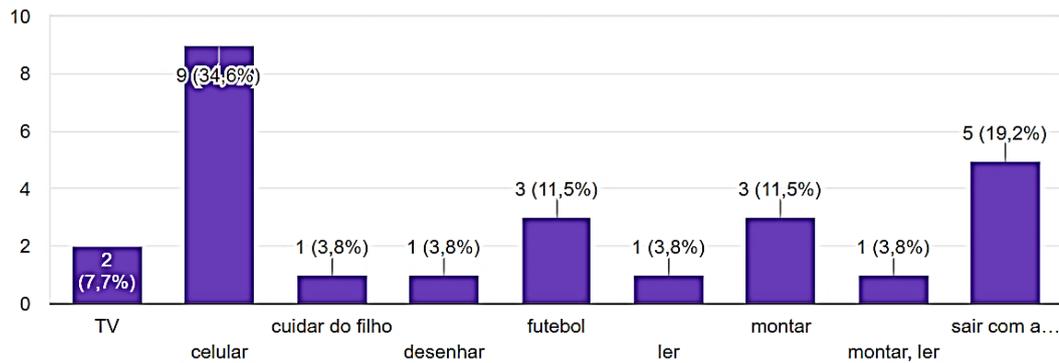
Outro dado importante para o direcionamento deste estudo mostra que mais da metade dos alunos (63%) disseram que alguém da família já trabalhou como vaqueiro. Esse percentual revela o quanto a profissão está presente no cotidiano desses estudantes que têm pai (11%), avô (11%), irmão (16%) ou tio (16%) que atuam ou já atuaram como vaqueiro. O contato dos alunos com pessoas que exercem esse ofício, cuja relação é direta com o universo do aboio e toada, foi fundamental para o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas nesta pesquisa.

Chama a atenção o indicador obtido da comparação entre as perguntas 13 e 14 do questionário. Em resposta à questão 13, a maioria disse que ficar no celular é o que mais gosta de fazer no seu tempo livre, mas ao serem questionados se gostam de ler (item 14), 63% responderam “sim”, conforme apontam as figuras:

Figura 5 – Tempo livre

### 13. o que mais gosta de fazer no seu tempo livre?

26 respostas

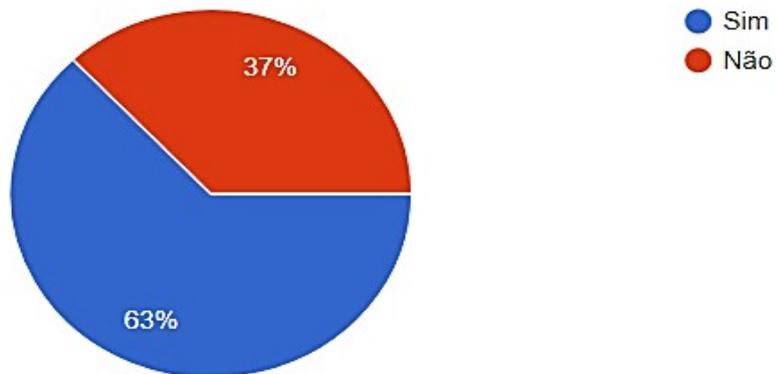


Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 6 – Gosto pela leitura

## 14. Você gosta de ler?

27 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Consideramos o dado como curioso porque ele traz algumas possibilidades de interpretação. A primeira seria a de que os estudantes não estão sendo francos ao afirmarem que gostam de ler; outra interpretação estaria relacionada ao acesso: gostam de ler, mas os livros não estão ao seu alcance. Uma terceira possibilidade seria a de que o contato com a leitura se dá enquanto usam o celular.

A instalação do Oitão de leitura na sala de aula durante a intervenção comprovou que o contato com os livros facilita a formação do hábito de ler, mas é válido lembrar que estamos na era do virtual, as possibilidades leitoras foram renovadas e o celular pode, de fato, ser um agente facilitador.

Ao se comparar esses itens com o complemento da questão 14, que trata do tipo de leitura, nos deparamos com outra inquietação: se gostam mesmo de ler e a leitura favorita é revista em quadrinho (item 14.1), por que apenas 3,8% indicou a leitura como a atividade preferida no tempo livre? E, dentre aqueles que leem, o número de exemplares por ano ainda é muito pouco para o gênero HQ – 1 a 2 exemplares anualmente.

Diante desses dados, a impressão que se tem é a de que os alunos buscaram dar a melhor resposta para alguns itens do questionário. Assim, em lugar de um recorte da verdade, o que pode estar sendo delineado é a idealização de uma realidade construída pelos estudantes

com base em fatos que, talvez, eles desejassem que fossem reais; eles gostariam de ser o leitor que dizem que são.

Outro ponto de incoerência entre as informações e os fatos foi o modo como os estudantes têm acesso à internet: 81% afirmaram acessá-la de sua própria casa. Esse percentual, obtido um mês antes da intervenção, nos encorajou a integrar as TICs à proposta da pesquisa, pois a facilidade de acessar a internet torna a rede uma aliada e permite pensar em atividades por meio dela. No entanto, durante a intervenção, os alunos pouco acessaram o *blog* criado para compartilhar atividades, alegando dificuldade de conexão com a internet. Na escola, o acesso é limitado aos professores que pagam do próprio bolso pelo serviço.

Através dessa avaliação, os alunos sinalizaram também que preferem defender um ponto de vista falando (53%), embora um número considerável (47%) escolha a escrita para posicionar-se. Esse dado é muito importante e acomoda confortavelmente a proposta desta intervenção, que é partir do gênero oral com os aboios e toadas para a produção de texto escrito, através da criação de narrativas de *fanfics*.

As últimas questões da diagnose estavam direcionadas à relação que esses estudantes têm com a cultura do aboio e da toada, envolvendo a apresentação de vaqueiros, festas de montarias e competições ligadas ao cavalo. Um número considerável afirma participar de tais atividades. 65% deles dizem acompanhar a parte cultural, no caso o desfile com aboiadores, competições e entregas de prêmios, os outros 35% vão às festas, mas não se envolvem com as atividades culturais.

A aplicação desse questionário serviu de guia para o desenvolvimento das ações pedagógicas que nortearam a intervenção. A partir dele, a figura do vaqueiro ganhou impulso dentro da proposta, o planejamento do glossário encontrou forma e a produção de texto do gênero das *fanfics* tornou-se propositura tangível.

## 5.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Esta pesquisa contou com a participação de vinte e sete estudantes e a colaboração de três aboiadores, três vaqueiros, um jovem estudante e os familiares de um vaqueiro *in memorian*. Todos exerceram um papel ativo como produtores de objeto de estudo, no entanto selecionamos apenas 12 estudantes como sujeitos. A análise dos dados, portanto, estará concentrada ao *corpus* resultante do material didático desses sujeitos. São três do sexo masculino e nove do feminino, dentre eles apenas um não mora no povoado de Chapada, residindo em um Vilarajo a cerca de 2km do povoado.

Os critérios usados na seleção levaram em conta o acesso à internet, a fim de viabilizar a ferramenta do blog, o envolvimento nas atividades desenvolvidas ao longo da intervenção e o grau de interesse em participar da pesquisa. Esses sujeitos, com idade média de 14 anos, serão representados por códigos, de modo a identificá-los sem reconhecê-los ou causar qualquer tipo de exposição. A saber: CA, TN, CM, AA, CP, NN, EJ, MS, LM, FV, DG e EO.

Para a codificação, criamos um reconhecimento formado por duas letras: a primeira simboliza um dos nomes do aluno e a segunda é uma referência ao nome de seu responsável no projeto<sup>2</sup>, por exemplo, PA seria a aluna Paula, cujo responsável é Alfredo. Este exemplo tem caráter ilustrativo e não corresponde à realidade, já que, pelo princípio da ética, os nomes dos sujeitos não podem ser revelados.

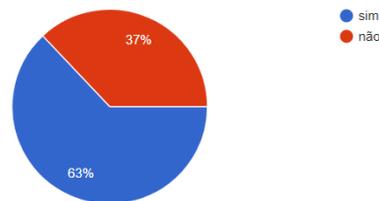
Um ponto importante para a triagem dos sujeitos foi a relação que cada estudante tem com o universo da cultura do aboio e, conseqüentemente, com a figura do vaqueiro, que é o grande representante dessa cultura. Na família de 4 dos sujeitos, ninguém exerce essa profissão, já os outros 8 afirmam ter pelo menos um parente vaqueiro. Esse dado representa a situação da maioria da turma, conforme apontado na avaliação diagnóstica (figura 7).

---

<sup>2</sup> É comum em cidades pequenas as pessoas serem conhecidas por uma alusão aos parentes. Escolhi manter esse tipo de referência.

Figura 7 – Vaqueiro na família

12 Alguem da familia ja trabalhou como vaqueiro?  
27 respostas



37% não

63% sim

Fonte: Dados da pesquisa.

Um dos critérios usados na seleção levou em conta a resposta no questionário de avaliação diagnóstica para o modo como escolhem se comunicar. Dos 12 sujeitos selecionados, a metade sinalizou que prefere expressar suas ideias escrevendo, e a outra metade apontou que acha melhor usar a fala na hora de se comunicar.

A proposta da pesquisa é partir do oral através da poética do aboio para a escrita baseada nas toadas, por isso entendemos que seria adequado equilibrar os dados em relação ao modo como os sujeitos se apropriam da linguagem. Vale esclarecer que o intuito desta pesquisa não era formar aboiadores nem escritores, mas utilizar a linguagem oral e escrita para desenvolver aspectos de letramento, através da cultura popular, nesses contextos de oralidade e de escrita.

## 6 CAMINHOS DA INTERVENÇÃO

### 6.1 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Quando se fala em material didático, tem-se por hábito pensar logo no livro, afinal este costuma ser o único recurso disponível, ou o mais utilizado pelos professores brasileiros. Um fato a ser observado é que as escolhas que chegam às salas de aula são resultado de uma seleção limitada às ofertas do PNLD, e escolas de comunidades rurais, como a José Rufino, muitas vezes não têm opção: recebem livros selecionados pelos professores das escolas de grande porte ou pela equipe da secretaria de educação da região. No entanto os profissionais que selecionam o material não vivenciam a realidade da sala de aula ou, no caso dos professores das grandes escolas, não convivem com as experiências dos alunos de comunidades rurais.

Desse modo, o conteúdo trabalhado nas aulas pode ficar limitado às possibilidades ofertadas pelo livro. Para isso não acontecer, é preciso criatividade e percepção ideológica do professor, ampliando as possibilidades do livro didático. Muitas vezes, quando vai além, não passa de material impresso e reproduzido em fotocópias de má qualidade, salvo algumas exceções em que professores, comumente com recursos próprios, inovam levando material audiovisual ou fotocópias coloridas e de melhor qualidade.

No entanto, embora a falta de recursos financeiros seja um fator decisivo, mas que pode ser contornado através de mobilização política na escola para a captação de recursos, o grande problema em relação ao material didático é a inadequação dos conteúdos e temas abordados, que não contemplam as diferentes realidades. Por mais que tenham uma proposta metodológica adequada à idade/série dos estudantes e variem os gêneros e os assuntos tratados, os materiais didáticos não dão conta de atender todas as demandas sociais e culturais. É necessário, portanto, sensibilidade e boa vontade do professor para criar ou adaptar instrumentos que sirvam de ferramenta pedagógica e atendam às demandas do público de cada escola; um material que satisfaça os processos de aprendizagem através de elementos e temáticas locais.

Sensível a essas necessidades, o Programa do Profletras inclui em sua proposta pedagógica a criação do material didático que será utilizado durante a intervenção. O objetivo é produzir uma ferramenta que atenda necessidades específicas, contemplando as particularidades da turma com temáticas locais e o gênero escolhido. Assim, foram pensados

critérios e recursos a serem explorados para atingir os objetivos do projeto de intervenção, sem perder o foco nas questões sociais da comunidade dos alunos.

Figura 8 – Kit didático



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse material está formado por um kit didático (figura 8) composto de crachá de identificação, bolsa, camiseta, estojo – contendo lápis, borracha, apontador, caneta, clips, *postit* e marcador de texto – e uma pasta do aluno constituída de caderno de atividades modulares, diário de bordo, glossário e CD (coletânea de aboios e toadas), tudo personalizado com nome do aluno.

As atividades do caderno pedagógico foram organizadas em capítulos temáticos e distribuídas aos alunos a cada encontro, conforme o desenrolar da sequência didática. A opção de montar o caderno por partes deu-se com o propósito de manter o fator surpresa – a cada encontro, uma novidade –, e também para que as atividades de fato atendessem as demandas surgidas durante o percurso, pois poderiam ser adaptadas às necessidades percebidas.

Embora os capítulos fossem construídos buscando atender a constatações observadas durante o processo, um elemento novo era sempre encaixado nas seções fixas que compunham o caderno (Cf. apêndice E). Esses segmentos estavam divididos de acordo a atividade proposta e com finalidades específicas. A seção “*Desmantelo pra cuca*” aborda o tema de modo divertido, são jogos, quebra-cabeça, desafios, entre outros; já a seção “*Conversa de pé de mourão*” propõe uma análise com maior propriedade do tema do capítulo, levando o aluno a entrar em contato com informações que ampliarão a discussão proposta; “*Abrindo a porteira*” é um recurso de introdução à matéria; a seção “*Matutando*” instiga o

pensamento crítico ao propor uma reflexão sobre o tema e “*Testado*” encaminha práticas avaliativas.

O diário de bordo (Apêndice E) que compõe o caderno de atividades faz parte do material fixo recebido pelo aluno no início da intervenção. O objetivo deste componente era incentivar a produção textual, propondo uma escrita regular de registro dos encontros e dos sentimentos evocados pelas relações estabelecidas ao longo da intervenção. Os alunos poderiam usar também anotações referentes ao Oitão de leitura. Não havia intenção de corrigir os diários, portanto, quanto mais livre o sujeito se sentisse em relação ao ato de escrever, mais ele poderia produzir textos verdadeiros.

A proposta do glossário parte de uma construção do plano individual para o coletivo. A orientação era os sujeitos anotarem palavras que julgassem própria do universo dos aboiadores e dos vaqueiros cujo significado fosse novo para eles. Ao final, socializamos tais termos em uma plataforma eletrônica, o *blog*<sup>3</sup> “Tenda de pensar”, no qual todos puderam beneficiar-se com as letras das toadas e as palavras do glossário no momento de produção dos textos.

É importante salientar que o *blog* foi criado para ser uma construção colaborativa. A ideia era que os estudantes fossem alimentando o glossário na página virtual a partir das anotações no caderno didático, e as produções em sala deveriam ser disponibilizadas por eles próprios no *blog*. Mas não foi o que ocorreu. Os estudantes afirmaram na avaliação diagnóstica que tinham acesso à internet, entretanto pouco acessaram o *blog* durante a intervenção, alegando dificuldade de conexão.

A coletânea de aboios e toadas, organizada em uma mídia de CD, objetivou facilitar o contato do sujeito com o gênero musical. O CD reúne boa parte das toadas utilizadas nas atividades didáticas ao longo dos capítulos e facilitou o encaminhamento de tarefas para casa, em que a audição das toadas era necessário. Fez parte também desse material didático uma ficha de observação (Apêndice C) para uma visita guiada ao museu Casa do Sertão e um bloco para registro de notas durante o passeio.

O caderno de atividades encerra com uma avaliação final sistematizada em um questionário de 18 itens, envolvendo todos os temas tratados ao longo da intervenção. As questões visavam averiguar o nível de compreensão dos sujeitos em relação aos conteúdos trabalhados e o grau de envolvimento com as presenças dos convidados.

---

<sup>3</sup> O *blog* Tenda de pensar pode ser acessado no endereço: [tendadepensar.blogspot.com.br](http://tendadepensar.blogspot.com.br).

Ao longo da intervenção, itens complementares foram distribuídos com intuito de fomentar o gosto pela leitura. No módulo em que estudamos as narrativas, cada aluno recebeu uma revista HQ de super-heróis, também ganharam marcador de página e um aviso de porta para sinalizarem aos familiares quando estiverem concentrados em seus estudos.

Além destes, contamos com materiais extras, como aboios gravados em áudios, feitos exclusivamente para os sujeitos participantes da pesquisa, vídeos com seleção e compilação de imagens cedidas pela comunidade e vídeos com registro das rodas de conversa com os colaboradores do projeto.

Figura 9 – Distribuição de revistas HQ



Fonte: Dados da pesquisa.

A experiência relatada aqui sintetiza a pesquisa de intervenção realizada no Colégio Municipal José Rufino, conforme já mencionado. A proposta foi lançada durante o ano letivo de 2016 ao corpo gestor que, animado com a possibilidade de que isso pudesse contribuir com a aprendizagem dos alunos, apoiou todas as ações desde a ideia inicial até a culminância, buscando contribuir e facilitar as circunstâncias para realização de todas as etapas desta pesquisa.

## 6.2 LANÇAMENTO DA PROPOSTA

Em 05 de maio de 2017, aconteceu a reunião com os pais para lançamento oficial da proposta de intervenção, mas a aplicação dos módulos se deu no início do segundo semestre. Em conversa com a direção da escola, entendemos que seria melhor deixar passar os festejos juninos, pois os estudantes estavam envolvidos com ensaio de quadrilha, e isso tiraria o foco das atividades da pesquisa. Esperamos, então, para iniciar em 07 de julho de 2017.

No momento da apresentação da proposta, estavam presentes os alunos, a professora da turma e mais 12 pessoas responsáveis pelos estudantes; um número pequeno de responsáveis, mas significativo devido às pertinentes contribuições que fizeram, como a sugestão da visita ao museu Casa do Sertão, lançada por uma das mães e um questionamento feito por outra mãe em relação às atividades que seriam aplicadas. Essa pergunta abriu espaço para uma rica discussão sobre a necessidade de o professor usar recursos variados, a fim de atrair a atenção dos alunos.

A reunião aconteceu em ambiente agradável e amistoso, já que mais da metade das mães presentes haviam sido minhas alunas em outra instituição, e, embora não tenha conseguido adesão total da turma, saí do encontro bastante animada.

Duas meninas não quiseram participar, mas foram convencidas pelas mães a integrarem-se ao grupo apenas nas primeiras atividades, se não se interessassem seriam dispensadas sem nenhum prejuízo. Ao ver alunos dizendo não à proposta, pude perceber que estava diante de uma turma que sabe se impor, fiquei contente por perceber coragem e determinação destes estudantes. Quanto aos que aceitaram participar, percebi um brilho de interesse no olhar, as expectativas que se forjavam a partir daquele momento aumentavam minha responsabilidade de desenvolver aulas atrativas e motivadoras. .

A fim de deixar claro o que era o projeto “De repente o improviso”, para este encontro a proposta foi pormenorizada em slides e projetada em multimídia, destacando os objetivos, as ações pedagógicas e um breve detalhamento do percurso traçado para esta caminhada. Discutiram-se também possíveis benefícios da participação, sem deixar de salientar a possibilidade de problemas decorrentes, como constrangimento e acúmulo de tarefas com atividades escolares.

No final da reunião, foi oportuno recolher as assinaturas dos presentes para os termos do CEP, regularizando as participações de quem havia sido favorável. Os estudantes cujos responsáveis não compareceram à reunião assinaram em outro momento, uma vez que os termos foram deixados na secretaria da escola, sob os cuidados da equipe gestora.

### 6.3 AMBIENTAÇÃO DO ESPAÇO

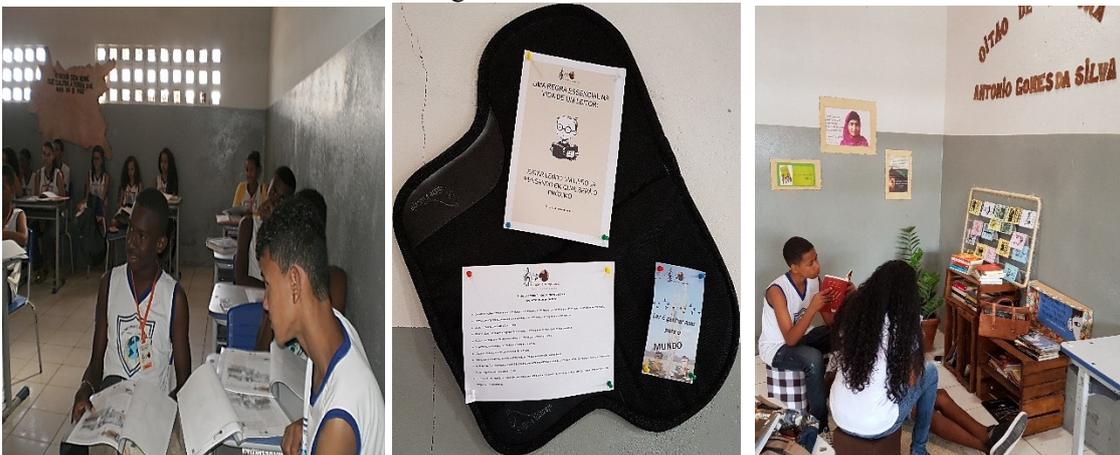
Às vésperas do primeiro encontro, era necessário preparar o ambiente da sala de aula para que se tornasse atrativa à proposta da intervenção. No período do recesso junino, foi contratado um profissional para renovar o ambiente, pintando portas e paredes. Depois, a organização do lugar foi planejada de modo a atender os objetivos do projeto, dentre eles fomentar o gosto pela leitura; por isso tornou-se imprescindível um local voltado para esse fim.

Foi, então, montado um espaço de leitura na da sala de aula com esteiras, estantes de caixotes e um baú para acomodar os livros arrecadados por esta pesquisa, uma esteira, *puffs*, varal com HQs e cordéis, cartazes com frases de livros e uma planta para ajudar na criação de um ambiente agradável. O local foi organizado na parede em frente às carteiras dos alunos, entre o quadro branco e a mesa da professora, para garantir maior controle no uso do espaço e evitar que os alunos ocupassem o espaço durante as aulas, atrapalhando as outras disciplinas.

Dois murais foram colocados em outras paredes, um confeccionado a partir de couro de carneiro curtido, e o outro era uma adaptação de manta para cavalo; havia também um banner com o tema da pesquisa em uma parede lateral decorando a sala de aula. Esses recursos visavam aproximar o aluno do tema da pesquisa.

Uma atmosfera aconchegante é fundamental para que o aluno sinta acolhimento, além disso, a visualização de objetos veiculados ao tema contribui para o envolvimento dos sujeitos com a pesquisa, que são motivados e familiarizados com termos específicos da linguagem do vaqueiro, harmonizados com as demais temáticas que foram estudadas.

Figura 10 – Cenas do ambiente



Fonte: Dados da pesquisa.

## 6.4 OITÃO DE LEITURA

Não gostar de ler é um bordão entre os alunos de escola pública e já se tornou lugar comum nas salas de aula e corredores dessas escolas. Muitos repetem a assertiva sem nem mesmo haver experienciado a aventura leitora. O que se percebe é que os livros não fazem parte do universo desses jovens. Em seu convívio social, livro é peça rara, e talvez o único contato com a leitura ocorra no ambiente escolar, por isso é tão importante a criação de práticas alternativas de leitura, bem como a disponibilização de ambientes leitores. Embora ler seja uma ação solitária, pode e deve ser promovida pela escola.

Ao responderem a avaliação diagnóstica, os participantes da pesquisa contrariaram as estatísticas sinalizando que gostam de ler, embora a mesma avaliação tenha constatado baixo índice de leitura anual. A falta de acesso aos livros talvez seja a principal causa desse indicador. Diante dessa angustiante situação, pensei que esta pesquisa poderia incentivar o ato de ler, não apenas limitando as possibilidades à leitura de toadas e *fanfics* durante a intervenção, mas ofertando a esses jovens possibilidades leitoras até então consideradas inacessáveis para eles, como a leitura de livros que estejam em circulação na mídia e no mercado, além dos ofertados pela escola.

O projeto de pesquisa já visava oportunizar momentos de leitura aos participantes através das toadas, mas para causar transformações no universo leitor é fundamental que o contato com os livros seja constante. Foi então que surgiu a ideia de criar um espaço de leitura em sala de aula que não comprometesse outros professores nem prejudicasse suas aulas, colocasse os alunos como protagonistas e pusesse os livros à disposição deles.

A ideia do Oitão se estruturou em projetos descritos por Cosson (2017), dentre os quais uma adaptação ao programa LSS<sup>4</sup> foi o que apresentou maior pertinência diante do que se pretendia alcançar. O programa está estruturado em oito fatores responsáveis pelo desenvolvimento da leitura, todos aplicáveis ao planejamento do Oitão, e descritos por Cosson (2017) da seguinte maneira:

[...] leitura sobre outros programas, o segundo passo foi determinar um cronograma para a leitura, [...] o terceiro, criar um ambiente adequado, tanto em termos físicos, quanto em termos comportamentais [...] o quarto passo foi a disponibilização de livros que despertassem o interesse dos alunos [...] o quinto passo veio da aceitação de qualquer texto selecionado pelo aluno para leitura [...] o sexto passo, acompanhar as leituras [...] o sétimo passo, não

---

<sup>4</sup> LSS – Como é conhecida a prática de Leitura Silenciosa Sustentável que consiste em conceder tempo na escola para a leitura silenciosa. (COSSON, 2017, p. 99).

passar para o aluno que seria avaliado pela leitura feita [...] o oitavo e último passo, permitir que o aluno compartilhasse de alguma maneira o que havia lido. (COSSON, 2017, p. 100-1).

Os passos não foram seguidos à risca, uma vez que o oitão de leitura é um complemento da proposta e não o objetivo principal da pesquisa, mas todos os oito fatores foram considerados na propositura do espaço de leitura. O cronograma coincidiu com o período da pesquisa, o cuidado com o ambiente além da estrutura física se deu com a criação do regulamento. Os alunos tiveram liberdade de escolher o que ler, o acompanhamento das leituras acontecia durante os encontros semanais, quando reservávamos um tempo da aula para que compartilhassem o que haviam lido.

Os livros disponibilizados foram arrecadados através de campanha, em que se coletou 69 livros literários, os quais foram catalogados, etiquetados com a logo do projeto, disponibilizados aos alunos e doados para a escola no final da pesquisa. Além destes livros de ficção, a pesquisa arrecadou HQ, revistas de Haras e adquiriu 30 histórias diferentes de literatura de cordel.

Propositalmente, arrecadaram-se poucos clássicos, já que os pequenos acervos das escolas são constituídos basicamente por obras-primas da literatura. A busca foi mais por livros que representassem novidade para os alunos, exemplares que nem as escolas nem eles dispunham. Geraldi (2000), em “O texto na sala de aula”, a respeito das escolhas que fazemos em relação às leituras, diz que geralmente lemos por indicação de um amigo ou porque já ouvimos falar: “nenhum não profissional da linguagem lê um romance por obrigação” (GERALDI, 2000, p. 98). Procuramos, então, títulos que os estudantes se interessassem e cujas estratégias de marketing tenham transformado em leituras indispensáveis da atualidade, figurando nas listas de mais lidos e/ou com adaptações filmicas.

A abertura desse ambiente de leitura aconteceu no segundo dia de aplicação da Sequência Didática. Para liderar as ações no espaço, a turma elegeu dois monitores que, além de instruções, receberam uma pasta com a relação dos livros disponibilizados, uma ficha para controle de empréstimo dos livros e uma cópia do regulamento (Apêndice C); uma segunda via do regulamento foi afixada em um mural na parede da sala para conhecimento de todos os participantes.

O que faltava era um nome original para o espaço de leitura criado em sala de aula. Depois de muito pensar, o lugar foi batizado de *Oitão de leitura Antônio Gomes da Silva*, uma homenagem à memória do vaqueiro mais renomado da comunidade. O termo “oitão” é uma referência ao vocabulário da zona rural – é o nome dado à parte lateral das casas na roça, onde

geralmente faz sombra à tarde, utilizado para rodas de conversa. Nas casas em que havia qualquer tipo de atividade escolar ou educacional, o oitão era o espaço utilizado para esse fim.

Os alunos não esconderam a estranheza diante do nome. Dentre as tentativas de descobrir o significado de oitão, estavam uma referência à arma de calibre de 38 e uma analogia à 8ª série. Como ninguém identificou a relação, foi pedido que levassem o questionamento para casa, os familiares explicaram o significado e a palavra “oitão” foi registrada no glossário. Quanto ao homenageado, também foi necessária uma consulta, pois pelo costume interiorano de apelidar as pessoas, todos desconheciam o verdadeiro nome do famoso vaqueiro Antônio do Saco.

O oitão foi uma experiência engrandecedora para a pesquisa. Os alunos fizeram valer as regras do regulamento sem perder o encanto do contato com os livros. O exemplar de “Extraordinário” de R. J. Palácio circulou por muitas mãos durante o período de aplicação da pesquisa deixando os alunos fascinados com a história do garoto Auggie, “A culpa é das estrelas”, de Jonh Gree, e “Amanhecer”, de Stephenie Meyer, arrancaram suspiros com a mesma intensidade e “Eu sou Malala” tocou o coração desses leitores encantados com o poder transformador da educação.

A cada semana, quando um aluno vinha contar sua relação com uma história que havia conhecido através do Oitão de leitura, faziam eco as palavras de Michèle Petit sobre a busca do saber: “a verdadeira democratização da leitura é poder ter acesso, se desejarmos, à totalidade da experiência da leitura” (PETIT, 2008, p. 61)

Diversos questionamentos surgem diante desse resultado: como explicar esse envolvimento com a leitura diante dos dados do questionário diagnóstico? Até que ponto a falta de leitura está relacionada à falta de oportunidades leitoras? E ainda há garantias de que os alunos, realmente, liam os livros? Como assegurar que o aluno continuará lendo depois da pesquisa? Não há como garantir que nossas ações como professor sejam todas frutíferas, mas não há como escapar dos livros:

Pode ocorrer que os livros não aliviem nosso sofrimento, que eles não nos livrem do mal, que eles não nos digam o que é bem e o que é belo, e eles não nos permitirão escapar da sorte comum da morte. No entanto, os livros nos oferecem a própria possibilidade dessas coisas, a possibilidade da iluminação. (MANGUEL, 2003, p. 120).

O pensamento de Manguel (2003) revela a grandiosidade do efeito do livro em nós. A travessia de cada leitor pelo universo da leitura é sempre uma viagem solitária, mas cabe à escola espalhar pelo caminho livros que possam iluminar a passagem.

## 6.5 APLICAÇÃO DA PROPOSTA

Os encontros, duas aulas de 50 minutos, fechavam a semana letiva dos estudantes, uma vez que ocorriam regularmente nos dois últimos horários da sexta-feira. Portanto deveriam ser atividades motivadoras e dinâmicas, que abrissem possibilidades de leituras e de vivências, que animassem os jovens a seguir o desafio de ser quem são. As atividades buscavam tocar nos estudantes, fazê-los refletir sobre seu lugar no mundo, a partir de situações que lhes são comuns, por isso cada momento foi pensado de modo a levá-los à valorização desse lugar social.

As práticas aconteceram durante encontros semanais estruturados em capítulos com subdivisões modulares. A cada semana um módulo diferente. Vamos conhecer as dinâmicas dos capítulos e a composição dos módulos.

Capítulo – **Fique por dentro** – este capítulo comporta os módulos de apresentação da proposta e a propositura da produção textual. No entanto essa tarefa de produção inicial acabou não acontecendo. O tempo ficou curto diante das discussões da aula e os estudantes solicitaram deixar esta atividade para um momento em que estivessem mais confiantes para fazer uma produção escrita do tipo *fanfic*.

### \*Módulo 1

- Exibição de vídeo com imagens cedidas pela comunidade.
- Discussão sobre conceito de cultura.
- Atividade de sondagem sobre *fanfic*.

### \*Módulo 2

- Análise de imagens e títulos de *fanfics*.
- Leitura de *fanfic* de Wolverine.
- Escuta de toada.
- Produção textual.

Capítulo – **A peleja da palavra com o pensamento** – os módulos deste capítulo abordam sobre a oralidade do aboio e sua possível associação com o rap.

### \*Módulo 3

- Leitura de poema de Mario Quintana.
- A linguagem literária.
- Vídeo sobre a linguagem do aboio e da toada.

### \*Módulo 4

- Quadro comparativo entre rap e toada e aboio.
- Biografia de Galeguinho aboiador e Projota.
- Construção de texto autobiográfico.
- Oralidade.

Capítulo – **De perneira e gibão** – o capítulo está organizado em módulos dedicados à estruturação dos versos e ao planejamento das rodas de conversa.

\*Módulo 5

- Poema X Poesia (exibição de vídeo).
- Conceito de aboio.
- A forma do improviso.

\*Módulo 6

- Roda de conversa com Buy e Deraldo.
- Criação poética.
- Roda de conversa com Marinho.
- Textos de apresentação dos colaboradores.
- Visita ao museu Casa do Sertão.

Capítulo – **Apartando histórias** – as narrativas das toadas foram o foco dos módulos deste capítulo.

\*Módulo 7

- Elementos que caracterizam o texto narrativo.
- Análise narrativa de toada.
- Pesquisa – Vaqueiros afamados.

\*Módulo 8

- A idealização do vaqueiro como herói nordestino.
- Roda de conversa com vaqueiros afamados de Chapada.
- Análise de toada.

Capítulo – **Quem vem lá?** – O enfoque deste capítulo é a *fanfic*, através de módulos de leituras e de produções textuais.

\*Módulo 9

- Leitura de *fanfic* de toadas.
- Estudo comparativo de textos.
- Produção de *fanfic*.

\*Módulo 10

- A escrita de narrativa literária.

- Conversa com um jovem escritor.
- Oficina de produção de *fanfic*.

Passaremos a descrever cada encontro de modo detalhado. Os encontros serão identificados como módulos e equivalem a duas aulas semanais de cem minutos.

**Módulo 1** – Para iniciar a intervenção, pedi que cada um escrevesse seu entendimento sobre aboio, colocasse em uma bolsa sem se identificar, e recolhi a bolsa com as definições para uma atividade posterior. Na sequência, seguimos o caderno didático. A seção *Abrindo a porteira* traz um recurso preparado com exclusividade para esta aula: um vídeo com imagens de pessoas da comunidade de Chapada em festas de cavalo, corridas de argolinha e cantoria de toada; depois de exibição, a seção *Matutando* provoca um breve debate em que as perguntas lançadas aos participantes foram respondidas do modo como já era esperado: reconheceram tanto as pessoas que apareceram na tela, quanto os tipos de eventos e como previsto também tiveram dificuldade em diferenciar o aboio da toada. Na seção *Conversa de pé de mourão*, um trecho do livro *A cultura no mundo líquido moderno* do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, seguida de breve apresentação do autor. Na sequência da aula, os participantes foram postos diante de um desafio: na seção *Desmantelo pra cuca* deveriam seguir dicas para chegar ao gênero textual *fanfic*, em *Testado* há uma tabela com avaliação do encontro. Finalizamos com um convite e uma breve orientação para uso do diário de bordo.

**Módulo 2** – Antes de iniciar as ações do dia, fizemos a abertura oficial do Oitão de Leitura. A atividade da seção *Abrindo a porteira* nesta aula desafia os alunos a correlacionarem imagens de *fanfic* às obras às quais fazem alusão. *Conversa de pé de mourão* apresenta um trecho de um texto retirado da página *Spirit fanfic e Histórias* – uma página da internet. Com essa atividade, analisamos as características desse gênero textual e seu poder de disseminação nas redes sociais. Na sequência, os alunos deveriam criar sua primeira produção de texto. No entanto essa atividade não chegou a ser contemplada, pois demoramos mais tempo que o programado na abertura do espaço de leitura, além disso a explicação sobre a *fanfic* se alongou bastante também, já que os alunos não tinham nenhum conhecimento em relação ao gênero. Aproveitamos, então, o vocabulário para iniciar a produção do glossário. Na seção *Testado*, há uma avaliação de múltipla escolha para os alunos sinalizarem se gostaram da aula marcando em carinhas que simbolizavam as opções sim, mais ou menos ou não.

**Módulo 3** – Em *Abrindo a porteira*, o poema intitulado o texto poético *Os poemas* de Mário Quintana foi a atividade de início desta aula. Depois de breve discussão, passamos ao *Desmantelo pra cuca*, um caça-palavra em que os termos encontrados são características de um texto poético. Para fixar mais tais caracteres, a seção *Conversa de pé de mourão* convida os estudantes a perceberem em um trecho da toada *Canção do lenço* a presença da linguagem poética. A seção *Matutando* traz uma reflexão sobre como aboios e toadas utilizam uma linguagem bem próxima da que usamos no dia a dia, e de que modo se apoiam em construções da linguagem informal para construir seus versos. No momento seguinte, foi exibido um trecho do vídeo *Poetas do Repente* (documentário da TV Escola) com depoimento de um ex-vaqueiro, estabelecido em São Paulo, sobre a persistência que devemos ter para realizar nossos sonhos, o testemunho foi mote para uma discussão oral sobre o assunto. A *Peleja gramatical* deste módulo é sobre os usos dos porquês, e a avaliação na seção *Testado*, uma escala de zero a dez para medir o nível de satisfação do aluno em relação à aula.

**Módulo 4** – A seção *Abrindo a porteira* traz uma tirinha em que o personagem mostra dificuldade para compor rimas. A partir desse mote, discutimos sobre a diversidade da linguagem poética e os diversos modos em que pode se manifestar a poesia. Baseado nas diferentes formas de poesia, a *Peleja Gramatical* apresenta um quadro comparativo sobre diferenças e semelhanças entre rap, repente, aboio e toada. Através desse panorama, analisamos a linguagem, o modo de criação e os temas pertinentes. O *Desmantelo pra cuca* deste módulo é uma atividade lúdica que desafia a turma a criar rimas de improviso, os estudantes se organizaram em torno da sala e, enquanto ouviam a música “Saga do vaqueiro”, faziam circular entre eles uma caixa cheia de palavras. Quando o som pausava, quem estivesse com a caixa na mão deveria abri-la, pegar uma palavra e fazer uma rima. Foi um exercício divertido, muitos foram eliminados porque não conseguiam criar a rima no improviso, outros empolgados tentavam ajudar, mas acabavam tendo que deixar o jogo por descumprimento das regras. No momento seguinte, tratamos de biografias, situamos os alunos no tema a partir das palavras que foram citadas, chamamos atenção deles para o modo como contamos nossa própria história, como usamos palavras que se relacionam com o nosso universo. A partir dessa perspectiva, os alunos foram convidados a conhecer a história de vida de Galeguinho Aboiador contada na toada “Encontro Feliz” e a do rapper Projota descrita em “Moleque de vila”. Ao comparar as letras, perceberam como os dois artistas, embora pertençam a universos diferentes, têm histórias de vida bem parecidas, com a mesma falta de oportunidade, os mesmos estigmas e dificuldades enfrentadas. Na sequência, foram

convidados a escrever um texto em verso, contando um pouco de sua história de vida. A atividade ficou para casa porque o tempo já estava bem avançado. A seção *Desmantelo pra cuca* contém um jogo de 7 erros, elaborado partir da xilogravura No forró dos bichos de J. Borges, colocamos duas imagens: uma original e a outra modificada para os alunos encontrarem diferenças entre elas; como informação complementar há uma biografia do autor e uma explicação sobre xilogravura. Por fim, a seção *Testado* propõe aferição dos encontros com um questionário sobre a dosagem das atividades, avaliando de 0 a 10 itens como a duração das aulas, inovação dos exercícios, fixação de conceitos, escolha de temas, entre outros.

**Módulo 5** – Antes de iniciar as atividades do caderno, foi apresentada uma surpresa aos estudantes: uma gravação em áudio, feita pelos aboiadores colaboradores, interagindo diretamente com eles. Os versos anunciavam a participação no projeto e faziam referência aos alunos falando seus nomes, descrevendo traços físicos e de personalidades (as informações foram passadas previamente). Em *Abrindo a porteira*, um vídeo mostra diferenças entre poema e poesia. Após breve discussão, a seção *Matutando* convida a refletir sobre o conceito de aboio, são apresentadas explicações de diferentes autores e um quadro criado a partir das definições dos próprios alunos no primeiro momento da intervenção. A *Conversa de pé de Mourão* deste encontro trata da forma dos versos de improviso, como a tradição poética do repente obedece a determinados cânones. A *Peleja gramatical* traz classificações dos tipos de estrofes, tipos de rimas com noções de versificação e métrica. O *Desmantelo pra cuca* nesta aula é uma mensagem em código morse com uma definição de aboio proposta por Câmara Cascudo. A seção *Testado* questiona com assertivas do tipo verdadeiras ou falsas sobre o tema da aula.

**Módulo 6** – Este módulo foi mais extenso que os outros, com duração de quatro aulas e dois encontros. No primeiro momento, recebemos a visita da dupla Buy e Deraldo, depois o cantor e aboiador Marinho para uma roda de conversa. Em cada encontro, foram pré-selecionados dois alunos para mediar o diálogo, regulando e orientando a participação dos colegas. As perguntas foram preparadas e discutidas em um grupo de WhatsApp em horário oposto às aulas. A interação permitiu selecionar as questões mais relevantes e evitar duplicidade de questionamentos, as quais podem ser contempladas no apêndice 9. No dia da aula, os alunos receberam uma ficha em que deveriam anotar o nome do convidado, a pergunta que fariam, a resposta dada e suas próprias conclusões. Além disso, havia espaço para anotar pontos

importantes do bate-papo. Depois de cada roda de conversa, foi proposto um exercício diferente: do encontro com Buy e Deraldo os alunos deveriam criar versos de temática livre. Já ao fim do encontro com Marinho, a proposta era produzir em grupo um texto em prosa com apresentação dos convidados. Esses textos foram usados depois no livreto final da intervenção. A participação dos artistas foi momento de grande euforia na comunidade, tanto que precisamos das duas aulas da semana seguinte para produção dos textos propostos.

**Módulo 7** – *Abrindo a porteira* deste encontro traz uma sequência narrativa a partir de leitura das imagens para fundamentar as características do texto narrativo. *Conversa de pé de mourão* aborda os elementos da narrativa e, logo, a seção *Testado* propõe um exercício de verificação em que os estudantes devem analisar a toada “Boi Cigano” (Anexo B) e responder questões relativas ao conteúdo discutido em classe como a voz do narrador, as personagens e seus papéis no enredo, lugar e tempo da narrativa; no final da atividade, como forma de aprofundar no assunto, foi proposto aos estudantes contar o enredo da toada em casa e perguntar aos familiares se era possível relacionar essa história com o cotidiano dos vaqueiros de nossa região. A partir daí, deveriam compartilhar no grupo de WhatsApp nomes de vaqueiros afamados de Chapada. O encontro encerrou em um *Desmantelo pra Cuca* de palavras cruzadas com o vocabulário do universo temático do vaqueiro e da toada, boa parte com palavras do glossário que está sendo montado para compor o livreto final.

**Módulo 8** – A aula começou com questões na seção *Matutando* sobre o que vem a ser um herói. No meio da discussão, apresentei um trecho da toada Pastor do gado, e juntos analisamos diferentes ideias do que faz de alguém um herói, ressaltei que não há um ponto de vista correto, cada um representa uma diferente interpretação sobre o assunto. O tema é aprofundado na seção *Conversa de pé de mourão* com a leitura de um trecho retirado do livro *Novo diálogo* de Eliana Beltrão. No segundo momento, socializamos dados das pesquisas feitas em casa sobre os vaqueiros afamados e em grupos os alunos se organizaram para produzir os textos de apresentação desses profissionais para o livreto final. A seção *Testado* propõe um exercício para casa, sugere a escolha de uma toada no *blog* Tenda de pensar para responder um questionário de interpretação textual. No final deste encontro, cada participante ganhou um HQ de super-heróis (arrecadados dentre as aquisições da campanha para o Oitão de leitura), as revistas tinham edições diferentes para que eles pudessem trocar entre si e ampliar suas leituras.

**Módulo 9** – Iniciamos coletando as atividades para casa, e logo fomos para o estudo sobre *fanfic*, tema de nossa aula, através da leitura de textos retirados do blog Tenda de Pensar e apresentados neste caderno na seção *Abrindo a porteira*. Em *Conversa de pé de mourão*, o exercício proposto é um diálogo entre textos, visando identificar as toadas que deram origem à história e se relacionam com as *fanfics* apresentadas no módulo. A seção *Matutando* publica um trecho explicativo sobre o gênero em foco, acompanhado de breve apresentação de Fontenele, autora do trecho destacado. O *Desmantelo pra cuca* consiste em desembaralhar palavras retiradas dos textos, defini-las e acrescentá-las ao glossário. Para finalizar, em *Testado*, os alunos devem, em dupla, compor sua própria *fanfic*.

**Módulo 10** – Módulo com duração de quatro aulas consecutivas. Neste dia, não houve aula na escola e os alunos foram apenas participar da intervenção. Recebemos a visita de Mateus Antoni, jovem que escreve *fanfic*, em uma oficina de criação literária. Até que o convidado chegasse, iniciamos o encontro com a seção *Abrindo a porteira* falando sobre dificuldades na produção de textos, alguns alunos socializaram as produções da semana passada e expuseram as dificuldades encontradas. A *Conversa de pé de mourão* convida a refletir sobre os processos de escrita. Com a chegada do convidado, a aula tornou-se uma grande oficina de escrita. Mateus trouxe para ler e discutir com a turma uma *fanfic* (Anexo 1) feita por ele especialmente para este momento com base na toada “Saga de um vaqueiro”, depois encorajou os alunos a escreverem seus textos e colocou-se à disposição para auxiliar cada um. Os alunos se organizaram em dupla e com base nas produções da aula passada, passaram ao material que será utilizado no livreto final. Alguns preferiram criar um novo texto, outros escolheram um dos textos da dupla, teve ainda quem escolheu criar uma nova história juntando elementos dos dois textos anteriores. Nosso convidado escreveu mais uma *fanfic* para exemplificar aos estudantes como poderia ser o texto deles.

## 6.6 CULMINÂNCIA

O encerramento de qualquer projeto é sempre um momento esperado com ansiedade, pois expectativas são criadas e contemplá-las torna-se um desafio. A proposta da pesquisa encontrou acolhimento em toda a comunidade de Chapada, as ações do estudo foram além da sala de aula e envolveram bastante os chapadenses, de modo que os festejos de encerramento precisavam dar uma devolutiva na mesma proporção em que foi aceito pela comunidade.

Diante da expectativa criada na população, o pátio da escola ficou pequeno para o evento da culminância. Escolhemos então a quadra esportiva localizada na praça central do povoado para realizar o encerramento. A Secretaria de Educação e Cultura do município colaborou concedendo o espaço e disponibilizando equipamento de sonorização. A comunidade esteve envolvida o tempo inteiro, desde o planejamento até a finalização das atividades, colaborando através de empréstimo de material e ajuda na ornamentação do espaço.

O evento aconteceu em 03 de outubro de 2017, no fim de tarde de uma terça-feira. As pessoas da comunidade foram convidadas através de cartazes (figura 11) espalhados pelo povoado, anúncio em serviço de autofalante e mensagens de WhatsApp. Os responsáveis pelos participantes e os homenageados receberam convite impresso.

Figura 11 – Cartaz da culminância



Fonte: Dados da pesquisa.

A programação do evento contou com atividades diversificadas, cuja idealização e planejamento aconteceram de forma conjunta com os participantes durante a execução do projeto (Cf. figura 12).

Figura 12 – Cenas da culminância



Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre as atividades, tivemos exposições de fotos com registro dos encontros em sala de aula e da viagem de campo; mostra de vídeo-documentário da TV Escola; atividades interativas com a comunidade, como o “galope na caatinga” (figura 13): um jogo de tabuleiro gigante cujas peças eram os próprios jogadores, que, para vencer, deveriam acertar perguntas relacionadas ao ofício e às ferramentas de trabalho do vaqueiro.

Figura 13 – Jogo galope na caatinga



Fonte: Dados da pesquisa.

Outra atividade lúdica foi o “desafio em cordel” – jogo de adivinhação motivado por um cordel com perguntas e respostas inspiradas no imaginário sertanejo. Em ambas as atividades, os participantes da pesquisa comandavam os jogos e o público fazia o papel dos jogadores.

A partir das palavras do glossário, foi arquitetada a exposição “Armazém do vaqueiro” – uma mostra de objetos e utensílios relacionados à profissão do vaqueiro (Cf. figura 14) que chamou a atenção do público por trazer ferramentas da profissão do vaqueiro desconhecidas para grande parte das pessoas.

Figura 14 – Exposição armazém do vaqueiro



Fonte: Dados da pesquisa.

Outro *stand* na culminância que merece destaque nesta descrição é a reprodução do ambiente do Oitão de leitura, em que livros e cordéis foram espalhados pelo ambiente ao alcance dos convidados, que puderam se acomodar em sofás e mesas com bancos para desfrutar das leituras.

As atividades tiveram início com uma solenidade de entrega de certificados aos participantes do projeto e placas de homenagem a vaqueiros e aboiadores. A orientadora da pesquisa professora Alana El Fahl esteve presente prestigiando os alunos. Durante a

solenidade, duas alunas cumpriram a função de mestres de cerimônia e agradeceram a presença da professora. De repente, a praça foi tomada por uma centena de pessoas para prestigiar a produção dos estudantes. Na sequência, houve um momento cultural, com cantoria de aboios e toadas, seguido de distribuição dos livretos produzidos pelos alunos que foram entregues à comunidade durante sessão de autógrafos (figura 15).

Figura 15 – Sessão de autógrafos



Fonte: Dados da pesquisa.

Os alunos, organizados em grupos, se revezavam entre o comando das atividades realizadas nos diferentes pontos da quadra e as sessões de autógrafos que aconteciam embaladas por toadas e aboios. A receptividade do público foi combustível para os aboiadores estenderem sua participação no projeto, e assim a cantoria durou muito além do esperado, com as pessoas pedindo versos e sugerindo aos artistas temáticas variadas, ao que eles correspondiam com alegria, criando versos de improviso dedicados aos presentes. Os vaqueiros homenageados juntaram-se aos aboiadores e cantaram suas toadas preferidas. Para

selar o momento, os alunos fizeram coro com aboiadores e vaqueiros e entoaram a toada, uma espécie de hino para nossa pesquisa, que, além de ser trabalhada em sala de aula, serviu de motivação para vários dos textos do livreto final.

O momento de homenagem a vaqueiros e a aboiadores foi outro ponto alto do evento, pois a simplicidade do homem do campo tomou forma de celebridade, sendo reconhecida e aplaudida. É importante destacar como a lida diária do vaqueiro não tem mérito em uma sociedade segregadora cujo valor do trabalho, muitas vezes, está na aparência, criando um estereótipo em que o terno do “doutor” vale ouro, mas o gibão de couro do vaqueiro é moeda sem valia. Homenagear publicamente essas figuras esquecidas pode lançar uma nova perspectiva para o profissional vaqueiro, fazendo com que ele próprio e a comunidade percebam o ofício através de um novo olhar.

Um dos vaqueiros desabafou, ao receber o convite para a cerimônia de homenagem, que jamais imaginou que aos 72 anos de idade seria tratado como gente. Essa confissão está impregnada dos preconceitos velados ou explícitos que já o machucaram, e reflete o modo como ele se percebe: uma pessoa sem valor algum, sem noção da importância de seu ofício. A fala do nosso homenageado pode ser espelho de como o estudante, também, pode se sentir, afinal eles pertencem ao mesmo estrato social, são realidades de vida muito próximas. A escola precisa estar atenta para questões como estas, que envolvam o sentimento de pertença a um grupo social e, por isso, ultrapassam os limites dos currículos.

O papel da escola deve ir muito além da transmissão de conteúdo ou da capacitação para o mercado de trabalho. É preciso atender as singularidades dos sujeitos fazendo com que os alunos se sintam motivados a estudar, conhecedores e orgulhosos de suas histórias. O conhecimento deve, de fato, ser significativo, considerando a natureza ideológica que existe por trás das hierarquias sociais e culturais.

## 6.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA

No apagar das luzes da sequência didática, é chegado o momento de olhar para trás e examinar a trajetória percorrida, analisando objetivamente cada etapa. As considerações discutidas aqui foram sistematizadas a partir dos dados do quadro-síntese (Apêndice D) e lastreadas pela avaliação final respondida pela turma ao fim da intervenção. Trata-se de um questionário com 16 questões objetivas e 2 questões abertas com perguntas relacionadas a conteúdos discutidos em sala de aula e impressões pessoais sobre a pesquisa (Apêndice E).

Os dados apontados corroboram aspectos observados em diversas fases da pesquisa, no que diz respeito ao envolvimento dos sujeitos com as atividades. 70% dos participantes sinalizam que tiveram as expectativas iniciais em relação à pesquisa superadas e apontam como pontos positivos a visita ao Museu Casa do Sertão, as rodas de conversa com os colaboradores e o conhecimento adquirido sobre a cultura.

Dentre as atividades que provocaram fascínio entre os participantes, está a viagem a Feira de Santana, apontada por nove alunos como uma realização marcante da pesquisa. Embora 100% tenha afirmado que a viagem ajudou a perceber a importância da preservação cultural para nossa história, não vamos descartar a hipótese de que apenas o fato de passear, ultrapassando os limites da comunidade de Chapada, tenha importância para os alunos. O Letramento está presente em qualquer das duas circunstâncias. Rojo (2009) diz que a escola deve promover o acesso a espaços valorizados de cultura. Acrescento que a escola pública é responsável por apresentar museus, cinemas, teatros, etc., visto que os alunos vivem em uma realidade onde estas práticas não circulam socialmente.

Algumas matutações ainda são pertinentes sobre a impressão deixada por tarefas propostas na sequência didática. Duas delas alcançaram a totalidade dos alunos: o glossário, em que todos afirmam ter aprendido palavras novas, reconhecendo a importância desses registros para preservação da cultura, e as entrevistas com os vaqueiros, em que os estudantes asseguram que a partir da pesquisa aprenderam a valorizar a profissão do vaqueiro.

Os indicadores das transformações provocadas pelo Oitão de leitura são satisfatórios, considerando-se a criação do ambiente motivador e a disponibilização de livros que despertassem o interesse dos alunos. O maior objetivo dessa atividade era incentivar o gosto pela leitura. Não se pode assegurar tal resultado depois do final da pesquisa, sem o estímulo de um espaço como o oitão de leitura, mas os índices apontados na avaliação são comemoráveis, pois mais de 70% dos estudantes recorreram a empréstimos durante a pesquisa, manipulando os diferentes gêneros textuais que tinham à disposição: HQ, livros literários de ficção, cordéis e revistas.

As questões seguintes mensuram aspectos de conteúdos formais estudados a partir dos aboios e toadas e das *fanfics*. Apenas 1 estudante confessa que ainda não sabe o que é *fanfic*. Aproximadamente 90% dos estudantes identificam a rima como um recurso indispensável ao aboio, mais de 74% reconhecem o improvisado como a principal diferença entre aboio e a toada e como a principal semelhança entre aboio e rap. No entanto, questionados se ao ouvirem uma cantoria conseguem diferenciá-la como um aboio ou uma toada, as opiniões se dividem bastante: 14 estudantes afirmam que sim, e 13 estudantes dizem que não. Apenas esse ponto

parece não ter ficado claro entre os estudantes, entretanto é preciso estar atento ao caráter lúdico da função poética e “sua tendência ou sua aptidão para gerar mais prazer do que informação” (ZUMTHOR, 2010, 75).

Essa dificuldade dos estudantes em diferenciar o aboio da toada não compromete o resultado da pesquisa, porque a meta não estava na apreensão de conceitos, mas sim na forma de relacionar-se com a cultura, desenvolvendo respeito e empatia por essa tradição. Portanto os resultados alcançados são satisfatórios e atendem os objetivos esperados por esta pesquisa, pois apontam para as mudanças de comportamento esperadas.

## 7 CORRIDAS DE PRADO: TRAJETÓRIAS COMPLEMENTARES

### 7.1 RELATOS DAS PARCERIAS

Ao longo da intervenção, contamos com aliados muito importantes para os resultados da pesquisa. Certas parcerias estavam programadas desde a idealização do projeto, outras surgiram a partir de demandas durante a aplicação da sequência didática, como a participação dos vaqueiros e a oficina de produção de *fanfics* que foram pensadas depois, por isso a solução foi encaixá-las em horário oposto ao turno de estudo dos estudantes. Contamos com oito colaboradores; dentre eles quatro vaqueiros, três aboiadores e um jovem estudante. Cada um tocou os alunos à sua maneira e foi muito importante para os resultados obtidos.

Passaremos agora a uma reflexão de cada momento. A análise não objetiva julgá-los, mas apresentá-los sem mensurar a relevância, uma vez que todas as participações foram importantes para atingir os objetivos da pesquisa, além de tocar de forma especial os alunos em suas individualidades. A ordem cronológica em que aconteceram será o parâmetro utilizado para as apresentações neste texto.

As rodas de conversa com os aboiadores foram marcantes tanto para nós, pesquisadora e estudantes, quanto para os convidados que desfrutaram do carinho e atenção dos estudantes.

A pergunta de um estudante em relação à agenda de shows foi uma brecha para observarmos a relação dos aboiadores com o meio. O aboiador Deraldo explicou que o fluxo de contratações depende da mãe natureza: em épocas de chuvas, aumentam os eventos na região e conseqüentemente acontecem mais shows. Essa fala reflete a relação direta do aboio com a vida no campo, pois se chove os animais engordam e ficam em condições adequadas para montaria; além disso, o trabalho do vaqueiro é aliviado por não ter que dar comida ao gado, podendo sair para uma distração.

Outro momento marcante foi a resposta do aboiador Buy para a indagação de um estudante sobre a parte mais difícil de ser aboiador: “ter que lidar com temas inesperados, quando pedem versos de um tema que desconheço”. A resposta não surpreendeu o estudante que, demonstrando agilidade de pensamento, logo associou a angústia do poeta à sensação dos alunos diante de um tema de redação que desconhecem.

Em nenhum momento esta pesquisa pretendeu transformar os estudantes em aboiadores. Em lugar disso, esperava fomentar um sentimento de apreço por essa arte da cultura popular. No entanto a participação de alguns estudantes encorajados a fazer versos de

improviso surpreende ao revelar um grau de envolvimento com o tema maior que o esperado. O verso abaixo foi uma criação e apresentação espontânea de um participante no final da conversa com os aboiadores:

Agradeço por você  
Vim aqui e comparecer  
Peço a meu bom Jesus  
Para abençoar você  
O meu nome é Nailma  
Faça um verso para eu ver<sup>5</sup>

A contribuição de alunos em forma de versos improvisados surpreende e extrapola as expectativas em torno do efeito que o contato com o universo do aboio e toada pode provocar neles. O meio social em que o aboio circula, guiado pelo senso comum, tem essa prática como pertencente à divindade. Um dos participantes lamentou não poder aboiar porque, segundo ele, a inspiração poética não chega para todos; é um dom, “algo divino” do qual os aboiadores devem se orgulhar.

Esta pesquisa esperava criar nos alunos a empatia necessária para perceber o aboio enquanto uma prática cultural de grande importância para a nossa história, respeitando os limites de criação artística. Se os alunos em contato com essa experiência sentiram-se motivados a improvisar seus versos, certamente houve uma melhoria na autoestima e os alunos puderam refletir sobre as faculdades humanas a serviço de todos, e não apenas de alguns escolhidos.

Os aboios dos alunos surpreenderam também aos aboiadores que se sentiram honrados com os versos. Segundo eles, não é comum tanto interesse pelo tema; dentre as escolas em que já se apresentaram, esta foi a primeira vez que houve esse tipo de interação. A receptividade foi tamanha que até mesmo autógrafos foram distribuídos, impactando também a valorização da imagem pessoal que os aboiadores podem fazer de si próprios.

---

<sup>5</sup> A estudante criou o verso em seu caderno durante a conversa com os aboiadores e no momento de declamá-lo usou a entonação própria da musicalidade do aboio.

Figura 16 – Autógrafo do aboiador Buy



Fonte: Dados da pesquisa.

Não quero com isto criar falsas ilusões de que esses jovens a partir deste estudo tornar-se-ão fãs dos aboiadores. Eles poderão não ser fãs, mas acredito que terão consciência e responsabilidade diante dessa cultura. Certamente terão uma postura diferente a partir desse contato, pois houve um envolvimento com a situação, previamente pensado e preparado como uma das estratégias da pesquisa. Acredito que em situações práticas de eventos culturais, sem uma motivação imediata, o contato entre dos jovens com os artistas não guardará nenhuma espécie de euforia ou tietagem, mas eles também não lhes serão indiferentes.

Passaremos agora à descrição da valiosa contribuição dos vaqueiros. Os alunos foram divididos em equipes, cada grupo ficou responsável por conversar com um vaqueiro. Os momentos foram gravados, passaram por retextualizações e depois foram disponibilizadas aos alunos em textos com estrutura de tópicos (Apêndice I), que serviram de apoio para a produção dos escritos sobre vaqueiros afamados no livreto final da intervenção. Desses encontros também surgiram grande número das expressões do glossário construído colaborativamente entre os envolvidos com a pesquisa.

O contato com os vaqueiros foi muito pertinente para os estudantes compreenderem um pouco o valor da atividade desses profissionais. Foi importante também para os próprios vaqueiros, que puderam refletir sobre seu papel e redimensionar o valor que dão a seu trabalho. Além disso, a proximidade dos jovens com os vaqueiros pode provocar uma alteração no modo como esse ofício é visto não somente por eles, como por toda comunidade, pois são muitas as pessoas envolvidas nessas relações. Importante lembrar que, dentre os estudantes, temos netos, filhos e irmãos de vaqueiros que podem melhorar a relação com os familiares a partir de um novo olhar para a profissão de seus pais.

Os vaqueiros contaram histórias envolventes, cheias de aventuras e fascínio, mas também alarmantes sobre as precárias condições de trabalho, a falta de segurança e as

dificuldades nos enfrentamentos diários, seja com as adversidades naturais, com a valentia dos bois ou a covardia dos patrões em não cumprir com as obrigações trabalhistas. Foram momentos de impactar os estudantes ao mostrar uma realidade que, embora esteja tão próxima deles, é ao mesmo tempo desconhecida e cheia de ensinamentos que a escola não pode transmitir, pode apenas proporcionar a transmissão através de atividades como esta.

A conversa com os vaqueiros enriqueceu a pesquisa também por expandir elementos das narrativas nas toadas. Seria impossível entender ou mesmo observar certos detalhes se não tivesse acontecido o contato com esses homens de grande sabedoria. Apenas a análise das toadas não teria dimensionado as situações retratadas nos enredos. A toada *Boi Cigano*, por exemplo, tem como trama a luta entre o vaqueiro e um touro indomável; durante a entrevista, o Sr. Martinho relata um desafio de sua história de vaqueiro ao pegar um boi na Ipoeira, como se a narrativa da toada invadissem a realidade.

Além disso, através dessas conversas, vimos o vocabulário ganhar formas e cores. Ao explicar ao grupo de alunos uma circunstância em que precisou enfrentar a lida do gado sem seus apetrechos de vaqueiros, Sr. Cacó serviu-se da expressão “estar em pano” e, ao ser questionado sobre o significado da frase, responde que “estar em pano é não estar em couro”. O silogismo foi recebido com surpresa entre os alunos, que continuavam sem entender o significado da sentença, ao que intervi para esclarecer. O entrosamento entre eles cresceu com o clima amigável provocado pela situação. As palavras desta vez saltam da vida para o glossário, entremeadas de novidade e contemplação.

O vaqueiro Goinha, ao nos receber na porta de sua casa, transmite um grande ensinamento aos estudantes. Enquanto limpa uma gaiola vai falando com sabedoria da vida solitária no mato e diz aos alunos que o poeta guarda os versos na cabeça porque ali é um lugar que ninguém pode ir. Como observadora aprendiz, acrescento que a memória é território sagrado e aquilo que guardamos no pensamento pertence somente a nós mesmos. Se entenderem essa lição, os estudantes levarão consigo a mensagem de que são livres para pensar segundo suas próprias convicções.

Por último, em uma oficina na sala de aula, recebemos a visita de Mateus Antoni, um jovem de 19 anos, ex-aluno em outra instituição, que, embora ainda não tenha publicações no mercado, escreve literatura com fluidez e muita propriedade do fazer literário, inclusive produzindo *fanfics*, gênero produzidos pelos estudantes no fim desta pesquisa. O encontro foi significativo também no sentido de motivar os alunos, de abrir para eles a perspectiva da produção de um texto como algo possível, como uma atividade descomplicada, desmistificando a ideia de que a escrita é uma atividade complexa reservada somente para

alguns. Foi um encontro motivador na projeção de Mateus como um aluno que se transforma, naquele momento, em professor, e partilha com os outros o saber que ele tem.

A fim de convencê-los de que produzir textos é tarefa fácil, o convidado deu dicas práticas de como escrever sobre determinado tema. Ilustrando a partir das próprias toadas, revelou que o segredo está em voltar o olhar para coisas simples e naturais, fazer uma viagem no nosso passado e descrever de forma detalhada como é essa cultura que faz parte da nossa gente.

Mateus relacionou o trabalho desenvolvido nesta pesquisa à forma com que o autor Mia Couto recolhe histórias da tradição oral moçambicana conversando com as pessoas nas comunidades para, a partir dessas conversas, criar sua literatura. Deu um exemplo da construção de glossário fazendo circular entre os estudantes o livro *Cada homem é uma raça*, em que Mia Couto disponibiliza um glossário para termos próprios da cultura de Moçambique. Completou chamando a atenção dos estudantes para a importância de usarem em suas *fanfics* termos do glossário construído durante a intervenção, uma vez que usar as expressões do glossário resulta em marcas de autoria que conferem identidade aos textos dos alunos.

Fez a leitura de uma *fanfic* criada especialmente para esse encontro (Anexo A) e depois se colocou à disposição para ajudar os estudantes em suas produções, sugerindo termos, recomendando algumas descrições, propondo personagens e desafiando os estudantes a mudarem o olhar para certos paradigmas. Para corroborar seu pensamento de que a escrita pode ser espontânea, sentou-se numa carteira e produziu mais um texto de *fanfic* para servir de modelo aos alunos.

## 7.2 RELATO DA VIAGEM DE CAMPO

Esta atividade não fazia parte do projeto de pesquisa. Como já esclarecido anteriormente, foi sugestão de uma mãe. Fiquei apreensiva em dar conta de tantas ações, mas, como também já citado, nunca estive sozinha na realização desta pesquisa e, graças ao apoio que tive, o passeio aconteceu e tornou-se fundamental para este estudo, pois o Museu Casa do Sertão é fonte de registro e de preservação da história sertaneja.

As parcerias firmadas foram essenciais em cada momento da caminhada. Para essa viagem, contei com o apoio da Secretaria Municipal de Educação através de disponibilização do transporte e com a participação da equipe do Colégio José Rufino, pois nos acompanharam a vice-diretora, uma professora e uma funcionária.

A viagem aconteceu na tarde de 02 de agosto de 2017. O ônibus com os alunos saiu da comunidade de Chapada por volta de 13:30h. Cerca de quarenta minutos depois, me juntei ao grupo, esperei por eles na cidade de Riachão do Jacuípe e saímos com destino à UEFS em Feira de Santana para assistir a uma apresentação no auditório e visitar o Museu Casa do Sertão.

O clima foi de muita euforia durante o trajeto, todos se deixaram contagiar pela temática da nossa pesquisa. Um estudante e a professora que nos acompanhou se arriscaram a fazer versos de improviso usando como tema as pessoas que estavam presentes; nem sempre conseguiam compor versos completos, ora faltava a rima, ora a entonação não saía a contento; tanto serviu de diversão, como nos fez refletir sobre a importância de valorizarmos nossa cultura, pois ali estava provado que não era algo tão simples, há engenho e labor na cantoria dos aboiadores.

Ao chegarmos à UEFS, fomos assistir à mostra performática “Os donos da terra: uma história contada”. O evento, recheado de práticas musicais e contação de histórias, tem um viés com nossa pesquisa ao enfatizar e valorizar a expressão comunicativa pela oralidade. Embora alguns estudantes tenham mostrado bastante interesse, outros não conseguiam se concentrar na apresentação. Percebemos que não estão acostumados a esse tipo de evento, há um despreparo em reconhecer a grandeza artística e cultural dessas manifestações.

A ida ao Museu foi de grande valia tanto para os resultados da pesquisa quanto para a vivência daqueles jovens. A maioria jamais havia estado em um Museu e não puderam esconder a surpresa diante de tantas novidades que seus olhos viam. Atentos, anotavam tudo em seu bloco de anotações, faziam perguntas e mostravam interesse pelo acervo que, embora constituído de elementos comuns na nossa região, era a representação do cotidiano em forma de arte. (Figura 17).

Figura 17 – Visita ao Museu



Fontes: Dados da pesquisa.

O acervo do Museu Casa do Sertão consta de muitos objetos usados pelos vaqueiros e que servem de tema para aboios e toadas. O contato com esses elementos trouxe para os alunos um conhecimento pragmático e nos inspirou na montagem do “armazém do vaqueiro”, parte do evento de culminância da pesquisa. Além disso, muitos dos termos do glossário foram coletados durante a viagem.

No retorno, discutimos com o grupo sobre o valor das tradições orais na preservação do passado e a importância da atuação dos transmissores, focando na performance dos artistas durante as apresentações, ou seja, a performance para a construção de um legado cultural. Segundo Zumthor (2014, p. 34), “as regras da performance importam para a comunicação tanto ou ainda mais do que as regras textuais postas na obra na sequência das frases”. O autor defende que a performance é mais do que uma forma de comunicar, ela é capaz de modificar o conhecimento, “ela o marca”. (ZUMTHOR, 2014, p. 35). Na nossa conversa, percebi em alguns estudantes sensibilidade ao se mostrarem tocados com determinadas performances durante a apresentação do grupo cultural.

### 7.3 RELATO DA MONTARIA

O ponto alto da intervenção inegavelmente foi o evento de encerramento, mas este ainda não representa o fim das ações da pesquisa *De repente, o improvisado: uma proposta de Letramento ao som de aboios e toadas*. Como se a todo instante se justificasse seu título, abriam-se brechas para ações que não haviam sido programadas, mas surgiam no fervilhar da proporção que a pesquisa tomava.

Duas programações extras surgiram para atender a pedidos dos estudantes: a primeira foi a organização de uma montaria como parte da intervenção, e a segunda foi, ao final das atividades, um dia de confraternização em um sítio. A essa solicitação foi mais fácil atender, já o primeiro pedido exigiu um planejamento maior.

Durante o planejamento da culminância, alguns participantes sugeriram fazermos uma montaria no dia do encerramento da intervenção. Não o fizemos por considerar essa ação incompatível com as atividades programadas para aquele momento, então resolvemos participar de uma cavalgada na comunidade que estava programada para acontecer na comunidade cerca de 10 dias depois de nossa culminância.

Formamos um grupo de montaria para integrar o desfile da cavalgada e sorteamos os papéis de cada um de acordo com a tradição: madrinha, princesa, rainha, presidente, etc., seguindo os rituais e vestimentas próprios do evento. Usamos a camiseta do projeto para nos

identificarmos, conforme é costume nos grupos de montaria, confeccionamos estandartes homenageando os vaqueiros e uma bandeira com o logo da pesquisa.

Dos vinte e sete participantes da pesquisa, apenas onze estavam montados, um número pequeno, mas que representa muito, pois no questionário diagnóstico que responderam antes do início da pesquisa somente 5 afirmaram que costumam montar. E o número de adeptos não foi maior devido às dificuldades para conseguir animal, já que os participantes não tinham sua própria montaria e quem poderia emprestar estava participando do evento.

Neste dia, não atuamos como pesquisadora e sujeitos, mas como companheiros de diversão. No entanto não pude deixar meu olhar investigativo de lado e estive atenta a cada detalhe do comportamento dos estudantes, afinal era uma feliz oportunidade de vivenciar o tema com eles como uma prática social, longe das regras e hierarquias que engessam as ações nas escolas. Experimentamos alegremente o sabor da liberdade, sem esquecer qual o propósito do momento.

Figura18 – Imagens da Montaria



Fonte: Dados da pesquisa.

## 8 ANÁLISE DAS ATIVIDADES

As atividades do caderno didático dos doze sujeitos selecionados para compor o *corpus* foi o material de análise da pesquisa. Não houve observação com critério quantitativo ou classificatório, bem como ficou eliminada a comparação entre produção inicial e final proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010) em seu esquema de sequência didática. Os ajustes ao modelo francês estão detalhados na seção 5, que trata da metodologia.

A análise considerou o modo como o sujeito se apropriou do conceito de aboios e toadas ao longo do processo, verificando não somente a dimensão discursiva textual, mas, principalmente, o grau de aprofundamento de sua compreensão do valor de aboios e toadas como prática da vida cotidiana.

Desse modo, o processo se voltou mais para aspectos relacionados a aboio e toadas como representação de um grupo social do que para aspectos da linguagem. A compreensão do gênero textual *fanfic* foi analisada, principalmente seu caráter de narrativa híbrida. A medida usada para aferir como o Letramento se desenvolveu ao longo da pesquisa foi o grau de criticidade presente nos textos produzidos pelos sujeitos.

Vale salientar que não analisamos todos os exercícios de todos os sujeitos selecionados, antes foram verificados e destacados para uma análise qualitativa, buscando-se aproveitar o que cada um apresenta sem mensurações. Nos momentos em que foi necessário equiparar respostas, tivemos cuidado em não julgar as informações, mas exibi-las de modo esclarecedor para a análise. Não se podem analisar todos os aspectos, então nos restringimos às atividades e momentos mais relevantes para a pesquisa, respeitando as diversidades dos sujeitos e promovendo Letramento através de enfoques orais e escritos da linguagem.

Principiamos com uma atividade do primeiro módulo (apêndice E) relacionada a outra do módulo três. O foco aqui vai para a compreensão que os estudantes têm dos termos aboio e toada. É importante destacar que estavam pela primeira vez diante do aboio e a da toada como gênero textual na sala de aula.

O contato dos estudantes com o gênero longe da esfera social não descaracterizou o que já sabiam a respeito do aboio. As respostas são variadas, mas não destoam da essência do que dizem os estudiosos no assunto. É difícil encontrar um conceito exato, mesmo na literatura específica, muito do que tomei como norte para esta pesquisa veio do contato com os aboiadores e os vaqueiros, mesmo porque há muita fluidez conceitual – cada região nomeia de modo diferente essas cantorias populares. Ficamos com as possibilidades conceituais de

aboio apresentadas pelos sujeitos da pesquisa durante a realização de atividade do módulo 3 em 21/07, conforme o quadro 1:

Quadro 1 – Definições de aboio

Sujeito	Módulo 1 – 07/07	Módulo 3 - 21/07
	<b>O que é aboio?</b>	<b>Conceituar aboio</b>
EO	-----	Quando se chama o gado, tem ritmo
FV	-----	É a conversa do vaqueiro com o gado
DG	-----	Uma forma de se chamar o gado
LM	Improviso	Rima e improviso
MS	Rimas em forma de música, contando uma história ou uma situação	Improvisado para chamar o gado
EJ	Uma maneira de chamar o gado cantando	Cantoria para chamar o gado
NN	Rimas criadas por vaqueiros para atalhar o gado e animar um pouco a caminhada até o curral	Versos criados para quando o vaqueiro vai chamar o gado
CP	Um estilo musical	Forma do vaqueiro se comunicar com o gado e seu ajudante
AA	Canções improvisadas	É para chamar o gado
CM	É um canto de improviso	É feito na hora para chamar o gado ou se comunicar com alguém
TN	Tocar o gado ao som de berrantes, da voz, etc.	Era uma forma do vaqueiro se comunicar com o boi
CA	É um tipo de improviso que as pessoas fazem para a vaquejada	É um repente, é quando a pessoa chama o gado

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

É pertinente esclarecer que as respostas dos quadros foram transcritas com adaptações linguísticas, já que não é o foco da pesquisa medir o nível de expressão escrita dos alunos, mas o modo como se relacionam com a cultura do aboio e da toada, por isso o teor semântico de cada resposta foi preservado ao máximo.

Pelo que observamos nesse quadro, três sujeitos se esquivam de dar uma definição na primeira aula. As respostas dos demais são variadas, embora não haja dissonância nas variações. Na terceira aula da intervenção, os alunos foram colocados diante da mesma questão: dizer o que entendiam por aboio e toada. Depois de discutidos os termos, percebemos uma sintonia melhor entre as respostas; apenas o sujeito LM não relaciona o aboio à lida do gado, o que é uma característica essencial dessa cantoria.

Quando questionados nos mesmos momentos em relação ao conceito de toada (Quadro 2), notamos maior flutuação teórica do que em relação a termo “aboio”. As

explicações de MS e TN falham ao relacionar a toada ao improviso poético; já os sujeitos CP, AA e CM, que caracterizam de forma mais genérica no módulo 1, apresentam maior clareza na segunda versão de suas interpretações durante a atividade do módulo 3.

Quadro 2 – Definições de toada

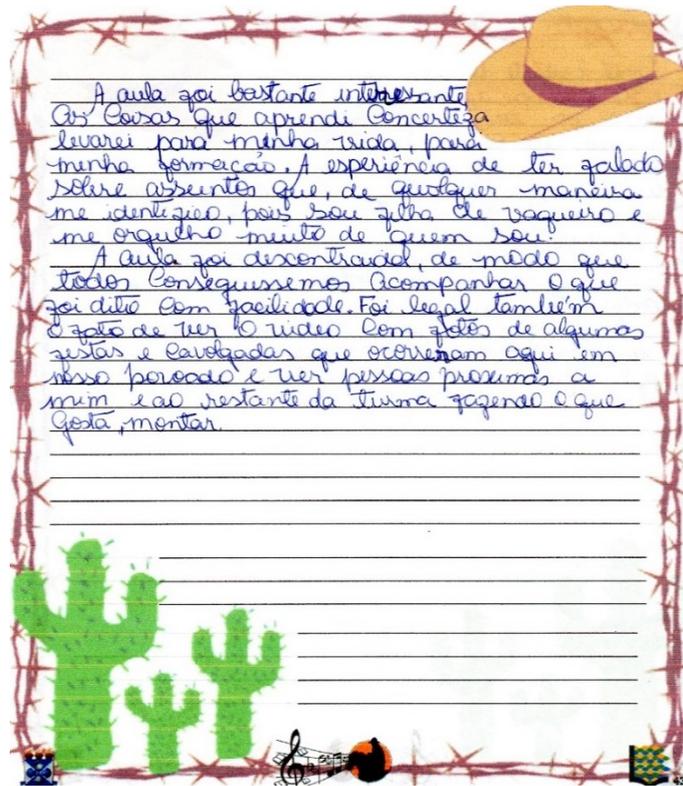
Sujeito	Módulo 1 – 07/07	Módulo 3 - 21/07
	<b>Para você o que é uma toada?</b>	<b>Conceituar toada</b>
EO	-----	Quando escreve a música, aí ela fica contada como história
FV	-----	Versos criados por um vaqueiro, criados na hora
DG	É uma forma de expressão para falar do Nordeste, do Brasil e o ambiente em volta	Surge do aboio, pode ser transformada em música
LM	Uma música que fala sobre vaquejada	Um tipo de rima e improviso
MS	É uma forma de cantoria feita com rima e improviso	Do aboio se forma uma toada que é uma música
EJ	É uma cantoria que o vaqueiro faz nas montarias, vaquejadas e etc.	São rimas que viram músicas e são escritas
NN	Coisas que falem sobre o sertão e a vida em forma de rimas e canções	Versos criados por um vaqueiro, sem ser escrito, criado na hora
CP	Forma de literatura nordestina	Músicas feita a partir dos aboios
AA	Canções Nordestinas	Cantorias que podem ser gravadas ou improvisadas
CM	É uma forma do canto do Nordeste	É um aboio que depois pode ser escrito
TN	Improviso com letras que fale do cotidiano da vida do vaqueiro	São versos feitos no momento em forma de cantoria
CA	É um conjunto de canto do Nordeste	É a mesma coisa que aboio e repente

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante dessa realidade, é importante salientar que já era esperado que não apresentassem clareza quanto a tais definições, afinal, esses gêneros não estão nos currículos nem nas grandes mídias, como já foi dito. Além disso, também é grande o número de gêneros circulando na sociedade e a cada dia surgem novas possibilidades. Bakhtin (1997) chama atenção para a questão da diversidade dos gêneros e defende que a riqueza e a variedade dos gêneros são infinitas, já que a atividade humana é inesgotável.

A reação dos estudantes diante de um vídeo exibido em sala ainda no módulo 1 mostra que a dúvida sobre o conceito de aboio ocorreu somente no campo teórico. Eles reconhecem essa atividade e se identificam como sujeitos dessa prática social. De acordo com TN, eles se sentiram felizes pelo reconhecimento que esta pesquisa deu às ações de seu cotidiano.

Figura 19 – Diário de bordo do sujeito TN



Fonte: Dados da pesquisa.

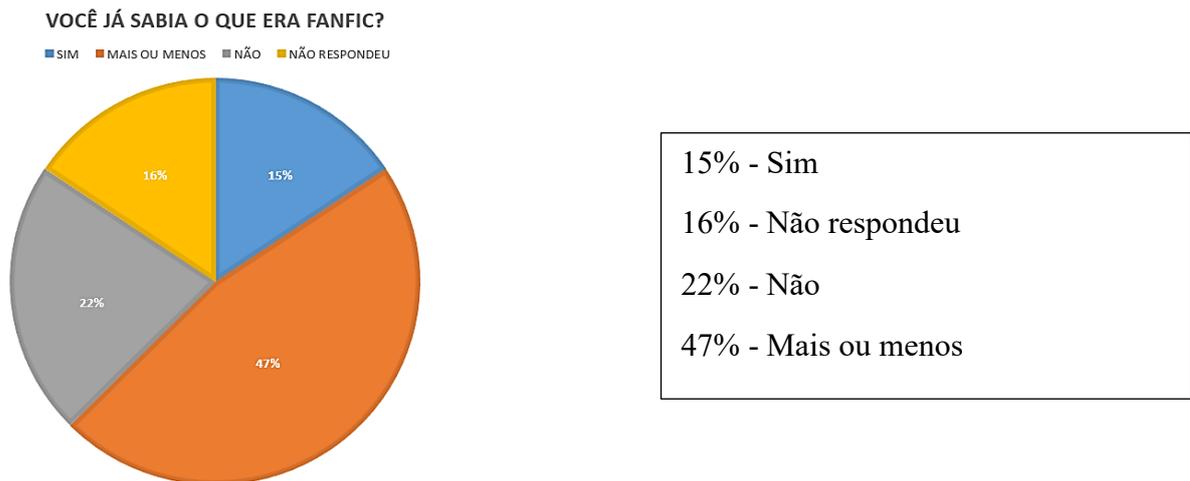
Além desse, há outros registros nos diários de bordo, conforme menciona LM em seu diário, afirmando que esta pesquisa “traz a cultura de volta para a nova geração que somos nós”. MS escreve que “o vídeo exibido mostrou mais dessa cultura que é tão apreciada na nossa região”. Fica evidente que o Letramento acontece não necessariamente através da incorporação de saberes. O fato de esses estudantes se perceberem como pertencentes a essa cultura e reconhecer seu valor é uma forma de Letramento. Conforme afirma Daoud, “a pessoa se faz pelo sonho. Não é abrindo um livro de matemática com fórmulas científicas que ela vai se tornar um cientista” (DAOUD apud PETIT, 2008 p. 81). O estudo da arte literária abre portas para o sonho, para um mundo que pode ser real e encantando ao mesmo tempo.

O centro de análise agora se volta para o módulo 2, na apresentação do gênero *fanfic* e no contato com a toada *Cavalo Buriti* (anexo B). Utilizamos a estratégia da inferência para verificar os conhecimentos prévios dos estudantes. Iniciamos a aula com a análise de capas de *fanfic* e a maioria reconheceu que eram releituras de outros textos, apenas TN e LM responderam numa linha de pensamento diferente, e não discerniram entre o texto original e a *fanfic* criada a partir dele.

Diante do questionamento se já conheciam *fanfic*, as respostas foram bem diversificadas, conforme podemos comprovar na figura 20, o que nos leva a pensar sobre algo

já dito algumas páginas atrás: os estudantes dão respostas que consideram mais adequadas: 47% deles marcaram o item mais ou menos. Isso, talvez, sinalize receio em responder não. Em média, 3 pessoas apenas afirmaram não saber o que era uma *fanfic*, o que corresponde a 22%, um percentual baixo, mas, quando propus ouvirmos a toada para escrever o primeiro texto de *fanfic*, os alunos colocaram muita dificuldade, alegando não ter nenhuma noção do gênero.

Figura 20 – Conceito de *fanfic*



Fonte: Dados da pesquisa.

No segundo momento da aula, o foco esteve na toada – gênero suporte para a produção das *fanfics*. Ao executar o áudio da toada *Cavalo Buriti*, não pude deixar de perceber como a melodia soa inquietante para eles, já que não costumam ouvir esse tipo de canção. Ninguém conhecia a toada, mas houve quem reconhecesse a voz dos aboiadores compositores, o que é um bom caminho para o Letramento no gênero. Desse texto saíram várias palavras para o glossário que compõe o livreto final. Foi surpreendente a atitude dos estudantes diante de alguns termos considerados comuns e que para eles pareciam raros, como “bater esteira”, “boi na faixa”, “sangra” e a palavra “mourã” conhecida em um único sentido: tronco onde se amarra o animal. Após breve discussão, chegamos a novas definições, todas registradas no glossário.

Quando questionados diante de um trecho da toada “Canção do lenço” a respeito da poética da linguagem (figura 21), dez dos doze sujeitos disseram que tem linguagem poética nessa toada apenas porque há expressão de sentimentos. De fato, a linguagem da toada não tem complexidade semântica ou estrutural, o literário reside no modo como o poeta pode tocar o leitor ao falar de um isolamento provocado por uma desilusão amorosa.

Não é mesmo fácil definir o que é literatura, dependerá sempre de uma ponte que una o sentimento do autor ao do leitor. Em um trecho do “Livro do Desassossego”, Fernando Pessoa, através de um de seus heterônimos, caracteriza o poema como a expressão de sentimento em linguagem, exatamente como esses estudantes sentiram a toada Canção do Lenço.

Figura 21 – Linguagem poética em toada

**Conversa de pé de mourão**

**Texto 2**

Toda minha desventura  
 Foi amar quem não me ama,  
 Estou lotado de amargura,  
 o meu coração reclama  
 O que mais me diminui  
 É eu lembrar que já fui  
 da alta sociedade  
 Pra hoje eu viver sozinho  
 Triste igual um passarinho  
 na gaiola da saudade.

**Matutando...** O texto é poético porque expressa um sentimento e ele escreve o que quer em uma linguagem conotativa.

O texto ao lado é um trecho da toada Canção do Lenço (faixa 9 do Cd), muito conhecida na voz de Buscapé da banda Arreio de Ouro. Podemos dizer que sua linguagem também é poética? Por quê? Releia o texto 1 e diga o que ele tem em comum com o texto 2.

Fonte: Dados da pesquisa.

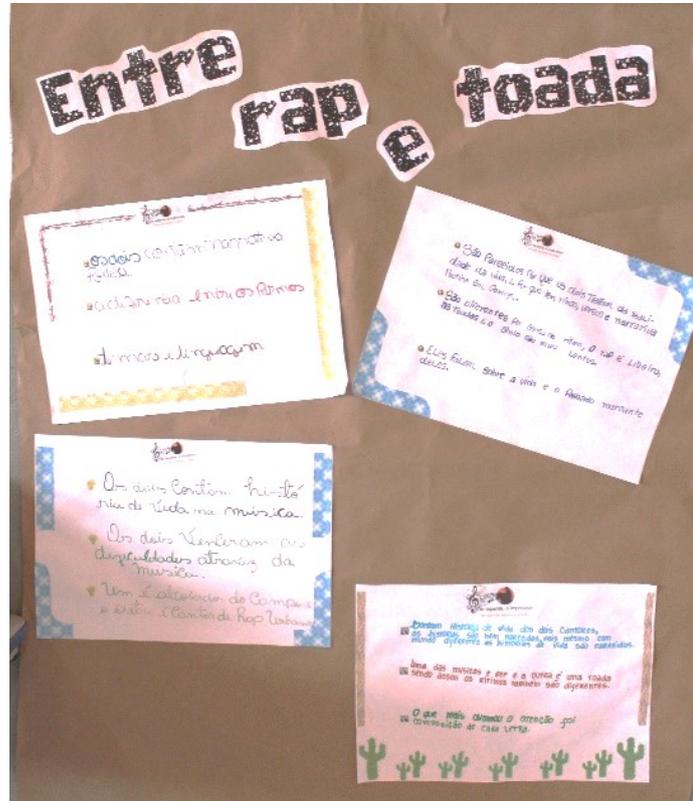
O texto é poético porque expressa um sentimento e ele escreve o que quer em uma linguagem conotativa.

As poéticas orais se apresentam em forma de ritos culturais e se revelam práticas comuns do dia a dia que mudam conforme o tempo e o espaço. Chartier (2011) classifica as práticas culturais como uma categoria com produções e comportamentos situados fora da cultura erudita. Desse modo, podemos encontrar uma variedade de poéticas com características próprias, mas que podem ser analisadas em um mesmo panorama. Foi o que fizemos ao propor aos participantes da pesquisa montar um quadro comparativo entre uma toada e um rap, estabelecendo semelhanças e diferenças entre eles.

A análise evidenciou que os estudantes já marcam bem diferenças rítmicas entre as duas modalidades. Goldstein (2005) compreende o ritmo como um componente do poema relacionado à época ou à situação de produção, o que coaduna com a sistematização que os estudantes fazem ao classificar rap um ritmo mais ligeiro, marcado por uma batida forte, como representante urbano, e toada, em seu compasso mais lento, representativo do campo.

Os estudantes atentaram para as semelhanças nas letras das duas narrativas: ambas mostram a história de vida dos seus compositores, vencendo as dificuldades através da música.

Figura 22 – Comparação entre rap e toada



Fonte: Dados da pesquisa.

A atividade que nos propomos a analisar agora parte da subjetividade da criação poética dos alunos. Depois do encontro com os aboiadores, a proposta era fazer versos livremente. Os estudantes deveriam pensar em alguma situação e criar um verso de improviso, sobre um tema qualquer. A intenção era observar se haviam apreendido a noção de versos na prática.

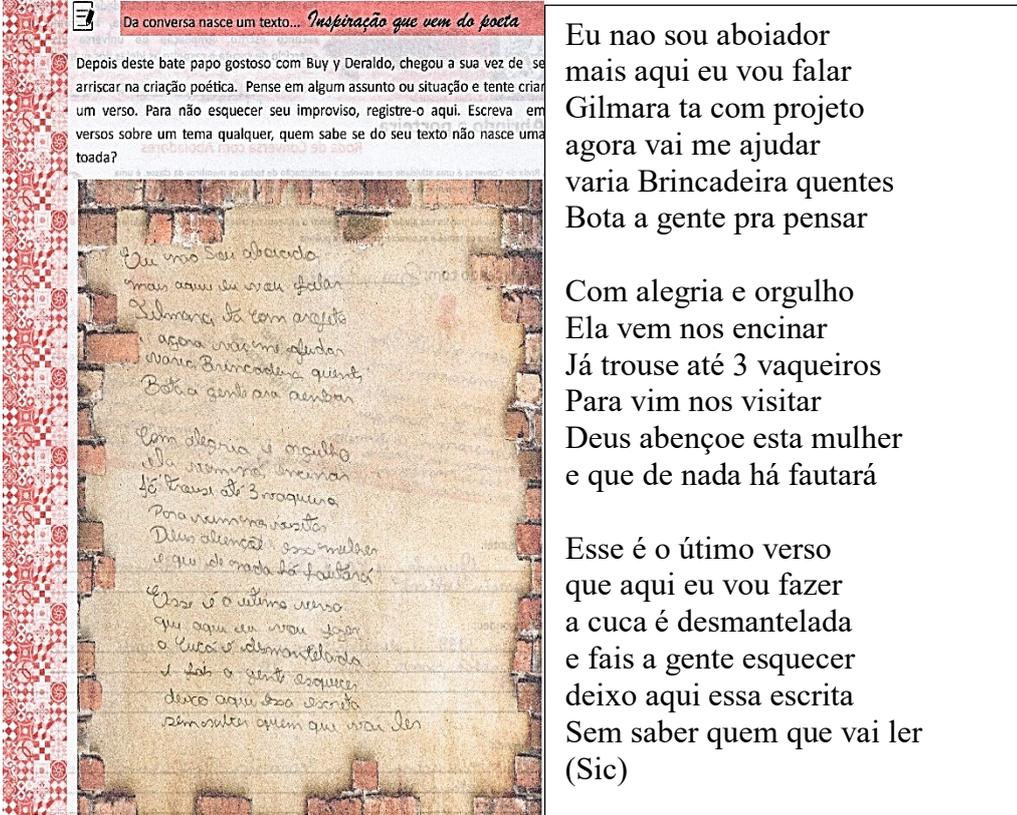
Por isso, importaram aspectos essenciais à forma, a exemplo da rima, da estrofação, do ritmo e da musicalidade, sem deixar de considerar os traços de literalidade latentes além da estrutura. Goldstein (2005) chama atenção para a necessidade de uma análise que busque o efeito poético do texto, e não fique apenas no arranjo e seleção das palavras.

Observando as produções dos 12 sujeitos, notamos que todos perceberam a versificação como um recurso da forma, mas, mesmo não aparecendo nenhum texto em prosa, nem todos tiveram a mesma habilidade em organizar os versos de seu poema. Apenas NN e EJ fizeram sextilha, que é a forma padrão do aboio, os outros variam o número de versos em

cada estrofe, como se o encadeamento rítmico, que nasce da organização dos versos, não fosse importante para a harmonia.

Em alguns casos, faltam condições mínimas para considerarmos o gênero poesia, segundo os padrões do aboio, pois nem mesmo a rima, considerada a exigência mais simples nesse tipo de poesia, deixa de trazer obstáculo para alguns repentistas (AYALA, 1988, p. 131) e também se apresenta dificultosa para alguns alunos. No momento da composição do verso, a maioria atende aos requisitos esperados de um aboio tanto na estrutura quanto na temática. Enquanto alguns estudantes demonstram dificuldade na realização da tarefa, outros se expressam com segurança e fluidez, atendendo tanto a requisitos estruturais quanto à escolha temática. Tomemos como mostra os textos de NN e EJ.

Figura 23 – Versos criados pelo sujeito NN



Da conversa nasce um texto... *Inspiração que vem do poeta*

Depois deste bate papo gostoso com Buy y Deraldo, chegou a sua vez de se arriscar na criação poética. Pense em algum assunto ou situação e tente criar um verso. Para não esquecer seu improviso, registre-o aqui. Escreva em versos sobre um tema qualquer, quem sabe se do seu texto não nasce uma toada?

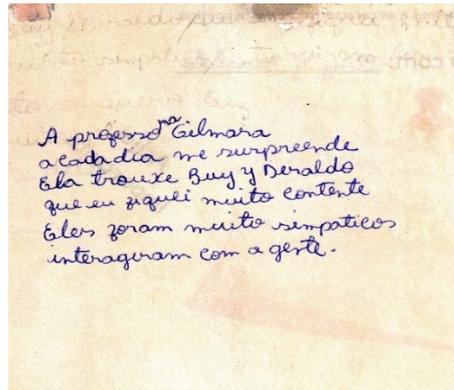
Eu não sou aboiador  
mas aqui eu vou falar  
Gilmar ta com projeto  
agora vai me ajudar  
varia Brincadeira quente  
Bota a gente pra pensar

Com alegria e orgulho  
Ela vem nos encinar  
Já trouxe até 3 vaqueiros  
Para vim nos visitar  
Deus abençoe esta mulher  
e que de nada há fautará

Esse é o último verso  
que aqui eu vou fazer  
a cuca é desmantelada  
e fais a gente esquecer  
deixo aqui essa escrita  
Sem saber quem que vai ler  
(Sic)

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 24 – Versos criados pelo sujeito EJ



A professora Gilmará  
 A cada dia me surpreende  
 Ela trouxe Buy e Deraldo  
 Que eu fiquei muito contente  
 Eles foram muito simpáticos  
 Interagiram com a gente.

Fonte: Dados da pesquisa.

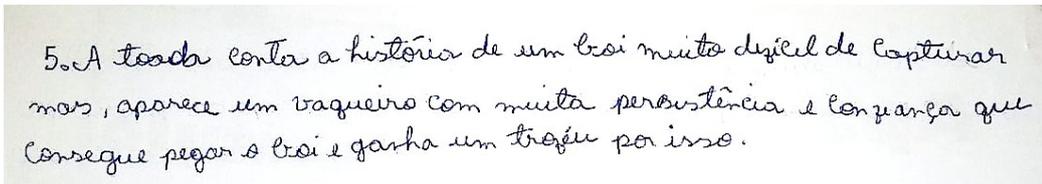
Os dois textos estão em verso e têm a rima marcada nos versos pares, aspectos característicos das poesias de aboio. Além disso, há sintonia temática, ambos utilizam um fato ocorrido no momento de produção, conforme costumam ser os versos do aboio. NN e EJ percebem essa peculiaridade e versam sobre a situação vivida em sala de aula.

A sextilha nas cantorias constituem estrofes de três unidades, sendo cada unidade uma frase (AYALA, 1988). Podemos constatar pelas figuras que a disposição dos versos em sextilha favorece o encadeamento rítmico e apresenta o assunto em frases divididas em dois versos cada uma, conforme a regra de composição dos aboios. A aplicação das regras da poesias de aboio anuncia uma das muitas formas de Letramento, que pode chegar até estes sujeitos através do contato com essa cultura.

Incorporado o aboio, passamos ao estudo sistemático da toada. Iniciamos pela compreensão da narrativa e seus elementos, tomando por base a toada *Boi cigano*. Os sujeitos, depois das discussões em sala de aula, consideram a toada uma narrativa, reconhecem a presença de um narrador e a participação dele nos fatos, bem como classificam adequadamente os personagens, considerando o papel que cada um desempenha na história. As referências espaciais presentes na letra da toada contribuíram para que os sujeitos identificassem satisfatoriamente o ambiente da narrativa.

Os sujeitos apresentam respostas diferentes apenas na atividade de sintetizar a história. A maioria depreendeu a ideia central do enredo, mas dois sujeitos fizeram um simulacro da toada e, em lugar de sinopse, reproduziram a história em forma de prosa. Diante dos textos observados, escolhemos a síntese de EJ e DG (figura 25), por entender que representa oportunamente a ideia central da toada.

Figura 25 – Síntese da toada pelo sujeito EJ



5. A toada conta a história de um boi muito difícil de capturar mas, aparece um vaqueiro com muita persistência e coragem que consegue pegar o boi e ganha um troféu por isso.

Fonte: Dados da pesquisa.

Esta atividade teve como continuação a tarefa para casa na qual os participantes, com a ajuda de familiares, relacionaram a toada *Boi Cigano* ao cotidiano dos vaqueiros de nossa região e coletaram nomes de vaqueiros afamados de Chapada. De acordo com o número de vezes que cada nome apareceu na sala de aula, selecionamos quais iríamos procurar para colaborar com nossa pesquisa (Quadro 3).

Quadro 3 – Vaqueiros afamados

Vaqueiro citado	Sujeitos que citaram				
Goinha	FV	DG	EO	TN	LM
Bira	FV	TN			
Cacó	FV	DG	EO	TN	LM
Martinho	CM	CA	EO	MS	
Antônio do Saco (em memória)	TN				

Fonte: Dados da pesquisa.

O quadro acima mostra os vaqueiros e quais sujeitos da pesquisa os citaram como afamados. Os nomes de Cacó e Goinha são os mais recorrentes, sendo lembrados cada um por 5 dos doze sujeitos. 4 dos sujeitos não apontaram nenhum nome de vaqueiro. Apenas TN indicou Antônio do Saco. Embora seja uma referência na localidade, os demais sujeitos justificaram colocar somente o nome de pessoas vivas. O vaqueiro Bira, citado pelos sujeitos FV e TN, atualmente mora em outra cidade e por essa razão não o incluímos neste estudo. É pertinente destacar que, embora haja filhos e netos de vaqueiros na turma, nenhum dos vaqueiros selecionados é parente de aluno.

Diante do questionamento sobre a correlação entre a toada *Boi Cigano* e o cotidiano do vaqueiro, cabe pontuar dois aspectos: o primeiro é que todos os sujeitos perceberam conexão entre a toada e o trabalho do vaqueiro. A vertente mais observada foi a semelhança com os afazeres rotineiros, a exemplo da pega do gado dentro da caatinga. O outro foi o vínculo a uma situação concreta: três sujeitos relacionaram a um episódio relatado por Sr. Martinho durante a entrevista que lhe fizemos.

Cosson (2017) assevera que o Letramento acontece quando o estudante é capaz de produzir sentidos, estabelecendo correspondências com a realidade, nesta lógica, a prática do Letramento irrompe da atividade. Outro sinal de Letramento também defendido por Cosson (2017) está na forma como o sujeito é capaz de relacionar-se emocionalmente com o texto.

Notamos implicação sentimental de LM pelo uso do diminutivo “jeitinho” e pela presença do adjetivo “carinhoso”. Constatamos também sensibilidade no discurso de AA e EO pela maneira como se referem aos desafios enfrentados pelo vaqueiro, da mesma maneira que é notório o vínculo afetivo demarcado pela territorialidade no texto de DG, “vaqueiros aqui de Chapada”, e TN, “vaqueiros de nossa região”, conforme pode ser comprovado pelo quadro 4.

Quadro 4 – Toada Boi Cigano e cotidiano dos vaqueiros

Sujeito	Relação estabelecida entre a toada e o cotidiano dos vaqueiros
FV	Vários vaqueiros de Chapada já viveram situações assim.
DG	Os vaqueiros aqui de Chapada, como vários outros vaqueiros já correram atrás de gado dentro da caatinga.
CM	É possível relacionar esta história com a de Martinho, porque ele também sai à procura de bois e às vezes até se machucam tentando pegar um boi bravo.
AA	Em alguns pontos tem relação como ir buscar gado, passar por situações difíceis.
CP	O trabalho de um vaqueiro é pegar boi na mata.
CA	Tem um vaqueiro chamado seu Martinho que conta que foi ajudar outro vaqueiro com um boi, machucou o joelho e até hoje dói.
EO	Os vaqueiros lutam com os bois as vezes arriscando até a própria vida.
NN	As histórias se relacionam sim, porque isso é a atividade do vaqueiro: pegar boi na caatinga.
TN	Os vaqueiros de nossa região enfrentam e enfrentavam muito essas situações de gado bravo, usam também roupas de couro.
EJ	Os vaqueiros contam histórias do cotidiano, assim como a toada.
MS	É possível relacionar a história da toada com a história de seu Martinho que também era vaqueiro e até já perdeu um dedo na argolinha e também viajava para longe para levar o gado.
LM	Ele entra no mato para pegar o boi, depois ele consegue pegar com um jeitinho carinhoso com os animais.

Fonte: Dados da pesquisa – respostas do caderno didático.

Aproximar a figura do vaqueiro ao personagem da toada *Boi Cigano* trouxe à tona uma questão casual, embora pouco discutida entre estes estudantes: a idealização da figura do herói. É habitual que se crie uma alegoria sobre o nordestino como o homem forte que sobrevive às adversidades circunstanciais do sertão. Para a análise, delimitamos a imagem do vaqueiro como esse herói do Nordeste e lançamos três proposições para os estudantes escolherem segundo suas concepções.

Dentre as alternativas apresentadas, estavam o herói como ser do imaginário, herói como uma pessoa comum ou herói notável. Nenhum dos sujeitos considerou a perspectiva do herói como um ser que existe apenas no imaginário. As respostas estiveram polarizadas, em um percentual de 50% para cada lado, entre o herói ser uma pessoa comum, das mais variadas atividades humanas e ser alguém notável pelos seus feitos, cuja memória continua após a morte.

A discussão foi oral e consistiu em oportunidade dos estudantes defenderem um ponto de vista sem julgamento das respostas. Atentamos para a sistematização utilizada por cada um para defender seu ponto de vista, observando se os argumentos fluuavam ou eram consistentes.

É consenso entre os sujeitos que o vaqueiro é um herói. Nota-se também 100% das respostas positivas para a pergunta se conhecem algum herói, inclusive a figura mais recorrente é a da mãe como heroína (66%). Esse dado corrobora a ideia defendida na seção da Metodologia, item 5.1, sobre a dimensão representativa da figura materna para esses estudantes.

## 8.1 REFLEXÕES SOBRE AS *FANFICS*

Passaremos a um balanço das produções de *fanfic*. Para efeito de análise, separei seis textos escritos com base nas toadas *Cavalo Buriti* e *Boi Cigano*, que foram as que mais trabalhamos durante os módulos interventivos. São três produções de cada toada. A atividade do caderno didático propunha uma *fanfic* com liberdade de escolha da toada. Acredito que o contato com essas toadas em sala de aula motivou a decisão dos estudantes. Os sujeitos que tiveram os textos analisados são: CM, DG e EJ, que escolheram fazer *fanfic* da toada *Cavalo Buriti*; FV,CP e MS, com co-autoria de CA, optaram pela toada *Boi Cigano*. Os textos dos outros sujeitos não entraram nesta parte da análise porque estão inspirados em outras toadas.

As habilidades de escrita não vogam nesta pesquisa, por isso os textos passaram por adequações no plano linguístico antes da publicação, sempre com muito critério, a fim de não causar alterações semânticas, visto que, para esta pesquisa, importa mais a forma de relacionar-se com o universo cultural do aboio e da toada que as transformações técnicas relacionadas à língua.

Assim, o que se espera é que os sujeitos encontrem um meio termo entre a tradição cultural e as novas ferramentas de comunicação, uma ponte que conecte as toadas com as *fanfics*, interessando se os sujeitos utilizaram a estrutura adequada ao gênero *fanfic* e se o fizeram considerando linguagem e conteúdo compatível com as narrativas das toadas.

Em virtude do caráter ficcional dos dois gêneros, os elementos da narrativa foram averiguados através da observação de três aspectos: o primeiro diz respeito ao elo que o texto mantém com a toada, o segundo está relacionado a traços distintivos, isto é, o elemento novo apresentado na *fanfic* e, por fim, o plano da expressão, que é o uso os termos do glossário nas narrativa.

Desse modo, os seis textos apresentam elementos que permitem classificá-los como *fanfic* porque estão ancorados em obras já existentes, mantendo alguns aspectos da narrativa original e ao mesmo tempo apresentando elementos novos. O *blog* Tenda de pensar foi utilizado como veículo de circulação, já que o vínculo ao meio eletrônico é outra característica das *fanfics*. No *blog*, também estão publicados o glossário e uma coletânea de toadas, a fim de facilitar o contato do leitor internauta com a linguagem e a estrutura das toadas.

### 8.1.1 *Fanfics* da toada Cavallo Buriti

Figura 26 – *Fanfic* do sujeito DG – O campeão de mourão

Lá nos meios do sertão, havia um cavalo chamado Buriti. Buriti, que é nome bonito, nome de planta, era um grande campeão de mourão, um dos maiores da região. O vaqueiro Goinha que está lhe cuidando para que mais tarde, na hora da vaquejada, Buriti derrube boi no chão. Quando tem festa, a meninada corre tudo só pra ver Buriti correr vaquejada, pois é quando ele mostra sua força. No final da tarde, o vaqueiro afamado vai atrás de seu cavalo Buriti para prender no local de descanso. Depois que chega a noite, animal e vaqueiro vão descansar, antes de adormecer Goinha liga sua vitrola para ouvir Vavá Machado e Marcolino e agradecer ao criador por sua vida de gado.

Fonte: Dados da pesquisa.

É válido notar que, na *fanfic*, a participação do vaqueiro torna-se importante no enredo, enquanto na toada há apenas uma rápida menção ao modo como Santinho trata do cavalo. Na *fanfic*, a relação de vaqueiro e animal é mais intensa, a sintonia entre eles ganha evidência como se ambos compartilhassem as mesmas batalhas ao longo do dia. Há também uma sugestão de que as conquistas do cavalo resultam do cuidado do vaqueiro: “Goinha está lhe cuidando para que mais tarde, Buriti derrube o boi no chão”.

Do mesmo modo que o animal é referenciado como um campeão, o vaqueiro é tratado de afamado, título conferido a quem é o melhor em seu ofício. Cabe notar uma intencionalidade do sujeito DG na escolha do nome do cuidador do cavalo, pois o personagem Goinha é homônimo de um dos vaqueiros colaboradores. Ao reservar um papel de destaque para ele na sua história, o sujeito demonstra reconhecer a importância desse vaqueiro para a comunidade de Chapada.

É interessante tecer algumas considerações sobre o modo como o sujeito DG conduz o desfecho da narrativa: o vaqueiro encerra o dia ouvindo moda de viola em uma vitrola, delineando traços de uma cena típica do universo sertanejo, e a aparição de Vavá Machado e Marcolino no enredo é uma referência aos aboiadores que recebemos em sala de aula, pois tanto Buy e Deraldo quanto Marinho revelaram ter nessa dupla a grande inspiração para seus versos.

Figura 27 – *Fanfic* do sujeito CM – A égua Octívia

Era uma vez a história de uma égua chamada Octívia. Era valente e brava, mas nunca passara do mourão. Sentia-se triste por isso, e sempre que via os cavalos passando para irem à vaquejada ou tangendo o gado com o seu vaqueiro, o coração de Octívia disparava na vontade de ser respeitada e também ser levada para correr em competição.

O senhor Zé Martins percebeu a tristeza em seu olhar e prometeu realizar o grande sonho da égua. Octívia ficou tão feliz que relinchava e balançava a crina ao sabor do vento. O vaqueiro cumpriu sua promessa, desde então, em vez de levar seu cavalo como era de costume, passou a ir em companhia de Octívia. E sempre juntos começaram a tanger o gado do patrão. A bela égua cada vez que saía sentia uma alegria e um calor no coração.

Então, em uma manhã ensolarada, Octívia se sentiu pronta para correr na vaquejada. O senhor Zé Martins assentiu. E venceram. Desde então, Octívia viu campeã de argolinha e vaquejada. E com o vaqueiro Zé Martins, todo dia tangia o gado.

Fonte: Dados da pesquisa.

A *fanfic* traz uma nova perspectiva ao colocar no protagonismo da trama a figura feminina, simbolizada pela égua Octívia. No universo das toadas, o vaqueiro costuma ser a representação da virilidade enquanto o protótipo feminino é sempre frágil e dependente. O heróico, mesmo quando personificado, aparece sempre no aspecto do garanhão. Colocar uma égua como destaque é uma tentativa de dar espaço à mulher nesse universo predominantemente masculino.

Nessa história, a égua vive triste até ocupar na fazenda o lugar que sempre esteve reservado aos reprodutores. Octívia sonhava conquistar seu próprio espaço e provou que podia realizar com desenvoltura as mesmas tarefas que os cavalos. Isso só foi possível pela empatia que havia entre o vaqueiro e a égua.

Mais uma vez, a relação do homem com o animal é um recurso impactante para o desenrolar dos fatos. A afetividade entre os personagens mostra que o sujeito CM respeita o

ofício do vaqueiro ao representá-lo como um ser sensível, intuído no traquejo dos animais. Nomear o vaqueiro da narrativa de Zé Martins foi uma estratégia para referenciar o vaqueiro Sr. Martinho, colaborador da pesquisa. Personagens que representam pessoas conhecidas é uma forma de o sujeito inserir-se no texto, provando que as histórias das toadas também são suas histórias.

A seleção vocabular é uma mostra do envolvimento do sujeito com a temática, contribui para fluência da ideia central, já que os termos são escolhidos para reforçar a lógica do animal como ícone, através de adjetivações que enaltecem o perfil de campeã da égua e reforçam o papel de companheira do vaqueiro.

Figura 28 – *Fanfic* do sujeito EJ – O coração domado

Era um dia ensolarado quando Juca foi chamado para uma competição, levou o cavalo mais arisco que havia na fazenda para correr nesta vaquejada. Chegando lá, foi logo se preparando, vestiu as perneiras, colocou o chapéu de couro e amarrou o cavalo no mourão, preparando seu cavalo, começou a conversar com ele.

A hora chegou, o sol ficou mais intenso, o público animado, e a ansiedade tomou conta de Juca. Foi dada a largada e Buscapé assustado derrubou seu dono e se soltou do jiquí, saiu em disparada, levando tudo pela frente, mas Juca foi chegando de mansinho, tentando acalmar o cavalo, Buscapé deu uma empinada e seu dono começou a conversar com ele, aproximou-se e alisou a crina, Buscapé sentiu-se amado como nunca antes e foi se acalmando.

Os dois voltaram para a corrida e o que ninguém imaginava aconteceu. Juca surpreendeu a todos, ganhou em primeiro lugar e conseguiu mostrar que dentro de um cavalo arisco e difícil de conquistar, existe um coração que com dedicação e cuidado, fica fácil de adomar.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os pontos de interseção entre os textos estão espalhados ao longo do enredo, confirmando caráter de paráfrase próprio das *fanfics*. O coração domado sustenta a relação de cumplicidade entre animal e vaqueiro, representada pelos personagens Buscapé e Juca.

Assim como na toada, a voz de um narrador vai descrevendo os acontecimentos que marcam a trajetória de um cavalo campeão de vaquejada. O vínculo entre Buscapé e Juca é um elemento também presente na toada, no entanto, na *fanfic*, os sentimentos são mais intensos, corroborando com as discussões em sala em que falamos sobre a conexão entre vaqueiros e animais como uma peculiaridade nesse ofício.

No tocante ao tempo da narrativa, o cavalo é tratado como se sempre tivesse sido um campeão, já na *fanfic* o cavalo Buscapé é apresentado como um animal arisco que, depois de superar uma complicação no enredo, torna-se um vencedor.

O recurso linguístico é usado como uma linha que vai costurando a narrativa: na introdução, aparecem os termos “perneira e chapéu de couro”, no desenvolvimento, há “jiquí” e “crina”, e o verbo “adomar” no final da história, selando o uso consciente de expressões do glossário.

### 8.1.2 FANFICS da toada Boi Cigano

Figura 29 – *Fanfic* do sujeito FV– O touro amigo

Era um dia ensolarado quando cheguei em nosso sertão. Havia um falatório, as pessoas só comentavam sobre um velho boato e me flechavam com seus olhares.

Em uma conversa de pé de mourão, o senhor Ravares lançou-me o desafio de pegar o touro que lhe deixava de cabelo em pé, fiquei aperreado e comecei a matutar sobre a proposta, aceitei.

Entrei na caatinga e ao subir no chapadão dei de cara com o touro, ele me olhava com tristeza, já velho e cansado não poderia escapar. Me passou no pensamento *vou pegar esse touro e trocá-lo pelo diploma, para deixá-lo descansar.*

O fazendeiro feliz, com o diploma na mão. Eu disse *fico com o touro, o senhor com o diploma.* Não me senti merecedor porque o animal já estava velho e cansado. Levei o touro para minha fazenda, onde podia descansar e ele meu amigo se tornou.

Fonte: Dados da pesquisa.

A *fanfic* traz à tona uma possibilidade de refletir sobre estereótipos enraizados. Trata-se de um texto que inicia com enredo muito próximo ao da toada Boi Cigano, mas, conforme pistas já no título, guarda uma surpresa no meio da trama: a motivação do vaqueiro para pegar o boi não é a mesma que se apresenta na toada.

Diferente da toada, em que o vaqueiro sente orgulho por haver capturado o boi, na *fanfic* ele fica sensibilizado pela condição desigual de seu opositor. A partir das relações criadas no texto, percebemos que o boi não é visto como antagonista, mas um oponente em situação de vulnerabilidade. Na toada, prevalece o sentido velado de que o boi é um animal bravo que coloca em risco a segurança do vaqueiro, e, na *fanfic*, fica claro que ele já não representa mais uma ameaça.

Tanto na toada quanto na *fanfic* o vaqueiro cumpre o papel de herói, muda apenas sua relação com o boi, pois na *fanfic* há um respeito entre eles. O vaqueiro entende a condição de velho e cansado do touro e resolve dar um fim à perseguição que diverte as pessoas e amedronta o animal. Focalizando um pouco mais a personagem do vaqueiro, percebemos o

cuidado do sujeito FV na criação de um herói humano, um sinal de sensibilidade para entender que o vínculo entre o cuidador e o gado merece ser preservado.

Na construção lexical, o vaqueiro da *fanfic*, narrador-personagem assim como na toada, convida o leitor a participar de seu universo apresentando o espaço como “nosso sertão”. Ao fazê-lo, divide o espaço com o leitor, tornando-o cúmplice dos acontecimentos, como se fosse necessário o leitor conhecer o sertão para estabelecer os enlaces necessários à compreensão do texto.

Figura 30 – *Fanfic* do sujeito CP – O amor como prêmio

Certo dia, um jovem vaqueiro vai a uma festa no sertão baiano, era um dia de céu limpo. Ao chegar, escuta um boato de um boi famoso que nenhum vaqueiro conseguia pegar e matutando consigo mesmo resolve encarar o desafio.

O fazendeiro agradecido promete a mão de sua filha mais velha como recompensa. Sabendo que aquele era um boi mandingueiro, o vaqueiro, com sua grande coragem e desmedida ambição, montou no seu cavalo e embrenhou-se caatinga adentro decidido a casar com a filha do fazendeiro.

Alguns metros à frente, encontrou o touro acuado, não tinha o fogo nas ventas que o vaqueiro imaginara, já velho e cansado, o animal foi se esconder no chapadão. O vaqueiro seguiu o rastro do touro entusiasmado para capturá-lo e ganhar como prêmio um grande amor. Investiu seu cavalo em direção ao boi com objetivo de aprisionar o animal, atirou o laço no bicho que foi capturado.

Sentindo-se jubiloso, sai chinchando o boi e depois vai correndo para os braços do seu amor que o espera debaixo de um pé de juazeiro.

Fonte: Dados da pesquisa.

Histórias de amor costumam ser tema recorrente nas toadas, embora não seja o caso de *Boi Cigano*. E o desenrolar dos fatos sob a perspectiva do plano amoroso é a característica que melhor define essa *fanfic*. Já no título da narrativa há uma pista da motivação do vaqueiro na captura do boi.

Na toada, o vaqueiro deseja pegar o boi para honrar a profissão. O desafio entre eles visa a medição de forças numa atmosfera de entretenimento para cativar o público. Na *fanfic*,

nenhuma relação se estabelece entre homem e animal, nem afetividade nem rivalidade, tudo o que interessa ao vaqueiro é ganhar a filha do fazendeiro.

Outro elemento que distingue a *fanfic* do texto motivador é o condicionamento do animal. Para surpresa do vaqueiro, o touro não tinha o vigor anunciado nos boatos, o que torna a missão mais leve. Na toada, não há nenhum sinal de que a tarefa tivesse sido de algum modo facilitada para o vaqueiro, que é apresentado como ser invencível.

Esses aspectos diferenciadores entre os dois textos não anulam as semelhanças entre eles, e mesmo com a nova roupagem há pontos que relevam a todo instante a influência da toada. O desafio da pega de boi no mato é um traço muito forte que permanece na *fanfic*, conferindo ao texto identidade com a história da toada, constituindo apreciação valorativa da cultura do vaqueiro.

O uso consciente do glossário produzido construído durante a pesquisa revela um cuidado do sujeito CP na escolha de expressões que preservem o contexto da toada, tanto na caracterização das personagens quanto na descrição do ambiente, permitindo que a recorrência destes termos vá cristalizando imagens sólidas e fortalecendo o processo mnemônico.

Figura 31 – *Fanfic* do sujeito MS – Determinação em dose dupla

Era uma tarde ensolarada no sertão baiano, um duelo começava naquele dia entre duas amigas e um boi que nenhum homem jamais conseguiu pegar. No meio da caatinga, o sol brilhava na pele daquelas duas vaqueiras e elas tinham o desafio de derrubar o boi mais valente do sertão, mas o maior desafio era provar para os outros que elas podiam conseguir.

Vestidas em seus couros, de gibão e perneiras, montaram nos seus cavalos e saíram pela caatinga atrás do que diziam ser o tal boi maroeiro, o animal mais temido de toda redondeza. Logo avistaram o vulto em cima da chapada. Naquele momento, elas sabiam que apenas uma poderia pegá-lo e saíram em galope, cortando vento pelo mato. O boi, ligeiro como um gato, saiu correndo para cima do chapadão. Então, uma delas encurralou o boi em um pé de aroeira e enlaçou o touro bravo.

Naquele momento ficou provado que uma mulher podia fazer uma coisa que jamais nenhum homem conseguiu fazer.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse texto, o desafio de pegar o boi é deslocado do centro do enredo, torna-se tarefa menor diante do que o sujeito MS propõe: o duelo do vaqueiro com o touro vira plano de fundo para uma discussão sobre gênero.

Como já apareceu em outra *fanfic*, o tema de referência aqui é a luta das mulheres para conquistar seu espaço diante dos valores machistas da sociedade: são duas vaqueiras que disputam entre si a pega do boi.

Percebe-se que a preocupação de MS está em discutir o tema em uma perspectiva ampla, tanto que o duelo entre as amigas não ganha força no enredo, não se sabe quem sai vencedora porque as personagens não aparecem individualizadas, não importa saber qual das duas ganha a batalha. O mérito vai para a representação da mulher de modo geral.

Importante destacar que nas outras duas *fanfics* inspiradas em *Boi Cigano* a descrição do touro guardava traços de decadência do animal, diminuindo indiretamente a conquista do vaqueiro. Aqui a valentia e a sagacidade do boi são aspectos destacados, mesmo assim o tipo destemido das vaqueiras supera a esperteza e a força do boi.

No tocante ao uso do glossário, percebemos habilidade do sujeito no arranjo da linguagem através do uso de metáforas como “cortando vento pelo mato” e “ligeiro como um gato”. Ao longo da narrativa, recorre a expressões da área semântica do vaqueiro que vão sedimentando as descrições de personagens e do ambiente.

Os textos, de modo geral, dialogam com a proposta da pesquisa, porque é notável o envolvimento dos sujeitos com as questões relativas à cultura popular representada aqui pelos aboios e toadas. Demonstram respeito pela figura do vaqueiro, que continua mantendo nas *fanfics* uma participação importante como nas toadas. Os sujeitos fizeram uso consciente do glossário, empregando adequadamente as expressões, o que enriqueceu as narrativas, contribuindo para valorização e preservação da cultura.

## 9 VALEU BOI

Valeu boi é uma expressão usada na vaquejada quando o vaqueiro cumpre o esperado na competição que é derrubar o animal no local sinalizado para isso. Ouso dizer que para esta pesquisa também valeu boi. Porque tivemos os objetivos atendidos, se não em sua totalidade, mas em proporção que permite encerrar com sensação equivalente à dos grandes vaqueiros quando colocam o boi na faixa.

Estudar aboios e toadas em uma esfera acadêmica era um sonho que me acompanhava desde a graduação em Letras. Sentia-o pulsar também na Especialização em Estudos Linguísticos, mas não encontrei forma de realizá-lo. Entrei no Profletras decidida a abrir a porteira desse sonho e deixá-lo correr como o cavalo vai atrás do boi na pista.

Assim como na vaquejada, é impossível cumprir a missão sem a ajuda de um companheiro que favoreça as condições para realização da tarefa: o bate-esteira vai à frente, pega o boi pelo rabo e entrega-o ao puxador. Nessa empreitada, contei com minha orientadora, a professora Alana El Fahl, me auxiliando na função de bate-esteira. Esteve ao meu lado em todas as etapas e, ao final, pudemos juntas dizer valeu boi.

Puxador e bate-esteira contam com ajuda de cavalos bem preparados, representados aqui pelos colaboradores que produziram a matéria prima para esta pesquisa. Os vaqueiros, além das vivências, nos ajudaram na construção do glossário; os aboiadores entregaram o ouro em minhas mãos ao disponibilizar os aboios e as toadas para análise e fonte de inspiração das atividades, e Mateus, com sua produção literária, pegou nas mãos dos alunos colaborando para a escrita das *fanfics*.

Ainda seguindo a mesma trilha metafórica, reservo para o estudante, nesta pesquisa, a associação ao boi na corrida de vaquejada. Não na perspectiva de vencido e tombado na faixa, mas no sentido de jogador que compreende as regras do jogo e corre para a linha de chegada, colaborando com a cena final do grande espetáculo. O início da pesquisa corresponde à abertura do jiquí, em que um cenário novo se abre cheio de possibilidades, e, depois de correr na pista, o momento de deitar na faixa, representando o final da corrida é a aquiescência ao valor dessa cultura que se mantém resistente no tempo e no espaço.

Alberto Manguel (2017) diz que as metáforas existem porque as palavras não dão conta de nomear de modo exato e concreto nossa experiência. Ajusto o pensamento do escritor argentino colocando a inabilidade com as palavras como consequência de minha própria escrita, e por isso a necessidade de recorrer aos recursos da linguagem para representar diversas situações em que as palavras são insuficientes na descrição do momento.

As atividades da pesquisa foram além da proposta da sequência didática, propiciando o surgimento de um triângulo de afetividade entre pesquisadora, participantes e colaboradores que extrapola os limites da relação investigativa.

A peleja agora é finalizar sem concluir, sem fechar a porteira do conhecimento porque este estudo provou que mesmo diante de toda liquidez – para usar a ideia de Bauman (2001) – da pós-modernidade é possível, e mesmo desejável, a convivência entre as novas possibilidades educacionais e as diversas tradições da cultura popular que marcam os sujeitos em suas realidades locais e globais.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Maria Alice. *No visgo do improviso ou a peleja virtual entre cibercultura e tradição*. 2007. 138f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontífica Universidade Católica, São Paulo, 2007.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Letra, leitor, leituras: Reflexões*. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2006.

AYALA, Maria Ignez Novais. *No arranco do grito: aspectos da cantoria nordestina*. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. A cultura Popular em uma Perspectiva Empenhada de Análise. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Biblioteca Universitária, 2013. p. 81-114.

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2003.

BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do Nordeste: literatura popular em versos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENTES, Ana Christina. Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola. In: ROJO, Roxane; RANGEL, Egon. *Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEC, 2010. v. 19. p. 129-54.

BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação média e tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, Antônio. Vários escritos. In: CANDIDO, Antônio. *O direito à Literatura*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALCANTI, Larissa. Leitura nos gêneros digitais: abordando as fanfics. Redes sociais e aprendizagem. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 3., 2010, Recife. *Anais...* Recife, 2010. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Larissa-Cavalcanti.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Seleta*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972. (Coleção Brasil Moço, v. 6).

\_\_\_\_\_. Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores para Jovens*. 2. ed. São Paulo: Gaia, 2010.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Edil Silva. *Sete estudos de literatura oral e cultura popular*. Salvador: Eduneb, 2016. (Crítica Cultural, v. 4).

COSTA-HÜBES, Teresinha da Conceição. *Reflexões linguísticas sobre metodologia e prática de ensino de língua portuguesa*. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/742.pdf>> Acesso em: 19 de dez. 2016.

DANTAS, Janduhi. *As figuras de linguagem na linguagem do cordel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

FONTENELE, Cristiane de Mendonça. *Letramento digital, práticas de leitura e escrita de língua portuguesa no nono ano do ensino fundamental: o gênero fanfic do consumo à produção*. 2015. 174f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2000.

GABRIEL, Eleonora. Linguagens artísticas da cultura popular. In: SILVA, René Marc da Costa. (Org.). *Cultura popular e educação: salto para o futuro*. Brasília: TV Escola/SEED/MEC, 2008. p. 75- 82.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.

MACHADO, Ana M. *Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2002.

MANGUEL, Alberto. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

\_\_\_\_\_. A biblioteca de Robinson. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). *Reflexões sobre os caminhos do livro*. São Paulo: Unesco/Moderna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Ângela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre fala e a escrita. In: \_\_\_\_\_. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDES, Adriano Caçula. *Aboio no sertão paraibano: um canto no trabalho, um trabalho no canto*. 2015. 132f. Dissertação ( Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, Letramento e inclusão social*. São Paulo: Contexto, 2007.128p.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo. 2. ed. Editora 34 Ltda, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 24. reimp. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

\_\_\_\_\_. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

SANTANA, Doralice Pereira de. *Poesia popular nordestina: uma abordagem para o tratamento da relação fala escrita*. 2009. 149f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SAUTCHUK, João Miguel Manzollilo. *A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino*. 2009. 214 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. (Coleção As Faces da linguística Aplicada).

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

SILVA, René Marc da Costa. (Org.). *Cultura popular e educação: salto para o futuro*. Brasília: TV Escola/SEED/MEC, 2008. p. 246.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola, 2014.

TAVARES, Bráulio. Depoimento In: *Poetas do repente: Tecendo o repente*. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Massangana, 2008. 1DVD. Programa 1.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-6, set/dez 2005.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.  
\_\_\_\_\_. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

### **Referências de vídeos e mídias**

GALEGUINHO Aboiador Encontro feliz. Publicado por Márcio Batista em 24 set. 2013. Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=otQpPp6a9A4>> Videoclip. 5min43s. Acesso em 21 jun. 2017.

MULEQUE de Vila por Projota. Publicado por Sara Moreira em 4 de jun.2016. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iI1RDMHxcrk>>. Videoclip. 4min37s. Acesso em: 21 jun. 2017.

OS ÍCONES das toadas. Produzido por Polim Fotos. Itabaiana, Se. 2016. DVD. 56min34s.

POETAS DO REPENTE. TV escola. Youtube. 28 jan. 2014. 26min56s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kr1Q6QAm9q8>>. Acesso em: 14 jul.2017.

FORROZÃO Chapéu de ouro. Aboios e toadas: Buy e Deraldo cantam Vavá Machado e Marcolino. Produzido por Artmidia Musc Ltda. Feira de Santana, 2015. CD. 60min26s.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A- Ficha de avaliação diagnóstica aplicada à professora da turma

**SONDAGEM**  
**PROFESSOR**



# FICHA DIAGNÓSTICA

Objetivos:

⇒ Conhecer o contexto de sua sala de aula



Nome completo do professor: \_\_\_\_\_

Data de nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Formação \_\_\_\_\_ Ano de conclusão \_\_\_\_\_

### Procedimentos para o preenchimento do questionário:

1. O preenchimento deste questionário deverá ser feito antes da realização do projeto.
  2. A devolução deste questionário é necessária e indispensável para o sucesso do projeto.
  3. Todas as questões visam apenas à coleta de informações ou de opiniões, não há respostas certas ou erradas. Portanto, por favor, não deixe nenhuma questão sem resposta.
  4. Qualquer dúvida durante o preenchimento, entre em contato com a pesquisadora:  (75) 99121-1161
- **Todos os dados obtidos deste questionário serão confidenciais.**

01- Há quanto tempo trabalha na escola? \_\_\_\_\_

02- E como professora destes alunos, há quanto tempo? \_\_\_\_\_

03- De 0 a 10, como está o nível dos alunos em relação à compreensão de textos? \_\_\_\_\_

Como você justifica essa resposta?

\_\_\_\_\_

04- Os alunos leem e interpretam sozinhos as avaliações? (A) Sim (B) Não

05- Nas suas aulas tem um espaço para leitura? (A) Sim (B) Não

Como é este espaço e com que frequência acontece? \_\_\_\_\_

06- Acontece leitura silenciosa? (A) Sim (B) Não Os alunos demonstram interesse pela leitura? (A) Sim (B) Não

De que modo?

\_\_\_\_\_

07- A carga horária semanal são 4 aulas. Como você costuma organizar as aulas?

\_\_\_\_\_

08- Como o livro didático é utilizado? Com que frequência você costuma utilizá-lo?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**09- Que outros textos você costuma levar?**

---



---

Em que tipo de suporte?

---

**10- Como a literatura está presente nas suas aulas?**

---



---

**11- Como você acha que as aulas de português devem ser nas escolas?**

---



---

**12- A oralidade está presente em suas aulas? (A) Sim (B) Não**

De que modo?

---



---

**SOBRE A TURMA...**

**13- Quantos alunos? \_\_\_\_\_ Quantas meninas? \_\_\_\_\_ Quantos meninos? \_\_\_\_\_**

Há repetentes? (A) Sim (B) Não

Há casos de defasagem idade/série? (A) Sim (B) Não

**14- Demonstam interesse maior por quais atividades escolares?**

---

**15- Qual o perfil da turma? (pode ser marcada mais de uma alternativa)**

( ) Agitada ( ) Participativa ( ) Organizada ( ) Unida ( ) Comprometida ( ) Desinteressada

**16- Tem alunos da zona rural? (A) Sim (B) Não**

Quantos? \_\_\_\_\_

**17- Há alunos que costumam faltar muito? (A) Sim (B) Não**

**18- E a interação professor-aluno? Como é a sua relação com os alunos?**

---



---

**19- E o que você observa entre os alunos? Tem grupinhos ou a turma é toda unida?**

---

**20- Como considera o nível de interesse desses alunos?**

(A) Muito interessados (B) Interessados (C) Pouco interessados

**21- Qual o número médio de alunos que costumam fazer recuperação de português? \_\_\_\_\_**

## APÊNDICE B- Ficha de avaliação diagnóstica aplicada aos alunos

**SONDAGEM**  
ALUNOS



# FICHA DIAGNÓSTICA

Objetivos:

⇒ Conhecer você melhor e suas relações com os familiares

⇒ Saber de sua relação com o mundo



Código do Aluno(a) \_\_\_\_\_

Prezado participante, este questionário tem como objetivo conhecer o perfil socioeconômico dos estudantes que aceitaram participar do projeto: *“De repente o improviso: uma proposta de letramento ao som de aboios e toadas”*.

### Procedimentos para o preenchimento do questionário:

1. O preenchimento deste questionário deverá ser feito antes da realização do projeto.
  2. A devolução deste questionário é necessária e indispensável para o sucesso do projeto.
  3. Todas as questões visam apenas à coleta de informações ou de opiniões, não há respostas certas ou erradas. Portanto, por favor, não deixe nenhuma questão sem resposta.
  4. É de fundamental importância sua atenção a todas as questões.
  5. Qualquer dúvida durante o preenchimento, entre em contato com a pesquisadora:  (75) 99121-1161
- **Todos os dados obtidos deste questionário serão confidenciais.**



1- Qual a sua idade? \_\_\_\_\_

2- Onde e como você mora atualmente?

- (A) Em casa com minha família.  
 (B) Em casa de avó ou outro parente.  
 (C) Em habitação coletiva, com outras famílias.  
 (E) Outra situação.

3- Quantas pessoas moram em sua casa? (Contando com você e outras pessoas que moram em uma mesma casa).

- (A) Duas pessoas.  
 (B) Três.  
 (C) Quatro.  
 (D) Cinco.  
 (E) Mais de seis.

4- Como você se considera?

- (A) Branco(a).  
 (B) Pardo(a).  
 (C) Preto(a).  
 (D) Moreno(a).

**5- Qual a sua religião?**

- (A) Católica.  
 (B) Protestante ou Evangélica.  
 (C) Espírita.  
 (D) Umbanda ou Candomblé.  
 (E) Outra.  
 (F) Sem religião.

**6- Quantos(as) irmãos(as) você tem?**

- (A) Um(a).  
 (B) Dois(duas).  
 (C) Três.  
 (D) Quatro ou mais.  
 (E) Não tenho irmãos(as).

**7- Qual o nível de instrução de seu pai?**

- (A) Analfabeto  
 (B) Ensino Fundamental incompleto  
 (C) Ensino Médio incompleto  
 (D) Ensino Superior incompleto  
 (E) Lê e escreve, mas nunca frequentou a escola  
 (F) Ensino Fundamental completo  
 (G) Ensino Médio completo  
 (H) Ensino Superior completo  
 (I) Não sabe informar

**8- Qual o nível de instrução de sua mãe?**

- (A) Analfabeto  
 (B) Ensino Fundamental incompleto  
 (C) Ensino Médio incompleto  
 (D) Ensino Superior incompleto  
 (E) Lê e escreve, mas nunca frequentou a escola  
 (F) Ensino Fundamental completo  
 (G) Ensino Médio completo  
 (H) Ensino Superior completo  
 (I) Não sabe informar

**9- A profissão do meu pai é:** \_\_\_\_\_

**10- A profissão da minha mãe é:** \_\_\_\_\_

**11- Você costuma faltar as aulas só para ficar em casa, por que não tem vontade de estudar?**

- (A) Sim (B) Não

**12- Alguém da sua família já trabalhou como vaqueiro?**

- (A) Sim (B) Não

Quem foi? \_\_\_\_\_

**13- O que mais gosta de fazer no seu tempo livre?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**14- Você gosta de ler?**

- (A) Sim (B) Não

Caso goste, de que tipo de leitura?

\_\_\_\_\_

**15- Caso leia, quantos livros você costuma ler por ano?**

- (A) Nenhum (B) De 1 a 2 livros (C) De 2 a 4 livros (D) Mais de 4 livros

**16- Que tipo de música você gosta?** \_\_\_\_\_

**17- Você gosta de filmes?**

- (A) Sim (B) Não

De qual gênero? \_\_\_\_\_

Cite 1 filme que viu esse ano e que você gostou: \_\_\_\_\_



## APÊNDICE D – Tabela síntese da avaliação final

	Questionamentos	Alternativas para resposta		Participantes	%
1	Sobre sua participação na pesquisa	Sempre quis participar		24	88,9%
		Participou por influência de terceiros		3	11,1%
2	Ao fim da pesquisa	Expectativas	Não atendidas	1	3,7%
			Atendidas	7	25,9%
			Superadas	19	70,4%
3	Justificar a 2			Respostas abertas	
4	De qual roda de conversa você gostou mais?	Buy e Deraldo		9	33,3%
		Marinho		16	59,3%
		Mateus		2	7,4%
5	Qual participação foi mais valiosa para você?	Buy e Deraldo		9	33,3%
		Marinho		5	18,5%
		Mateus		13	48,1%
6	Diferença entre a toada e o aboio	O improviso		20	74,1%
		Os temas		7	25,9%
7	O aboio tem em comum com o rap	O improviso		21	77,8%
		A linguagem		6	22,2%
8	Não pode faltar no aboio	Estrofe em sextilha		3	11,1%
		Rima		24	88,9%
9	Sobre <i>fanfic</i>	a partir de outros textos		24	88,9%
		Não recebe influência de textos		2	7,4%
		Ainda não sei dizer o que é		1	3,7%
10	Glossário	Não tem utilidade		0	-----
		As palavras são importantes		27	100%
		Não lembro nenhuma palavra		0	-----
		Conheci palavras novas		27	100%
11	Diferencia aboio de toada	Sim		14	51,9%
		Não		0	-----
		Mais ou menos		13	48,1%
12	Aboio é importante	Sim		26	96,3%
		Não		0	----
		Mais ou menos		1	3,7%
13	Aboio deve ser estudado na escola?	Sim		18	66,7%
		Não		2	7,4%
		Não sei opinar		7	25,9%
14	Aboio e toada fora do currículo	Sim		5	18,5
		Não		17	63%
		Não sei opinar		5	18,5%
15	Sobre os vaqueiros	Foi importante		27	100%
		Havia coisas mis interessantes para pesquisar		0	----
16	Visita ao museu	Importância cultural		27	100%
		Objetos velhos, ultrapassados		0	-----
17	Oitão de leitura	Pegou livro emprestado		21	77,8%
		Sim		6	22,2%
		Não		6	22,2%
17	Oitão de leitura	O que leu?	HQ	14	
			Livro	15	
			Cordel	10	
18	Sobre o projeto no geral	Positivo Negativo		Respostas abertas	

APÊNDICE E- Partes do caderno didático<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Neste arquivo não constam todas as partes do caderno didático, foram suprimidas as páginas de capa dos capítulos, algumas páginas dos módulos de exercícios e as páginas em branco do Diário de bordo e do Glossário.

# Apresentação

Caro participante,

É muito importante contar com sua participação para o desenvolvimento deste projeto. As atividades foram planejadas com desejo de tornar cada encontro um momento prazeroso de aprendizagem, rico em partilhas e saberes.

Espero que você se encante com a agilidade do repente, que os versos do aboio toquem sua sensibilidade e as narrativas das toadas ensinem não apenas sobre conhecimentos institucionalizados, mas mostrem o valor da nossa cultura como uma riqueza da qual sempre possamos nos orgulhar. Quero ainda que o gênero textual *fanfic* sirva de ponte para unir a tradição da literatura popular às novas tendências de escrita em meios eletrônicos.

No final desta jornada que sejamos nós mesmos, nossa própria história reescrita -como em uma *fanfic*- que sejamos outros, embora continuemos a ser nós mesmos.

Muito Obrigada e sucesso para você,  
Gilmara Freitas



## Conheça seu material

Os temas discutidos neste material estão distribuídos em capítulos e organizados em seções com finalidades específicas. O objetivo desta organização é tornar seu estudo mais dinâmico e atrativo. Fique de olho no que cada seção oferece.

### Página do capítulo

Esta página representa o primeiro contato com o tema a ser trabalhado no capítulo. Traz imagens e tópicos no intuito de aguçar o desejo de estudar o tema.

### Abrindo a porteira

Este é um recurso de introdução na matéria. Tem formato diverso e pode ser composto de vídeos, tirinhas, imagens, cenas de filmes...



### Matutando...

O objetivo principal desta seção é propor uma reflexão por meio de um texto, de perguntas ou de argumentos que instiguem o pensamento crítico.

### Conversa de pé de mourão

O trabalho realizado nesta seção permitirá que você analise com maior propriedade o tema do capítulo, entrando em contato com informações que ampliarão a discussão.

### Desmantelo pra cuca

Aborda o tema de modo divertido. São jogos, quebra-cabeças, desafios, caça-palavras, anedotas, entre outros.

### Peleja gramatical

As atividades desta seção permitem que você reflita sobre o uso da gramática como recurso para a comunicação e para desenvolvimento da competência escritora.

### Testado

Encaminhamentos para práticas avaliativas, tanto a avaliação da aula quanto para a autoavaliação.

Faz parte deste material também:

**Glossário:** será construído por você! Ao longo do estudo, tome nota e dê significados a palavras e expressões usadas pelos aboiadores e vaqueiros.

**Diário de Bordo:** Espaço reservado para você anotar as impressões de cada encontro.

**Cd:** Coletânea de Aboios e Toadas.



De repente, o improviso:  
Ao som de aboios e toadas.

### Marcados por ícones:

 Tome nota/  
Atividade escrita

 Vídeo

 Atividade em grupo

 Para refletir

 Atividade oral

 Saiba mais

 Leitura



# Sumário

◆ <b>Fique por Dentro</b>	
⇒ Módulo 1 - Apresentação da Ação.....	8
⇒ Módulo 2 - Produção inicial .....	11
◆ <b>A Peleja da palavra com o pensamento</b>	
⇒ Módulo 3 - A linguagem oral .....	15
⇒ Módulo 4 - Associação do repente com o rap.....	18
◆ <b>De perneira e gibão</b>	
⇒ Módulo 5 - Noções de versificação.....	24
⇒ Módulo 6 - Roda de Conversa—aboiaadores .....	27
◆ <b>Apartando histórias</b>	
⇒ Módulo 7 - A Leitura do texto Literário .....	32
⇒ Módulo 8 - A figura do herói .....	35
◆ <b>Quem vem lá?</b>	
⇒ Módulo 9 - Leitura e produção de <i>fanfics</i> .....	40
⇒ Módulo 10 - Revisão e seleção de textos .....	43
◆ <b>Apêndices</b>	
⇒ Ficha de observação viagem de campo .....	46
⇒ Diário de Bordo .....	47
⇒ Glossário .....	64
⇒ Avaliação Final .....	73



## Guia do CD

- Faixa 1- Boi cigano
- Faixa 2- Encontro Feliz
- Faixa 3- Mulher ingrata e fingida
- Faixa 4- Cavalo Buriti
- Faixa 5- Gibão Velho
- Faixa 6- Despedida do vaqueiro
- Faixa 7- Pastor do gado
- Faixa 8- Se um dia eu deixar o meu sertão
- Faixa 9- Canção do lenço
- Faixa10- Toada de gado
- Faixa11- Irmãos Nordestinos
- Faixa12- Tudo isso por causa de uma mulher
- Faixa13- Mineirinha
- Faixa 14– Aboio de improviso
- Faixa 15– Todo solteiro
- Faixa 16– Saga de um Vaqueiro (Bônus)





# Módulo 1

Esté módulo é uma sondagem, atividade em que você será apresentado à ação do projeto.  
O Objetivo é esclarecer cada um dos capítulos que vamos estudar.

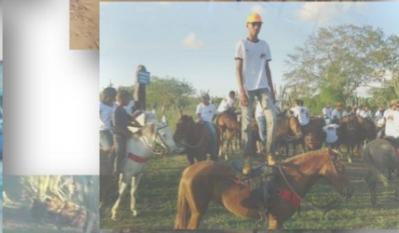
## Abrindo a porteira



Vamos assistir a um vídeo preparado para este momento.



Imagens de arquivo pessoal



Conversa de pé de mouão

## Matutando...



Agora que já assistiu ao vídeo e observou as imagens, discuta com os colegas:

- ◆ Você sabe de que tipo de evento os vídeos tratam?
- ◆ Deu para reconhecer alguém nas imagens? E quanto aos lugares, você reconhece?
- ◆ Em relação aos áudios dos vídeos, que sentimentos provocam em você? Você seria capaz de identificar o tipo de manifestação representada?
- ◆ Como você classifica os versos que aparecem no vídeo?

“A cultura hoje se assemelha a uma das seções de um mundo moldado como uma gigantesca loja de departamentos em que vivem, acima de tudo, pessoas transformadas em consumidores. As prateleiras estão lotadas de atrações trocadas todos os dias, e os balcões são enfeitados com as últimas promoções, as quais irão desaparecer tão instantaneamente quanto as novidades em processo de envelhecimento que eles anunciam.”

BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, 111p.



Fonte: <https://goo.gl/9BKkLY>

**Zygmunt Bauman** (1927-2017) foi um sociólogo, pensador, professor e escritor polonês, uma das vozes mais críticas da sociedade contemporânea. Criou a expressão “Modernidade Líquida” para classificar a fluidez do mundo onde os indivíduos não possuem mais padrão de referência.

Fonte: <https://www.ebiografia.com>



De repente, o improvviso:  
Ao som de aboios e toadas.



## Matutando...

Depois de ter apreciado os vídeos e imagens da página anterior e ter feito a leitura do texto sobre cultura, reflita um pouco mais e responda as perguntas que serão apresentadas com a primeira ideia que lhe ocorrer.



1. O que é o aboio?

2. Existe diferença entre aboio e repente? Se tiver, preencha o balão ao lado com, pelo menos, uma diferença. Se não houver diferença, deixe o balão sem preencher.

3. Para você o que é uma Toada?

---



---



---

4. Seja bem sincero!! Estes textos podem ser considerados Literatura?



Marque o que julgar correto. Por quê? \_\_\_\_\_

Vamos para mais uma **conversa de Pé de Mourão**

A literatura pode chegar até nós não só através dos olhos—pela leitura -, mas também pelos ouvidos. A princípio, a literatura era transmitida de forma oral. Ainda hoje temos muitos exemplos de literatura oral, como o cordel e o repente. Também entre nós existem formas de literatura de transmissão oral. Muitas das histórias que nossos pais nos contavam quando éramos pequenos, eles aprenderam com seus pais.

LAJOLO, Marisa. *Descobrindo a Literatura*. São Paulo: Ática, 2005.

Lembre de registrar termos no seu glossário



Nasci em São Paulo, mas como fui criada em Santos, gosto de imaginar que sou praiana. Voltei para a Paulicéia: formei-me em Letras na USP, onde também fiz Mestrado e Doutorado. Fiz pós doutorado na Brown University. Escrevi um bocado de livros e artigos sobre livros alheios, ganhei alguns prêmios, mas só agora criei coragem para escrever e publicar um romance. Gostei tanto da experiência que a vontade é deixar os livros alheios em paz e fazer os meus próprios. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/mlajolo.html> (adaptado) acesso: 17 de junho 2016.



...e repente, o improviso:  
Ao som de aboios e toadas.





**Módulo 2**

Neste módulo, você:

- \* Criará sua produção inicial.
- \* Será informado sobre as atividades pela internet.
- \* Saberá mais sobre fanfic.
- \* Irá ler e escrever um texto.

Em grupo, julgue Verdadeiras ou Falsas as afirmações sobre as imagens.



**Abrindo a porteira**

Imagem A

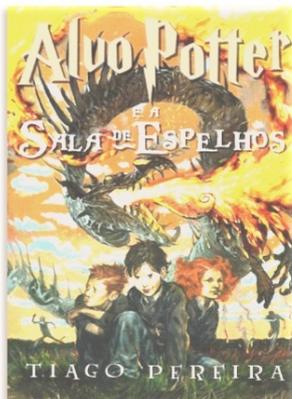


Imagem B



Imagem C



Imagens: <https://goo.gl/>

Imagem D

- As imagens fazem alusão ao gênero textual fanfic.
- As imagens são as capas originais dos livros, disco e da abertura da novela.
- As imagens são referências a obras criadas por fãs.
- Todas as imagens refletem obras que se originaram de outras já



**Você já se imaginou autor, publicando nas redes sociais**



Para isso vamos mergulhar no mundo da *fanfic*, um gênero que permite a criação de novas histórias, novos desfechos, novos fatos, novos enredos, novas personagens tendo como base uma obra já existente. Cada texto criado será publicado na *fanpage* (localizar pelo QR acima), um local de compartilhamento de ideias e de troca de experiências, em que cada um deve estimular a produção do colega com comentários que incentivem a escrita. A proposta final é selecionar todas as histórias e criar um livreto.

Confira sites onde você pode fazer parte das comunidades de fanfiqueros, ler fanfics, observar as regras, criar avatares, opinar e muito mais

[<https://spiritfanfics.com/>](https://spiritfanfics.com/)   
 [<socialspirit.com.br>](https://socialspirit.com.br)   
 [<fanfiction.net>](https://fanfiction.net)

<https://goo.gl/nGQ8i5>—blog sobre livros baseado em fanfic

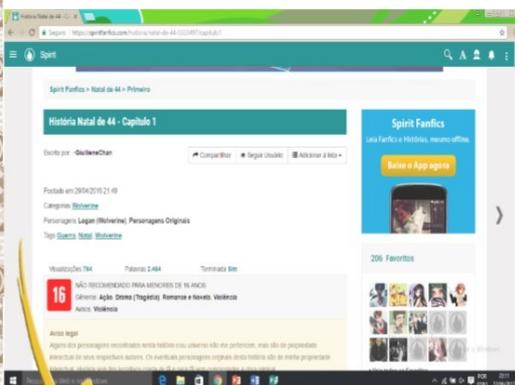


<https://goo.gl/MKTdq4>



## Conversa de pé de mourão

O texto a seguir é um trecho de uma *fanfic*, retirada da página na internet Spirit Fanfics e Histórias. Confira abaixo as indicações do site:



Fonte: <https://goog/MIKtQq>

Disponível em: <https://spiritfanfics.com/historia/natal-de-44-5533497/capitulo1> /Acesso 26 de junho 2017.

Escrita por: **Giulienne Chan** Postado em: **29/04/2016 às 21:49**  
 Categorias: **Wolverine** Tags: **Guerra, Natal, Wolverine**  
 Visualizações: **764** Palavras: **2464** Terminada: **Sim**  
 Notas da Autora: Wolverine pertence a Comics e demais empresas licenciadas. Essa fanfic é uma obra sem fins lucrativos, criada em resposta a um desafio de um grupo de fanfics do facebook.



Wolverine aproveitava os raros momentos de folga que tinha desde que se juntara aos X-men para ficar longe dos conflitos entre humanos e mutantes. Nestes momentos gostava de visitar velhos amigos. E muitos deles estavam na Virgínia, precisamente no Cemitério Nacional de Arlinton.

Percebeu que poucos andavam por aquele lugar, havia alguns curiosos e um idoso que caminhava por entre as cruzes brancas, apoiado por uma bengala; estava acompanhado por uma senhora e dois adolescentes, pareciam procurar por alguém. Não aparentava ser um veterano de guerra visitando a tumba de algum companheiro de combate ou que tivesse um grande amor sepultado ali, talvez fosse um parente distante, pensou.

Deu de ombros e continuou a caminhar até parar em frente a uma lápide cujo nome gravado em letras escuras e bem contornadas o fez refletir em voz alta:

- Ei xará, eu soube que você conseguiu. Muito bem, garoto!

Aquele garoto havia conseguido voltar para casa, muitos dos homens que Logan conheceu não tiveram a mesma sorte. No fundo do seu coração queria ter certeza sobre o destino de alguns homens que conheceu durante a guerra, saber se haviam voltado pra casa e para suas famílias como desejavam.



De repente, o improviso:  
Ao som de aboios e toadas.



**Módulo 3**

No módulo de hoje vamos falar de Linguagem poética, conhecer características da poesia oral e diferentes formas de conceituar o repente.

**Abrindo a porteira**



Mário Quintana (1906-1994) foi um poeta, tradutor e jornalista brasileiro. Foi considerado um dos maiores poetas do século XX. Mestre da palavra, do humor e da síntese poética, em 1980 recebeu o Prêmio Machado de Assis da ABL e em 1981 foi agraciado com o Prêmio Jabuti.

[https://www.ebiografia.com/mario\\_quintana/](https://www.ebiografia.com/mario_quintana/)

**Texto 1**

**Mário Quintana  
OS POEMAS**

Os poemas são pássaros que chegam  
não se sabe de onde e pousam  
no livro que lê.  
Quando fechas o livro, eles alçam vôo  
como de um alçapão.  
Eles não têm pouso  
nem porto;  
alimentam-se um instante em cada  
par de mãos e partem.  
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,  
no maravilhado espanto de saberes  
que o alimento deles já estava em ti...

<https://singrandohorizontes.blogspot.com.br>

Através das palavras transmitimos emoções e informações, falamos de sentimentos, de ideias sobre o mundo e as coisas. A linguagem se organiza de acordo com o que se pretende comunicar e de que modo se pretende fazê-lo. A mensagem deste texto está rodeada de emoção, revela sentimentos e ideias indiretamente através de um jogo com as palavras. Neste caso, a linguagem **conotativa** está sendo usada para explicar o que é um poema através de um jogo de **metáforas**.

A linguagem literária é caracterizada por palavras que nem sempre apresentam um único sentido como o que encontramos nos dicionários; empregadas em determinados contextos, elas ganham sentidos novos, chamados de figurados, carregados de valores afetivos ou sociais. Quando a palavra é utilizada no sentido comum, o do dicionário, dizemos que ela foi empregada no sentido denotativo; quando a significação vai além, ocorre a conotação.

Õ Y I Á C Í H P E É O Ç E U Â X F  
U Ú Ó I Y Y Ü É S Ô Ú X O Û F Â Ú  
C I W V N Ç Â T B P Ç Y Í K Z À À  
Ç C X E M É B V Z A L R E Q L Z R  
X H E R Ó F J Ê Ó Ò C L I Â S À K  
E Z ã S B B ã H X Ç X I S M É S R  
J O G O D E P A L A V R A S A ã L  
Ã Ô F S Ê R F Ô T Ô A Q Ô J S H H  
Ò J F A Ô J A V I G E Ê Ô N E ã A  
P ã Ó ã Ê Á L O U R I T M O N Q Ô  
Q S Û O Í C H Í W N T V T Ô T P E  
U Ô Ô O Ó Ò Ò G O S N Á Ò É I H R  
T É G I Ó ã À M D M X B ã ã M G Ô  
L ã Z Ú P Y X Ò T Ú Y P Ò A E Ô Ú  
U ã ã W B C Ç L A U Ç Ú Ó N N U V  
M V T D D P V Z N D A ã U Ó T Ê B  
Q G C ã ã V Á Ô X Ó Z K Ò M O P Ô

**Desmantelo pra cuca**

No caça palavras ao lado, você irá procurar algumas características de um texto poético.

São elas: JOGO DE PALAVRAS- RIMA  
- RITMO-SENTIMENTO- VERSOS



É repente, o improviso:  
Ao som de aboios e toadas.





### Conversa de pé de mourão

Texto 2

Toda minha desventura  
 Foi amar quem não me ama,  
 Estou lotado de amargura,  
 o meu coração reclama  
 O que mais me diminui  
 É eu lembrar que já fui  
 da alta sociedade  
 Pra hoje eu viver sozinho  
 Triste igual um passarinho  
 na gaiola da saudade.

O texto ao lado é um trecho da toada Canção do Lenço (faixa 9 do Cd), muito conhecida na voz de Buscapé da banda Arreio de Ouro. Podemos dizer que sua linguagem também é poética? Por quê? Releia o texto 1 e diga o que ele tem em comum com o texto 2.  
 CD faixa 9

### Matutando...

Os autores dos aboios, repentes e toadas utilizam uma linguagem bem próxima da que usamos no dia a dia, recorrem a termos e expressões próprias da nossa região, se apoiam em construções da linguagem informal e praticamente não seguem a norma padrão para construir seus versos, mas seguem regras de versificação, são criteriosos na escolha da palavra em relação a combinação, a sonoridade, o ritmo; tudo isto de modo rápido, na agilidade do pensamento.

Depois de toda informação que o vídeo trouxe, como anda agora o seu conceito de Aboio, toada e repente?



<https://goo.gl/xb7893>

---

---

---

---

---

---

---

---



No vídeo, Zé de Zilda, um aboiador que era vaqueiro no Nordeste e foi para São Paulo ganhar a vida trabalhando em uma lanchonete, ao falar da persistência para realizar um sonho diz que “quando você abandona aquilo que você gosta, aquilo te abandona também... Não pode, tem que continuar cantando.” Agora pense qual o **porquê** de Zé de Zilda ter dito isto. E para você, **por que** é importante lutar para realizar os sonhos?





**Módulo 4**

Na aula de hoje vamos estudar características da poética oral, observar semelhanças e diferenças entre modalidades destes textos. Faremos um quadro comparativo entre o rap e a toada. Conheceremos e produziremos biografias.

**Abrindo a porteira**



<http://universomutuum.blogspot.com.br/>

**Conversa de pé de mourão**

A linguagem poética é muito diversificada, por isso a poesia pode se manifestar de diferentes modos. As poéticas orais se apresentam em forma de ritos culturais e se revelam práticas comuns do dia a dia, nas quais o caráter cotidiano esconde a riqueza e a beleza do fazer poético. É importante notar que as práticas culturais são amplas e mudam conforme o tempo e o espaço, portanto as poéticas orais também vão se modificando de acordo as transformações sociais. É a diversidade do fazer poético oral que permite analisarmos em um mesmo panorama modalidades da cantoria nordestina—característica de um texto rural e da poesia oral urbana do rap.

**Peleja gramatical**

Observe este quadro comparativo para perceber diferenças e semelhanças entre modalidades das poéticas orais.

Modalidade poética	Modo de criação	Autoria	Linguagem	Organização	Temas
Rap	Improviso / composição	Rapper	Gírias urbana	Versos e estrofes Narrativa poética	Problemas sociais
Repente	Improviso	Repentista	Informal rural	Rimas poéticas Versos curtos	O momento presente
Aboio	Improviso	Aboiador	Informal rural	Versos curtos quadras ou sextilhas	O cotidiano
Toada	Composição	Poeta popular	Cotidiana	Estrofes longas Narrativas poéticas	Lendas nativas, heróis, amor

**Ritmo e poesia**

O termo rap é formado pelas letras iniciais de *rhythm and poetry*.  
**MC e DJ**  
 O Mc é o mestre de cerimônia, cria a letra cantada. O Dj (disc-jóquei) é responsável pelos efeitos sonoros e mixagens.

<https://www.infoescola.com/musical/rap/>



**Desmantelo pra cuca**

O rap e o repente são feitos no momento, é o desafio de usar a língua para através de um ritmo juntar palavras que combinam e passar uma mensagem. Você está pronto para o desafio? Vai circular entre a turma uma caixa cheia de palavras inspiradoras. Quando chegar a sua vez é só pegar uma palavra e aceitar o desafio e dizer—bem rápido—outra que combine (rime) com ela. Quem ficar até o final será o campeão.



De repente, o improviso:  
 Ao som de aboios e toadas.



Agora é a sua vez de poeta e escritor. Crie um texto em verso contando um pouco de sua história. Use o espaço abaixo para isso, a ausência de linhas é para dar espaço a sua criatividade. Lembre-se que os textos que fazemos com base em outros dos quais somos fãs é uma fanfic.



**Biografia** é a história escrita da **vida** de uma determinada pessoa. A palavra tem origem etimológica nos termos gregos *bios*, que significa "vida" e *graphein*, que significa "escrever". Como gênero literário, a biografia é uma narração da história de vida de uma pessoa ou de uma personagem, geralmente na terceira pessoa. Já a autobiografia é quando o autor expõe a sua própria história na primeira pessoa.



De repente, o improviso:  
Ao som de aboios e toadas.

<https://www.significados.com.br/>

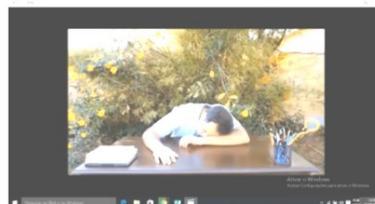




Na aula de hoje vamos estudar o conceito de poema e de poesia. Analisar o conceito de aboio definido pela própria turma e aprender a métrica do verso improvisado.

### Abrindo a porteira

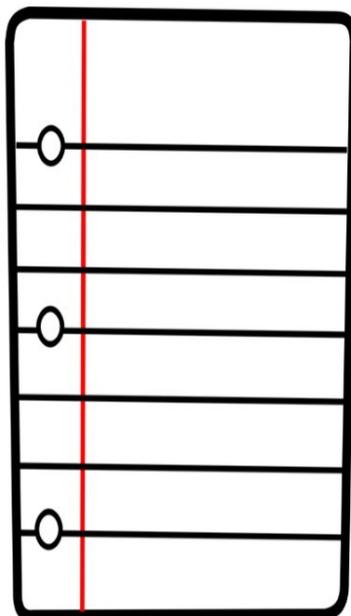
Vamos assistir a um vídeo para entender melhor a diferença entre poema e poesia



<https://goo.gl/SXWVgz>

### Matutando...

Voltando então ao nosso tema, você considera o aboio um poema? Por quê?



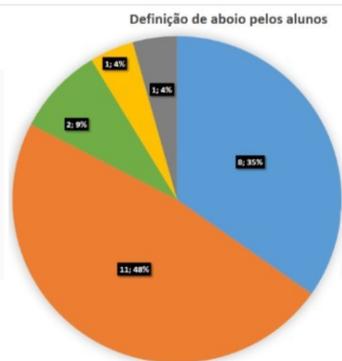
Durante esta jornada já buscamos definir aboio mais de uma vez. E cada um de vocês trouxe conceitos muito bons, alguns bem perto do que dizem os especialistas. Confira o que alguns estudiosos falam sobre o aboio e compare com as definições da turma que aparecem no gráfico abaixo.

Para Mário de Andrade no seu dicionário Musical Brasileiro (1989) o marroeiro conduzindo o gado tem costume de cantar. Entoa um **arabesco**, destituído de palavras as mais das vezes. O ato de cantar, chama de aboiar. Ao canto chama aboio.

- Um dos mais importantes grupos dos nossos cantos de trabalho rurais. (Oneyda Alvarenga no livro Música Popular Brasileira de 1938).
- Canto sem palavras, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado. (Dicionário do Folclore brasileiro de Câmara Cascudo, 1980)

É importante lembrar de registrar termos no seu glossário

- Canção improvisada
- Canto para chamar gado
- Canto e Cultura
- Música que conta história
- Cantoria



De repente, o improviso:  
Ao som de aboios e toadas.



## Desmantelo pra cuca

Desenvolvido em 1835, pelo pintor e inventor Samuel Finley Breese Morse, o **Código Morse** é um sistema binário de representação à distância de números, letras e sinais gráficos, utilizando-se de sons curtos e longos, além de pontos e traços para transmitir mensagens. (Fonte: [brasilecola.uol.com.br/geografia/codigo-morse.htm](http://brasilecola.uol.com.br/geografia/codigo-morse.htm)).

Abaixo colocamos uma frase escrita em Morse. É uma definição de aboio feita pelo estudioso Câmara Cascudo. Decifre o que ele nos diz sobre o aboio.

A	..	J	·----	S	···	2	··----
B	----	K	··-	T	-	3	····-
C	----	L	·...	U	··-	4	····-
D	··	M	--	V	····-	5	·····
E	·	N	··	W	··-	6	·····
F	····	O	---	X	····-	7	·····
G	---	P	·····	Y	····-	8	·····
H	····	Q	····-	Z	·····	9	·····
I	··	R	···	1	·----	0	····-



## Testado

Marque V para verdadeiro e F para falso, de acordo o que você aprendeu nesta aula:

- Poema e poesia são a mesma coisa, não há diferença de um para o outro. V ( ) ou F ( )
- A sextilha é a forma mais comum dos versos de improviso. Um repente feito nesta modalidade tem em media 7 versos .
- A métrica é a contagem das sílabas poéticas dos versos. V ( ) ou F ( )
- O ritmo na poesia popular não tem muita importância. V ( ) F ( )
- O aboio é também um canto do trabalho. V ( ) ou F ( )





Na aula de hoje: exercício da habilidade de expressão oral, organização coerente da fala, interpretação e reconto escrito. Ampliação do universo discursivo, exercício de escuta e respeito às ideias dos outros.

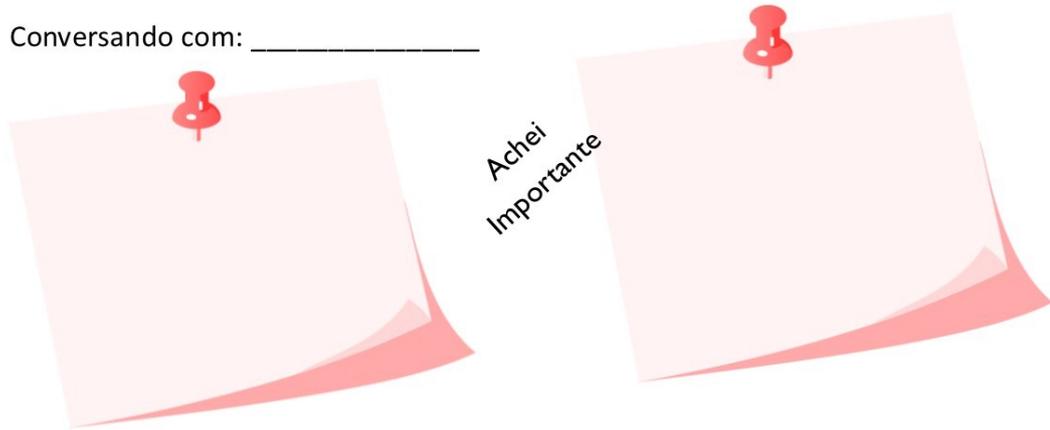
## Abrindo a porteira

### Roda de Conversa com Aboiadores

A Roda de Conversa é uma atividade que envolve a participação de todos os membros da classe, é uma metodologia que promove comunicação dinâmica e produtiva entre diversos grupos. Esta técnica é muito rica quando utilizada na prática de aproximação entre os sujeitos no cotidiano. As discussões nas Rodas de Conversa podem nos ajudar a entender melhor o universo da criação artística dos aboiadores, a motivação para os temas e as características desta poética.



Conversando com: \_\_\_\_\_



Eu perguntei:

---



---

Ele respondeu:

---



---



---

Eu entendi:

---



---



---





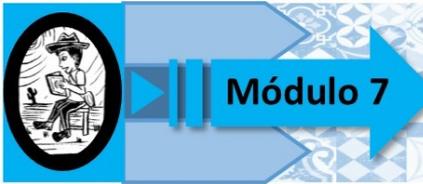
Da conversa nasce um texto... *Inspiração que vem do poeta*

Depois deste bate papo gostoso com Buy y Deraldo, chegou a sua vez de se arriscar na criação poética. Pense em algum assunto ou situação e tente criar um verso. Para não esquecer seu improviso, registre-o aqui. Escreva em versos sobre um tema qualquer, quem sabe se do seu texto não nasce uma toada?



De repente, o improviso:  
Ao som de aboios e toadas.





**Módulo 7**

Na aula de hoje vamos estudar o texto literário; conhecer os elementos de uma narrativa literária e identificá-los nas toadas.

**Abrindo a porteira**

**Matutando...**

<p>Analise a imagem ao lado:</p>	 <p><a href="https://goo.gl/31Rn7X">https://goo.gl/31Rn7X</a></p>	<p>A arte de contar histórias está presente em nosso cotidiano e é uma atividade praticada por todos nós. Um escritor muito importante, Walter Benjamin, diz que todos somos narradores, já que de algum modo estamos sempre contando diversos tipos de narrativas: casos, piadas, notícias importantes, histórias pessoais ou de terceiros. Nós narramos o mundo. A narrativa acompanha o homem desde a sua origem— gravações nas cavernas, mitos, dogmas religiosos, fatos históricos, novelas, filmes, romances e diversas outras formas de contar o que acontece. A toada é mais uma forma de narrativa, por isso pode ser considerada um texto literário.</p>
<p>Tem um sentido?</p>		
<p>Qual é a lógica?</p>		
<p>Qual mensagem que está sendo transmitida, mesmo sem uso de palavras?</p>		
<p>Podemos dizer há uma história sendo contada?</p>		
<p>Qual é a história?</p>		

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, que pode ou não ser o narrador, num determinado tempo e lugar. O conjunto de fatos é o **enredo**. A **personagem** é responsável pelo desempenho do enredo; bichos, homens ou coisas os personagens se definem no enredo pelo que fazem ou dizem, quanto ao papel desempenhado podem ser protagonistas, antagonista ou secundários. O **tempo** é interno ao texto, entranhado no enredo. O **lugar** surge de referências espaciais que podem estar diluídas na narração, de maneira que é possível identificar-lhe as características: espaço fechado ou aberto, urbano ou rural e assim por diante. O **narrador** é o elemento estruturador da história, identificado à primeira vista por sua participação ou não nos fatos.

**Conversa de pé de mourão**

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. Série Princípios 207. Editora Ática. (adaptado) versão digital: <http://groups.google.com.br/group/>



<https://goo.gl/KEXcN5>



Confira dicas de leitura na Revista Galileu



Basta iniciar o App de leitura QRcode no seu celular.



Ao repente, o improviso: Ao som de aboios e toadas.



## Testado

Agora vamos testar se a toada se encaixa mesmo em uma narrativa. Depois de ouvir a toada Boi cigano, analise –a na perspectiva do texto narrativo e responda as questões propostas.

### Boi Cigano (CD faixa 01)

Fui uma festa no sertão pernambucano  
 Peguei o boi mais valente do sertão  
 Entrei na festa escutei logo boato  
 tome cuidado quando for entrar no mato  
 Que o boi cigano é ligeiro igual um gato  
 Pra pegar ele tem que ter opinião

O fazendeiro me abraçou e foi falando  
 esse boato corre a mais de 15 anos  
 Tenho um diploma para quem pegar cigano  
 e deixar ele amarrado no mourão

Entre no mato encontrei o rastro dele,  
 sai andando mais na frente avistei ele,  
 dei quatro gritos e botei o cavalo nele  
 Corri com ele em cima de um chapadão

O boi corria lá em cima da chapada,  
 Saiu descendo a procura da baixada  
 Deixando pedra e catingueira arrancada  
 Fui pegar ele lá dentro de um grutilhão

O touro velho não aguentou a carreira  
 Amarrei ele num tronco de aroeira  
 Ficou o cheiro da casca da catingueira,  
 no meu chapéu, na perneira e no gibão

Esse diploma eu guardei como lembrança  
 é uma prova que no tempo de infância  
 eu fui vaqueiro e tive muita confiança  
 Corri no mato e o honrei minha profissão.

Eu fui vaqueiro e tive muita confiança  
 Corri no mato e honrei minha profissão

1. Você considera esta toada uma narrativa? Por quê?  
 \_\_\_\_\_
2. Tem uma voz de narrador? Ele participa dos fatos?  
 \_\_\_\_\_
3. Em relação aos personagens, classifique-os de acordo ao papel que desempenham no enredo, como protagonista, antagonista e secundários.  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
4. O lugar é caracterizado através de referências espaciais. Identifique elementos que situem a ambientação da toada.  
 \_\_\_\_\_
5. Sintetize o enredo desta história.  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
6. Vamos aprofundar um pouco mais neste assunto! Como tarefa, conte este enredo em sua casa e pergunte a seus familiares se é possível relacionar a história contada nesta toada com o cotidiano dos vaqueiros de nossa região. Aproveite e pesquise nomes de vaqueiros ‘afamados’ de Chapada.  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_



<https://goo.gl/18oAcL>



Fique atento aos termos para o glossário!

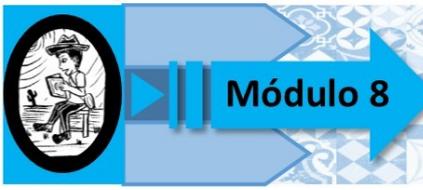


De repente, o improviso:  
 Ao som de aboios e toadas.

Lembre-se de registrar tudo em seu diário de bordo



33  
 PROFLETRAS



**Módulo 8**

Nesta aula vamos discutir a idealização do vaqueiro como herói nordestino. Você deve defender um ponto de vista e argumentar em favor dele. Vamos analisar uma toada como texto narrativo.



Matutando...

Herói?  
Herói por quê?

O que vem a ser um herói?

O que faz de alguém um herói?

Qual seu herói preferido?

O que você pensa a respeito da questão: o que vem a ser um herói?

---



---



---

**Conversa de pé de mourão**

“Por Deus fui determinado  
que fosse um herói vaqueiro  
Pra viver pelas campinas,  
correr pelos tabuleiros  
Já que esta é minha sorte  
Vou cumprir até a morte  
Meu destino verdadeiro.”

Trecho da toada Pastor do Gado de autoria do alagoano Kara Véia, mas ficou mesmo conhecida do público na voz do cantor Buscapé da banda Arreio de Ouro.  
(CD Faixa 07)

As proposições abaixo sintetizam três ideias diferentes do que significa ser herói. Vale ressaltar que não há um ideia considerada como a correta, cada uma representa uma diferente interpretação sobre o que é um herói. Leia-as e verifique com qual das proposições você concorda. Circule o número.

- I. Homem notável pelos feitos, pela valentia, cujas capacidades são maiores que as das pessoas normais e cuja memória continua após a morte.
- II. O herói do cotidiano são pessoas comuns e das mais variadas atividades humanas
- III. O herói é um ser extraordinário, com superpoderes, portanto só existe no imaginário.

BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. Novo Diálogo. 9ºano. São Paulo: FTD, 2006.



## Agora vamos ao texto

Com base na toada escolhido no blog Tenda de Pensar, responda as questões abaixo

1. Há algum personagem que pode ser considerado herói? Justifique com elementos do texto. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Identifique se estão presentes nesta toada todos os 5 (cinco) elementos que formam uma narrativa e apresente-os aqui, especificando-os

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Busque na toada palavras que constituem parte do campo semântico do vaqueiro e do aboio e ainda não estejam no nosso glossário, não deixe de acrescentar sua definição. Entre 2 e 4 palavras.

Palavra ou expressão	Definição dada por você

4. Agora sintetize o enredo desta toada, quer dizer, registre de modo resumido o que está sendo contado na toada.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_





Neste módulo você vai ler fanfics originadas a partir de toadas, identificar características destes textos e criar sua própria fancic.

**Abrindo a porteira** Leia estes dois textos com atenção, depois responda às questões.

#### Texto 1

##### Diploma de vaqueira

Era uma manhã ensolarada quando cheguei ao sertão pernambucano. Havia muito burburinho, as pessoas cochichavam e comentavam sobre um antigo boato, riam e me desafiavam com seu olhar.

Enquanto eu matutava sobre o que poderia estar acontecendo, Sr. Rufinol Ravares, dono da propriedade, aproximou-se e me lançou um grande desafio: pegar um touro que nenhum homem jamais foi capaz, se eu conseguisse me daria um diploma. Sou vaqueira afamada, boto o chicote pra estalar e pegar boi na madeira nunca foi problema para mim, então logo aceitei a proposta de entrar na mata fechada.

Coloquei meus couros, montei em meu cavalo baio e saí a galope em direção à chapada, no caminho fazia versos de improviso buscando inspiração para saber como pegar o boi e mostrar àquela gente o que é ser uma mulher de gado.

Quando encontrei o animal, travamos um longo duelo, por mais de uma vez fui jogada no canto da cerca, mas não me afrouxei, fui para cima do touro enfrentando xique-xique, mandacaru e ponta de pedra e, como brasa de angico, eu fiz o touro tremer.

A peleja durou a noite toda, cheguei na fazenda perto do cantar do galo, o povo comemorava mais uma vitória do boi. De tão convencidos não me viram chegar, amarrei o touro no mourão e entrei na venda, pedi que botassem um copo extra, pois eu, sim, tinha o que comemorar.

Disponível em: [tendadepensar.blogspot.com.br](http://tendadepensar.blogspot.com.br)



#### Texto 2

##### Um boi na história

Eu já estava velho e cansado, fazia tempo que não aparecia nenhum tipo metido a herói de perneiras e gibão querendo me dominar. Andar naquelas pastagens e apreciar o horizonte em cima do chapadão era a vida que sempre quis, finalmente havia conseguido.

Vivia de recordações do passado. Na minha mocidade, enquanto era um mamote, tinha fama de valentão, não havia quem me pegasse na carreira, até o vaqueiro mais afamado levou cambão quando veio atrás de mim, já joguei gente do tabuleiro e dei carreira de velho a menino.

Foi num grutilhão por traz da ipueira que senti o ferrão em meu lombo. O vaqueiro me deixou amarrado em um pé de aroeira, enquanto comemorava o diploma que ganhou por ter me aprisionado.

Naquele dia, senti o peso da vaidade humana, me sentindo derrotado e entristecido até que ouvi uma voz dizer: levante a cabeça, touro velho, não se deixe abater; você honrou a classe bovina e todo o gado tem orgulho de você. Era um bezerro quem me mostrava que por causa de minha bravura e coragem, eu tinha ficado para a história da bezerrada.

Disponível em: [tendadepensar.blogspot.com.br](http://tendadepensar.blogspot.com.br)



<https://go.gl/sLgX>





## Conversa de pé de mourão Dialogando com os textos

1. Com qual toada é possível associar esses textos? (Escreva o nome da toada)

2. Aponte semelhanças e diferenças entre eles:

Texto original	Texto 1	Texto 2
semelhanças		
diferenças		

3. Observe a definição: “ O gênero classificado por blogs especializados no assunto como narrativo e dramático pode apresentar uma mistura de uma história original com outro contexto, pode apresentar a união de histórias de universos diferentes criando uma única história, pode apresentar novos personagens, pode apresentar modificações no enredo. (p.38)” Este conceito apresentado por Fontenele refere-se a que gênero textual?

### Desmantelo pra cuca

4. Há palavras nos dois textos que podem fazer parte da construção de nosso glossário, elas estão no quadro abaixo. Desembaralhe-as e dê a definição de cada uma.

Fique de olho— há também expressões formadas por mais de uma palavra.

Cristiane de Mendonça Fontenele, defendeu a dissertação Letramento digital, práticas de leitura e escrita de língua portuguesa no nono ano do ensino fundamental: o gênero *fanfic* do consumo à produção, pela Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

cavalobaioplejamotelomboaroeirabrasadeanjico  
ipueiravendatabuleioperneiracambaogrutilhao

Escreva a definição destes termos no seu glossário

Escreva aqui		





## Módulo 10

Na aula de hoje vamos falar sobre o processo de criação do texto narrativo em uma conversa com um jovem escritor.

### Abrindo a porteira

Nós mortais temos a impressão de que os escritores nascem sabendo escrever bem: seus textos saltam prontos da imaginação privilegiada para as páginas impressas de um livro. Por mais que eles insistam em afirmar que escrever significa mais transpiração que inspiração, que o processo é um eterno *pisar em grilos*, exigindo rigorosa disciplina, ficamos com a sensação de que tudo isso só vale para os que não nasceram escritores. Para os poetas e prosadores é suficiente preencher folhas com palavras, frases, parágrafos que, magicamente, materializam histórias, personagens, espaços, paisagens, mundos cativantes. Nada de releituras, emendas, trocas de palavras, eliminação de excessos, inclusão de trechos, correção de deslizes.

Ledo engano. A atividade da escrita é um processo trabalhoso, exigindo de seu empreendedor bem mais do que talento. Independente de sua finalidade, escrever requer observação, conhecimentos, vivência, pesquisa, planejamento, consciência das formas de circulação, muita paciência e, conseqüentemente, leituras, releituras, construção e reconstrução.

BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 42

<https://goo.gl/>



### Conversa de pé de mourão

Escrever, de fato, não é uma tarefa fácil, é preciso muita disciplina e dedicação para escrever bem, mas se você se dedicar, com certeza, poderá se sair bem. O bom de tudo isso é saber que não estamos sozinhos: todo mundo que se propõe a escrever luta para produzir um bom texto, e podemos ir ajudando uns aos outros nesta tarefa que, ao mesmo tempo que é tão solitária, se completa na participação do outro, no olhar do outro sobre o nosso texto. Então, vamos lá ouvir o que esse jovem persistente na escrita têm a nos dizer sobre este



Mateus Antoni é de Retiroândia, mas reside em Feira de Santana, onde pretende estudar Psicologia. Escreve como forma de expressão com o mundo, de dialogar com o outro. Sua escrita, cheia de sensibilidade é um deleite, prende a atenção em cada linha. É apaixonado pela Literatura de Clarice Lispector e Mia Couto.





## Ficha de observação viagem de campo

O museu é fonte de registro e preservação de uma arte, de uma história, de uma cultura e se fundamenta na materialidade de objetos—tangíveis ou não— que representam um patrimônio cultural.

### Antes

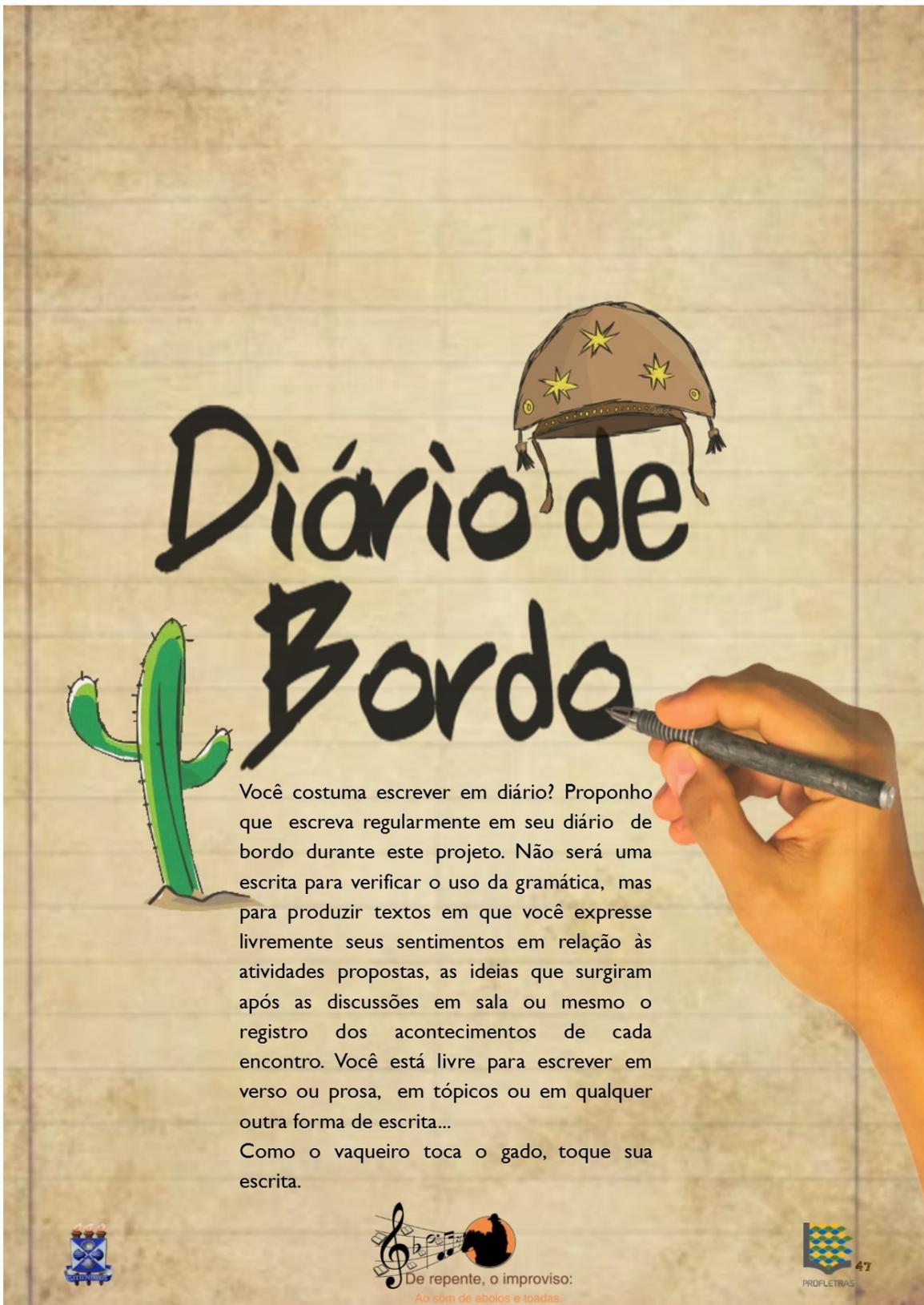
- ◆ Montar planejamento de ações.
- ◆ Despertar a consciência histórica ao perceber a visita como a análise de um texto escrito com objetos.
- ◆ Preparar-se para reconhecer a influência do passado na construção do presente e do futuro
- ◆ Perceber a importância da preservação cultural para a história.

### Durante

- ◇ Identificar registrar objetos que fizeram parte do cotidiano e hoje não fazem mais.
- ◇ Perceber quais elementos podem ser considerados textos não escritos.
- ◇ Registrar objetos e fatos importantes para o aboio e a toada e que podem ser considerados instrumentos de trabalho do ofício de vaqueiro.
- ◇ Buscar inspiração para mostra cultural “Antiquário do vaqueiro.”
- ◇ Anotar sequência das ações

### Depois

- ⇒ Usar as fichas de registro para criar um catálogo de exposição
- ⇒ Organizar uma mostra cultural com elementos da cultura do vaqueiro, catalogando para exposição objetos cedidos ou emprestados pela comunidade de chapada.
- ⇒ Criar linha cronológica da viagem



# Diário de Bordo

Você costuma escrever em diário? Proponho que escreva regularmente em seu diário de bordo durante este projeto. Não será uma escrita para verificar o uso da gramática, mas para produzir textos em que você expresse livremente seus sentimentos em relação às atividades propostas, as ideias que surgiram após as discussões em sala ou mesmo o registro dos acontecimentos de cada encontro. Você está livre para escrever em verso ou prosa, em tópicos ou em qualquer outra forma de escrita...

Como o vaqueiro toca o gado, toque sua escrita.





Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ Capítulo: \_\_\_\_\_  
Módulo: \_\_\_\_\_  
Participante: \_\_\_\_\_



De repente, o improviso:  
Ao som de aboios e toadas.

A large writing area framed by a decorative border of barbed wire. The border is brown with sharp, pointed ends. In the top right corner of the frame is a yellow cowboy hat. In the bottom left corner, there are green cacti. The writing area consists of horizontal lines. At the bottom center, there is a small musical staff icon with a silhouette of a person playing a guitar, and the text "De repente, o improviso: Ao som de aboios e toadas." At the bottom right, there is a logo for "PROFLETRAS" with the number "48" next to it.



De repente, o improviso:  
Ao som de aboios e toadas.



# GLOSSÁRIO



De repente, o improvviso:  
Ao som de abólos e toadas.



64  
PROFLETRAS

Este glossário será construído por você.

Ele está estruturado em ordem alfabética para facilitar o manuseio e a organização dos termos e deverá ser elaborado como uma espécie de dicionário—anote cada palavra que julgar própria do universo dos aboiadores e dos vaqueiros.

Não esqueça de atribuir um significado a cada termo. Pode ilustrá-lo, se quiser.

É interessante que seu glossário tenha um título. Dê um nome bem sugestivo! Escreva no espaço abaixo ou na folha da capa. Fique à vontade para decorar como quiser.

Antes de iniciar o trabalho, fique de olho nestas dicas!

- \* Os glossários são compostos por termos técnicos ou específicos que poderão auxiliar na compreensão dos temas e na leitura dos textos.
- \* Fique atento aos possíveis significados que uma palavra pode adquirir de acordo com seu contexto.
- \* Utilize fontes confiáveis para explicar os termos. Os próprios aboiadores e vaqui=eiros podem ser fonte de informação, mas não deixe de buscar as definições também em um dicionário.
- \* O glossário deve ser claro e objetivo e as explicações devem ser breves.
- \* Lembre-se de agrupar as terminologias que começam com a mesma letra, colocando em ordem alfabética também a segunda letra de cada palavra. E quando a segunda letra for igual, seguir a ordem da terceira e assim sucessivamente.



<http://acentelha-morenope.blogspot.com.br>

## Veja estes exemplos

**Jerítiba:** s.m. cachaça

**Barriletes:** (ê) s.m. ferro com que marceneiros e entalhadores prendem ao banco a madeira que lavram, pequeno barril; parte de aparelho de destilação hulha onde se juntam os gases.

**Corroborada:** Confirmar; fortalecer; validar; fortalecer-se; adquirir forças.

**Tamborete:** (ê) s.m. cadeira de braços sem espaldar; cadeira com assento de pau; peça de madeira para reforçar os blocos de madeira.

**Tacho:** s.m. vaso de metal ou de barro, e pouco fundo geralmente com as asas (fam.) cozinheira, antiga medida portuguesa de 25 lt (BR) popular piano ruim, relógio ruim.

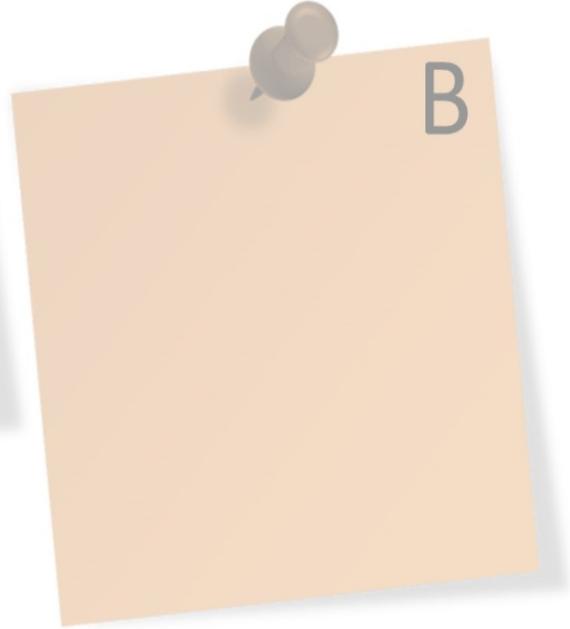
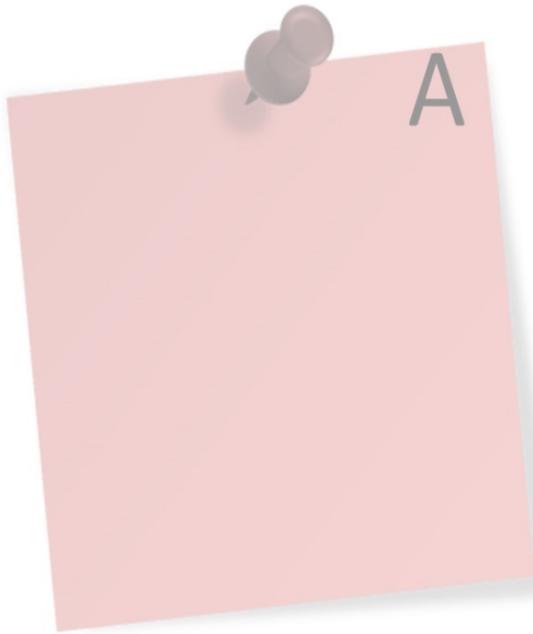
Fonte: <https://goo.gl/x1fBx6>.



Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>. Acesso em 03 de jul.2017.



Fonte: <http://conceito.de/wp-content/uploads/2012/08/>



De repente, o improviso:  
Ao som de aboios e toadas.



# Avaliação Final

Depois de ter percorrido esta caminhada, chegou a hora de avaliar o percurso.

- Sobre sua participação neste projeto de pesquisa.
  - Sempre quis participar, gostou da ideia logo que ficou sabendo.
  - Não queria muito no início, participou por influência de colegas ou familiares.
- E agora que o projeto chega ao fim, pode dizer que
  - Suas expectativas não foram atendidas, esperava que fosse melhor.
  - Atendeu suas expectativas, as coisas aconteceram como você imaginava.
  - Superou suas expectativas, foi melhor do que pensava.
- Justifique sua resposta da questão anterior apresentando uma razão;

4. Durante nossa caminhada, recebemos convidados que vieram nos prestigiar com suas presenças. De qual roda de conversa você gostou mais?

- Buy e Deraldo                       Marinho                       Mateus Antoni

5. O propósito das visitas era que eles nos ajudassem a entender melhor o assunto que estávamos estudando. Cada um deveria contribuir com dicas e informações para compreensão do tema abordado. Qual participação foi mais valiosa para você?

- Buy e Deraldo                       Marinho                       Mateus Antoni

6. Aboio e repente muitas vezes são tratados como sinônimos, mas a toada é diferente. Qual a principal diferença entre a toada e o aboio?

- o improviso                       os temas

7. E com o rap, o que o aboio tem em comum com este tipo de arte?

- o improviso                       a linguagem

8. Os textos da literatura popular tem características bem parecidas. O que não pode faltar nestes textos? seja no aboio ou na toada tem que ter...

- versos em sextilha, isto é todo aboio e toda toada tem que ser em estrofes de 6 versos.  
 às vezes a forma muda podendo ser sextilha, quadra ou estrofes maiores. O que não pode deixar de ter é a rima.

9. Sobre a fanfic:

- é um gênero que se forma a partir de outros textos.  
 é um gênero que não recebe influência de outros textos.  
 Ainda não sei dizer o que é.

10. Sobre o glossário:

- A.  
 Não tem muita utilidade porque essas palavras ninguém usa.  
 As palavras registradas são importantes para preservar a cultura do vaqueiro e do aboio.
- B.  
 Não consigo lembrar de nenhuma palavra.  
 Me ajudou a conhecer novas palavras.



A partir da aulas do projeto

- 11.. Consigo ouvir e identificar uma cantoria, se é aboio ou se é toada.  
 sim       não       mais ou menos
- 12. Entendo a importância do aboio e da toada para a preservação da cultura popular de meu povo.  
 sim       não       mais ou menos
- 13. O aboio e a toada devem ser estudados nas aulas de Língua Portuguesa regularmente.  
 sim       não       não sei opinar
- 14. O aboio e a toada devem ser estudados apenas como projetos, fora do programa das aulas de Língua Portuguesa.  
 sim       não       não sei opinar
- 15. O que você pensa a respeito do trabalho que fizemos sobre os vaqueiros afamados de Chapada?  
 foi importante, aprendemos a valorizá-los pelo que fazem.  
 você não entendeu a razão deste trabalho, havia coisas mais interessantes a pesquisar.
- 16. Sobre a viagem de campo (visita ao museu casa do sertão)  
 Ajudou você a perceber a importância da preservação cultural para nossa história.  
 Você não vê relevância em um museu com objetos velhos, ultrapassados.
- 17. O Oitão de leitura buscou incentivar seu gosto pelos livros.  
 A. Você pegou algum item emprestado durante o projeto?  sim  Não  
 B. O que você leu?       revista em quadrinho       livro       cordel
- 18. Toda ação humana pode ser melhorada, já que o homem é um ser em constante evolução. Após a diversidade de atividades envolvendo o aboio e a toada, indique pontos positivos e negativos do projeto.

Pontos Positivos	Pontos Negativos

Gratidão por todos os momentos vividos.

Muito sucesso em sua caminhada.

Abraço fraterno, pró Gil



## APÊNDICE F- Conversas com aboiadores Buy e Deraldo

**Tainara:** De onde vem a inspiração para compor tantos versos?

**Buy:** A inspiração vem primeiro de Deus e segundo do público. Porque quando o público é aquele público animado que aplaude a gente, que está lá mesmo para ver; porque o artista é que nem uma criança, quanto mais você dar ousadia, mas ele se solta, então é que nem artista, quanto mais você aplaude ali, dar grito, é bom.

**Tainara:** Eu vejo isso como um dom, cada pessoa já nasce com seu dom.

**Buy:** Eu vinha mostrando um trabalho a Deraldo, uma cadeirante que tem em Belo Alto e além de ser cadeirante ela passou por paralisia cerebral logo no início da vida. Ela pediu para a gente fazer um trabalho, modéstia parte por ter sido a gente que fez o trabalho, mas foi um trabalho muito bom, muito emocionante.

**Estefanie:** Já teve alguma complicação na hora de rimar?

**Buy:** Não, nunca teve não. Às vezes quando a pessoa não passa o nome para a gente por escrito, ele fala de lá, para falar de fulano de tal e a gente não entende bem, às vezes complica. Já complicou de quebrar a rima e ter que pedir desculpas para o público.

**Luís Cláudio:** Qual a parte mais difícil de ser aboiador?

**Buy:** Boa pergunta, essa veio para me pegar. A parte mais difícil de ser aboiador é quando você não entende bem do assunto que tem na música que você pediu. Você pede um tema que a gente não tem conhecimento e às vezes as pessoas falam assim: “Buy e Deraldo rapaz, os cabra é bom de repente, tudo que pede eles cantam na hora” mas às vezes você vai pedir um tema que a gente não tem conhecimento daquele tema.

**Deraldo:** A gente grava um trabalho, aí as pessoas acompanham aquelas músicas, aí chega um tempo que pede: “rapaz canta aquela música que eu sou fã” e a gente às vezes não lembra. Porque assim, tem trabalhos que a gente grava lendo, às vezes não decorou ainda aquelas letras, e aí a gente vai para o estúdio também para adiantar o trabalho, grava lendo e a gente não decora e aí são vários trabalhos que a gente não tem como, porque é improvisado da hora e também, ficar só lembrando de um trabalho.... Porque a gente é terminando um e partindo para outro e aí não tem como memorizar todas as letras. Às vezes até um fã pode se chatear “pede uma música dos meninos ali e eles não lembram” às vezes é um CD que a gente gravou a 10, 15 anos não lembra, a gente fica focado mais no momento. Assim, a não ser um trabalho

que a pessoa faz o pedido e que antes a gente tem que ensaiar em cima daquela letra para tentar lembrar. Aí tem hora que é meio difícil para a gente, que às vezes diz: “gravaram e não sabe”, mas, se a gente não vai ficar só com aquele CD? Às vezes a gente peca um pouco nesses momentos, mas é porque são muitas coisas que a gente tem na mente.

**Nailma:** Quando e como começou a desenvolver suas expressões culturais?

**Buy:** Em 1998 Buy e Deraldo começou a abrir espaço, a receber apoio do povo jacuipense, nossa terra, o pessoal de Pé de Serra, Nova Fátima, a emissora de rádio que no tempo só tinha a Rádio Jacuípe, abraçou a gente como Oliven Cedraz e aí a gente começou a se expandir.

Eu por exemplo sempre tive essa vontade, que meu pai comprava disco de Vavá Machado e Marcolino, Luiz Gonzaga e outros aboiadores e aí eu ficava: “Quando eu crescer quero ser um aboiador. Vou contar aqui um pouquinho da história que vocês vão rir com certeza: Eu um dia ouvindo uma toada de Vavá Machado e Marcolino, aí eu comecei a chorar me emocionei, aí minha mãe perguntou: “Você tá chorando porque menino?” Aí eu disse: “Porque tô ouvindo essa toada, tenho fé em Deus quando um deles morrer é de voltar em mim pra eu ser aboiador.” (Risos). Já morreram sim todos dois, mas antes de morrer eu já era aboiador.

**Cecília:** O que influenciou você a fazer aboios e toadas?

**Buy:** Primeiro esse dom da gente, já veio com o dom, segundo a gente ouvindo outros aboiadores que nem acabei de falar, a gente já tem o dom, a vocação já está no sangue do nordestino aí incentivou. E terceiro os nossos amigos, quando Buy e Deraldo tava ali brincando na portinha de bar, nas cavalgadazinhas, “rapaz vão aprender, vocês tem futuro” e aquilo deu uma alavancada retada em Buy e Deraldo.

**Deraldo:** (Fez um repente)

Ele me fez um pedido  
Com muita tranquilidade  
Pra fazer um verso da hora,  
Falo aqui em amizade  
Quero a coisa boa da vida  
Isso aí a gente já sabe

**Buy:** (Continuou com o repente)

Vou falar de amizade.  
Para mim é uma beleza  
De tanto ter amizade,  
Que eu não vivo de tristeza  
Amizade para mim  
É minha maior riqueza

**Nailma:** (Pedi um verso em forma de repente)

.....vim comparecer.  
 Peço a meu bom Jesus  
 Para abençoar você  
 O meu nome é Nailma  
 Faça um verso para eu ver

**Buy:** (resposta em forma de repente)

Muito obrigado Nailma  
 Você já improvisa  
 Pense em Deus, siga em frente  
 Que seu sonho realiza  
 Não sabia que no grupo  
 Também tem uma poetisa

**Alunos:** Outros aboiadores fizeram, acho que vocês também fizeram para todos da sala, mas o nome dela não foi incluído, talvez por esquecimento. Aí a gente queria fazer um para ela.

**Deraldo:** (fez um repente)

Para Maria Beatriz,  
 Um bom dia vou desejar  
 Faz parte aqui desse grupo  
 Quero parabenizar.  
 E esse estudo maravilhoso  
 Cada dia continuar

**Buy:** (fez um repente)

De Beatriz vou falar  
 Deixar ela bem feliz  
 A Bahia é meu estado  
 E o Brasil é meu país  
 Se eu cantei para todo mundo  
 Vou cantar pra Beatriz

**Géssica:** Que tipo de verso mais gosta de cantar ou criar?

**Deraldo:** É coisa que a gente se inspira, que a gente se sente muito bem, é bom para o nosso dia a dia e a gente se inspira e a gente tem muita alegria. O mesmo valor que a gente faz um verso para qualquer um de vocês, valendo um cachê, é a mesma coisa da gente está aqui nesse momento, porque a gente faz pelo amor, o que a gente gosta.

**Buy:** O tipo de verso que eu mais gosto de falar, na verdade é falar de natureza, Deus e mulher, essas 3 coisas.

**Elisângela:** Qual foi a maior dificuldade que você já passou na carreira?

**Buy:** Passamos 3 anos sem gravar, para mim foi uma escassez muito grande para a gente.

**Maria Beatriz:** Como você se sente tendo uma profissão de aboiador?

**Buy:** (resposta em forma de aboio)

Me sinto muito feliz,  
Um homem realizado  
Em alegrar as famílias,  
Cantando verso de gado  
É essa a maior riqueza  
Que Jesus tem me dado.

**Pedro:** Já que você gosta tanto de fazer verso de mulher, faça um.

**Buy:** Responde com um aboio

Quero falar de mulher,  
Que é o fruto protegido  
A mulher é uma deusa,  
Não deve ser proibido  
Se não existisse mulher,  
Eu não teria nascido

**Débora Camilly:** Em algum momento vocês pensaram em desistir?

**Buy:** Não. Temos que pensar no amanhã, vai chegar o dia de Buy e Deraldo parar, o dia de Buy e Deraldo morrer e tem que ficar alguém dando continuidade a esta cultura para outras gerações que estão vindo por aí.

**Deraldo:** E outra coisa também reforçando, quando eu cresci que chegava nas festas, noite de rezas, leilões, os meninos brincando “ô menino, faz um verso aí para mim. ” Aí 70% falava “canta”, outros gritavam “mais que dor de barriga”. Como a maioria falava “canta menino, canta”, para pirraçar aqueles que não estavam gostando e graças a Deus tudo que a gente faz na vida é com a maioria. Nós não nos abatemos nunca pelos 30% que ficava vaiando a gente, depois, hoje quem patrocina é quem paga para a gente e a gente agradece e quando eles vêm cair no conhecimento, hoje eles têm orgulho de dizer “de onde é esse artista? ” “É da minha Mandasaia. ” Riachão hoje às vezes, os governantes não apoiam o valor que os artistas merecem, não dão apoio que merecem, mas nós temos orgulho de representar Riachão, graças a Deus.

**Jamile:** Além de você, na sua família tem outros aboidores?

**Buy:** Tem sim. Minha mãe, meu tio e primos que são aboiadores

**Joana:** O que mais marcou na sua vida nessa sua trajetória de cantor e aboiador?

**Buy:** A vaquejada de Salvador em 2001, quando nós aparecemos pela primeira vez na televisão no Balanço Geral.

**Flávio:** Quais são as principais atividades culturais que vocês participam?

**Deraldo:** Cavalgada, Vaquejada, Argolinha e Arranca Rabo.

**Daniele:** Já fizeram algum show em uma região ao qual os públicos não conhecessem seu trabalho?

**Buy:** Não. Sempre fomos bem recebidos em todas as localidades que fizemos shows.

**APÊNDICE G - Conversa com aboiador Marinho**

**Géssica:** Com quantos anos você começou a aboiar?

**Marinho:** Comecei ainda novo, na adolescência, com uns 12, 13 anos de idade.

**Flávio:** Qual foi o início da sua carreira como cantor?

**Marinho:** Comecei aos 38 anos de idade mais precisamente em junho de 2010. Minha família sempre me apoiou, meu pai foi um dos grandes sambadores da região. Pretendo cantar até os 55 anos, porque eu gosto muito de tomar minhas cachaças, de curtir a vida e acabo ficando muito preso (risos).

**Jamile:** Quando você lançou o primeiro CD?

**Marinho:** Meu primeiro CD foi gravado em 2010

**Maíra:** Alguém te inspirou a seguir essa carreira?

**Marinho:** Não, eu na verdade nunca pensei em seguir carreira, tanto é que nunca aprendi a tocar nenhum instrumento.

**Maria Beatriz:** Quando você era criança, quem era seu maior ídolo?

**Marinho:** Vavá Machado e Marcolino e Galego Aboiador.

**Estefanie:** Quantos shows você faz por mês?

**Marinho:** Uma média de 8, 10, 12, depende do mês. Agora por exemplo, nossa agenda está lotada, graças a Deus. Vamos tocar na Cavalgada da Lua até eu me aposentar (risos).

**Daniele Thaís:** Qual o episódio mais difícil que você enfrentou no início de sua carreira?

**Marinho:** Um momento difícil da minha carreira, foi quando estávamos fazendo vários shows no estado do Maranhão e eu recebi a notícia da morte do meu irmão, minutos antes de começar o show. Fiquei arrasado e na hora a vontade era de largar tudo e ficar próximo da família, mas depois pensei direito e em respeito ao público fizemos o show. Deixei a banda toda lá e assim que acabou o show viajei para o sepultamento do meu irmão, voltando no dia seguinte para concluir os outros shows que já estavam agendados. Mas foi um momento muito difícil para mim, ter que fazer o show sabendo dessa notícia, estando longe de casa.

**Débora:** Qual o momento mais engraçado você já viveu?

**Marinho:** Tivemos um momento engraçado quando fomos fazer um show numa determinada cidade e antes de chegar na cidade o ônibus que estávamos atolou, todos tiveram que descer e ir andando até o espaço do show. Todos estavam com fome, sede, sem tomar banho e bastante cansados.

**Luiz Isaac:** Você já pensou em desistir de ser cantor?

**Marinho:** Nunca pensei em desistir, apesar de passar por tantas dificuldades, nunca pensei, sempre tive apoio da minha família e desde pequeno sempre gostei muito de aboiar. Às vezes tenho medo de não estar agradando ao público, e acho isso muito ruim, mas graças a Deus recebo mais elogios que críticas e isso só me dar força para continuar. ‘

## APÊNDICE H - Conversa com escritor de *fanfic* Matheus Antony

**Matheus:** Eu pensei em produzir uma história que tivesse a ver com o passado, que fosse de alguma forma o passado conversando com o presente, então eu acho que primeiro você tem que ter uma ideia, “o que eu queria falar nesse texto? ”, você pensa, por que é uma mensagem só pra o mundo, por que a partir do momento que você produz um texto, quem lê vai ter a interpretação que ele quiser, o que tu lê aqui não é exatamente o que eu escrevi, é a tua interpretação, é pela tua bagagem entendeu? Então tu pensas, “que ideia eu quero passar? ” E a partir dessa ideia você tenta criar uma narrativa, você vai escolhendo as palavras e o importante é descrever qualquer coisa, senta, põe uma palavra e outra palavra e assim você vai formando uma frase, um parágrafo e o texto está pronto. Então o importante mesmo para começar é você sentar e escrever e com um tema na cabeça, uma mensagem que você quer passar, porque nós estamos sempre tentando passar mensagens e um texto não é diferente disso,

Dicas para se fazer uma *fanfic*:

Então, os temas mais naturais, toadas, você pode começar daí. Por exemplo: A relação do homem com a terra, a relação do homem como gado, até a paixão, como a paixão é tratada nas toadas, a relação do homem com a mulher, ou então, como você é mulher, da mulher com o homem, então você vai botando os temas que você conhece, mas sob esse olhar, entendeu?

**Gilmara:** Complementando essa ideia da *fanfic*, a *fanfic* vamos imaginar uma colcha de retalho? A *fanfic* é mais ou menos isso, é uma colcha de retalho feita de vários textos que você junta em um só. Aí digamos que você escolha assim no fundo, eu quero colocar minha colcha de retalho toda com retalho vermelho, eu vou escolher uma toada (representa a cor vermelha) e os retalhos são as historinhas que eu vou colocando. Eu posso pegar por exemplo a toada Boi Cigano fazer essa toada que é contando a história de um vaqueiro que foi desafiado a pegar esse boi que ninguém nunca pegava. Então você pode contar essa história como se você fosse o vaqueiro, você pode contar como se fosse o boi, você pode contar como se você fosse o fazendeiro que resolveu fazer essa proposta, você pode mudar o final da história. Na *fanfic* você tem essa liberdade porque você não é só o leitor, você vai escrever o seu texto sobre aquilo. Então você vai poder colocar o final que quiser, acrescentar personagens. Cláudio, por exemplo, que gosta de super-heróis, histórias em quadrinhos, você pode pegar um personagem dos quadrinhos e colocar no seu texto, mesmo sendo texto de toada. Aí você vai criar aquela coisa do impossível dentro do seu texto, mas dentro da

verossimilhança de que o herói se colocou ali de alguma forma, que foi possível dentro daquele texto.

**Estudante Daniele:** A *fanfic* se baseia em modificar, em fazer alterações do nosso gosto. Você se baseou....

**Matheus:** Eu me inspirei aqui na Saga do Vaqueiro. Então a primeira coisa que eu pensei, era sobre um homem que foi forçado a sair de sua casa e é mais ou menos como estou agora. Eu moro em uma cidade e estou estudando em outra, então qualquer um pode se relacionar com essa jornada de você sair de sua casa e ir para um lugar estranho e esse homem tá passando por esse processo. (Continua a leitura depois pausa e explica). Aqui nesse trecho eu usei um dos termos do glossário, então ajudou, é como se fosse um conectivo dentro do texto com essa história das toadas. Então você usando esse termo, é como se fosse uma linha que costurasse tudo, você usando esses termos do glossário. (Continua com a leitura).

**Gilmara:** Não é lindo o texto dele? Ele escreve com muita poesia, com muita sensibilidade e uma coisa interessante que eu percebo na sua escrita Matheus, é que você coloca muito adjetivo, você vai descrevendo, olha como é importante enriquecer, uma coisa simples, que foi o homem ter saído, ter ido embora, ter voltado e ele enriqueceu, cheio de descrições, cheio de detalhes. Observem o que a gente falou semana passada, lembram da prosopopeia? Vocês conseguiram perceber alguma coisa aí que tenha ganhado uma característica que não é própria de gente, perceberam aí?

**Matheus:** “Lembranças deitadas pela cidade” é esse tipo de coisa, esse tipo de personificação. É como seus pensamentos, para entender algo você não descreve sua mente? É como se você tivesse descrevendo aqui, então, a gente faz o tempo todo, a gente só não põe no papel. E a linha desse texto é um homem voltando para casa, é como se fosse o que a pró está fazendo com a gente, resgatando as raízes, ele vê o neto dele, ele não percebe, mas o neto dele tá esperando ele de chapéu e ansioso pra ir pra roça pra montar num cavalo. É como se ele estivesse entregando o gibão que foi do pai e do avô ao neto. É exatamente isso que a pró propõe a gente, uma viagem ao passado, resgatar essas raízes, viajar toda essa cultura e conhecer e descrever sobre, e de certa forma faz parte da gente.

**Estudante Daniel:** Como surgiu sua inspiração para a escrita?

**Matheus:** Quando eu assistia a filme mais novo, que eu via um final que eu não gostava eu pensava: “Como é que eu escreveria esse final?” Eu lembro até hoje que foi assim que surgiu, tipo, eu assistia Os Vingadores, por exemplo, e eu não gostava do final, aí eu

começava a inventar um final na minha cabeça, começava a inventar uma história a partir daquilo. É como se fosse uma *fanfic*, você pega algo que já está construído e você começa a criar um final alternativo, você começa a brincar com a história. Então eu sempre tive isso de brincar com as histórias na minha cabeça. Sabe brincadeira de criança, de pegar um boneco e criar uma narrativa ali para brigar? Então eu fazia isso e como eu sempre gostei muito de cinema, sempre gostei muito de história, eu comecei a escrever aquilo, eu primeiro fazia histórias em quadrinhos, eu desenhava histórias em quadrinhos e eu comecei por *fanfic*. Tem um site chamado Naiá e eu comecei por lá, escrevendo histórias que surgiam na minha cabeça, foi assim que começou. E leitura também ajuda, quanto mais você lê, mais você começa a ganhar intimidade com as palavras, começa a perceber como brincar com as palavras, começa de forma natural. Vocês têm alguma coisa para comentar sobre o texto?

**Gilmara:** Sobre o texto, vocês querem comentar alguma coisa, destacar alguma coisa que chamou a atenção? Vocês conseguiram perceber a relação desse texto com a toada que ele disse que se inspirou? Na Saga do Vaqueiro. Todo mundo aqui conhece a Saga do Vaqueiro né? Conhece: “Vou pedir licença...”. Vocês conseguem reconhecer um trechinho daquela história aqui?

**Daniele:** Na história da Saga do Vaqueiro eu acho que ele vai embora e fica o filho dele que ele não sabia. Aí quando ele chega, o filho dele se tornou praticamente a mesma profissão que ele fazia, que no caso era correr vaquejada, é tipo isso.

**Matheus:** E também a relação dele com a mulher. Ele fala que ele tava numa vaquejada e ele viu uma mulher sorrindo na plateia e ele fica meio atrapalhado, eu me inspirei nisso.

**Daniele:** Na toada foi quando ele conheceu, no caso, digamos a pessoa que ele se apaixonou, ele conheceu uma vaquejada, aí ele teve relações com ela e ele acabou tendo um filho sem ele saber, aí ele foi embora e quando ele voltou o filho dele sem conhecer ele, tinha seguido o mesmo exemplo que ele. E a mulher dele ficou muito orgulhosa porque seguiu o caminho do pai, o homem que ela tanto gostava. Eu lembro também que ele falou: “Ser derrotado por um menino mais novo que eu”, sem nem mesmo saber que era o próprio filho. Aí no caso tem uma ligação. Aqui o neto mesmo sem conhecer o avô, quer seguir o mesmo caminho do avô, aí mesmo sem conhecer o pai quer seguir o mesmo caminho que ele.

**Matheus:** Essa ideia de resgate, de juntar histórias, de continuidade de narrativa dentro de uma família. Lembram que vocês tiveram uma ideia com o texto?

**Gilmara:** Isso mesmo, a próxima atividade de vocês inclusive é produzir um texto. A gente poderia até aproveitar esse momento e ir tentando talvez, com a inspiração, com a ajuda de Matheus ir criando algumas coisas. Cada um pensando o que pode ser criado para servir pra

vocês, se tiverem dúvidas a gente continua a discussão, mas se já quiserem podemos aproveitar esse calor do momento e pensar aqui agora numa narrativa que vocês gostem, que vocês poderiam já começar.

**Daniele:** Como eu acho que todo mundo está precisando, seria melhor todo mundo começar o texto e ele vai ajudando a fazer, ia tirando as dúvidas.

**Gilmara:** Eu acho ótimo.

**Matheus:** Meu escritor favorito ele é africano, é moçambicano e ele faz isso. Ele fala muito de tradição oral e ele conversa com o pessoal da terra dele, porque a África tem muito pouco livro escrito, é mais tradição oral, então ele conversa com as pessoas e a partir disso ele monta a literatura dele e no fim de cada livro ele traz um glossário. Por exemplo, no glossário do pró tem lampião que é como se fosse uma lanterna, na África lá é *chipeto*, então você usar esses termos, cria uma identificação com o que você está falando, então é importante você usar essas palavras do glossário, porque dar uma identidade para o seu texto. Tem coisas sua ali, mas também tem uma história, tem uma base.

**Daniele:** E acaba também sendo uma fonte de conhecimento pra pessoas que não conhecem a cultura, no caso eu que não conheço nada sobre a cultura do vaqueiro, eu pego um livro pra ler, acabo conhecendo coisas que eu nunca imaginaria que estivessem ali, isso também ajuda bastante.

## APÊNDICE I - Dados das conversas com vaqueiros

### **Dados da conversa com a família de Antônio do Saco**

- Seu nome completo é Antônio Gomes da Silva, faleceu aos 84 anos.
- Foi casado com dona Sena. Ela e o Neto Felipe que deram as informações.
- Este apelido surgiu porque trabalhava numa fazenda chamada Saco - fica na estrada velha de Chapada.
- Administrava uma fazenda que tinha cerca de 18.000 tarefas. Gostava de “correr boi na madeira” (correr no mato).
- Homem destemido e a palavra “indomável” não existia em seu dicionário. Gado bravo não era problema para ele. Tinha muita paciência com os animais e conduzia o gado com raça e não admitia xingamentos, nem mesmo dentro de casa.
- Muitas vezes diziam que era feiticeiro pelo domínio que tinha em amansar animais bravos. Dona Sena contou um episódio em que um pessoal de Coité estava elogiando ele com os filhos sem saber quem era.
- Gostava de lidar com qualquer tipo de animal e quando lhe chamavam, estava sempre pronto para ajudar. Teve uma situação em que salvou uma égua e a cria do patrão que já haviam sido desenganadas por um veterinário. Ele mesmo cuidava dos animais.
- O pessoal da região vinha pedir ajuda a seu Antônio. Sempre que precisavam para cuidar da saúde dos animais.
- Viajava para várias cidades levando e trazendo os animais. Passava dias no meio do mato, tangendo e conduzindo o gado.
- Com o passar do tempo outro vaqueiro mais novo, foi tomando seu espaço.
- Mas pro vaqueiro bom não existe tempo ruim. Ele foi trabalhar em outra fazenda.
- Sofreu um acidente aos 80 anos quando foi obrigado a interromper o seu trabalho.

### **Dados da conversa com Martinho**

- Martins da Silva Borges, nasceu no dia 09 de janeiro de 1942.
- Começou trabalhando na estrada, tangendo boi. Onde ele pudesse ir, ia conduzindo o gado. Trabalho difícil, perigoso, mas ele gostava, pois tinha liberdade.
- O primeiro emprego como vaqueiro foi em 1975, na fazenda de Dr. João Campos aos 33 anos de idade. Trabalhou durante 5 anos na fazenda e fazia todo o serviço, desde vaqueiro até administrador (cuidava de cerca de 300 a 400 cabeças de gado).
- Aprendeu a lidar com gado, através do seu pai que sempre atuou nesse ramo.

- Já trabalhou junto com o Sr. Antônio do Saco, vaqueiro famoso da região. Com ele fizeram entrega de 20 bois na cidade de Santa Bárbara, mas a cidade mais distante que já viajaram conduzindo o rebanho foi Capim Grosso, chegando a passar 4 (quatro) dias fora.
- Em 1980 sofreu um acidente, que de certa forma lhe deixou mais cauteloso, mas como era apaixonado pelo que fazia, não hesitou em aceitar trabalhar em outra fazenda, desta vez do Sr. Ribeiro Tavares, onde ficou por 10 anos.
- Sua rotina era acordar às 5h da manhã para ordenhar as vacas, chegava a tirar cerca de 500 litros de leite, para que entre às 8 e 9h estivesse pronto para a entrega. Trabalhavam na fazenda junto com ele mais 7 pessoas e todos moravam lá.
- Final da tarde apartava e prendia o gado e depois de um dia exaustivo de trabalho ainda tinha disposição para um bate papo com o patrão.
- Além do Sr. Antônio do Saco, fez parceria também com o Sr. Bira e nesta profissão criou praticamente toda a família.
- Por conta da preocupação com a educação dos filhos, levou a família toda para morar em Chapada e todos os dias ia para a fazenda em Ipoeirinha.
- Além de vaqueiro, trabalhou em motor de sisal, capinando roça e já participou da organização de várias festas de vaqueiro (missas e leilões) sendo escolhido até mesmo presidente em várias edições.
- Homem sério, trabalhador e de total confiança do patrão, gostava tanto do que fazia que até hoje fala com saudade da sua profissão. Se hoje houvesse possibilidade, não tinha dúvida que ainda estaria no lombo de um cavalo apartando gado e praticando com amor o exercício da sua profissão.

#### **Dados da conversa com Goinha**

- José Fernandes Santos Filho, nascido em setembro de 1960.
- Sempre trabalhou como vaqueiro. Sua rotina é acordar às 3h da manhã para iniciar suas atividades como dar comida aos animais e fazer o que mais gosta que é ordenhar as vacas. Chegava a tirar até 100 litros de leite.
- Vaqueiro destemido, não corre vaquejada, mas se arriscava no transporte de animais e o lugar mais longe que já conduziu o rebanho foi a cidade de Pintadas, ficando até 3 dias na estrada. O transporte era feito pela estrada de chão e à noite, para dormir, prendiam o gado em algum curral desocupado.
- Para controle do rebanho, todos os dias era feita a contagem.

- Trabalhou mais de 1 ano na fazenda de Tuca, cuidando dos animais, fazendo a ordenha e vacinando. Só saiu porque o patrão vendeu a fazenda.
- Por vontade própria, nunca trabalhou de carteira assinada, achava que não era vantajoso pois já tinha idade avançada.
- É a favor da vaquejada mesmo tendo a consciência dos maus-tratos aos animais.
- Antônio do Saco, Santinho e Pedro Roxo são alguns vaqueiros que em sua opinião, eram os melhores.
- A justificativa de ter estudado pouco é a paixão por essa vida de gado.
- Acha que os tempos de outrora eram bem melhores que hoje em dia, devido a invasão das drogas e a violência.
- Vaqueiro apaixonado pelo que faz, trabalhará até quando Deus permitir.

#### **Dados da conversa com Cacó**

- Manoel Albino Góes, mais conhecido como Cacó, 72 anos.. Começou a trabalhar como vaqueiro aos 12 anos de idade.
- O trabalho que mais gostava de fazer era tirar leite, pois tinha que levar para o fabrico e apartar o gado. Como todo bom vaqueiro, se vestia a caráter (gibão, jaleco e chapéu de couro).
- Assim como os demais vaqueiros, Sr. Cacó também trabalhou com o transporte de animais, tendo como destino mais distante a cidade de Santa Luz.
- Certa vez estava de viagem marcada para São Paulo quando resolveu aceitar trabalhar na Fazenda Campo Grande amansando novilhas. Gostou tanto que desistiu da viagem e ficou na fazenda por 20 anos, só saiu quando foi vendida.
- Já passou fome e sede trabalhando no mato e ele atribuía isso ao fato de não ter tido uma família para lhe dar suporte.
- No ano de 1979 sofreu um grave acidente na caatinga, quando tentava apartar uma novilha e ficou 30 dias internado.
- Não corria vaquejada, esporte que na sua época não existia com muita frequência.
- Já foi organizador e presidente de várias festas de vaqueiro na região.
- A diferença que sente da sua época para hoje é que os vaqueiros de hoje não mantêm a tradição e realizam suas tarefas de moto.

APÊNDICE J- Livreto de *fanfics* de toadas produto Final da Intervenção<sup>7</sup>

<sup>7</sup> As *fanfics* que fizeram parte da análise de dados e o sumário não constam nesse arquivo, a fim de preservar as identidades dos sujeitos.

## Prefácio

Este trabalho é fruto da pesquisa de intervenção *De repente, o improviso: letramento ao som de aboios e toadas*, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional - Profletras, do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), desenvolvido sob orientação da professora Dr<sup>a</sup> Alana de Oliveira Freitas El Fahl, com alunos do 9º ano do Colégio Municipal José Rufino, no povoado de Chapada, município de Riachão do Jacuípe, Bahia.

Todos os textos que compõem esta obra resultam de atividades realizadas durante a intervenção e são produções dos participantes da pesquisa, foram precisos apenas alguns ajustes, quando necessário, de adequação à norma culta e melhorias para otimizar a fluência leitora. As falhas que ainda persistirem são de minha inteira responsabilidade.

A seção *De papo com os mestres* consta de textos produzidos depois de rodas de conversa com aboiadores. Em *Vaqueiros afamados* encontram-se registros biográficos, resultantes de pesquisa e entrevistas com vaqueiros e familiares. *Entre toadas e fanfics* são narrativas que mesclam a tradição das toadas, as quais serviram de texto base, à contemporaneidade das fanfics— criações textuais narrativas produzidas por fãs e apoiadas em outros textos já existentes. O *glossário*, construído colaborativamente pelos envolvidos, traz termos e expressões do campo semântico e lexical do aboio e do universo do vaqueiro. As ilustrações fazem parte da produção dos alunos e os textos em verso espalhados pela obra também são matutações destes jovens que de repente, se fizeram escritores.

Gilmara Freitas  
(organizadora)

## De papo com os mestres

### Buy e Deraldo



“Buy e Deraldo vieram aqui  
Conversaram com a gente  
Responderam nossas perguntas  
E fizeram versos de repente.”  
Anita Matos

Buy e Deraldo, dois aboiadores excelentes, com quem tivemos o privilégio de ter uma roda de conversa, começaram a carreira em 1998, Buy com 25 e Deraldo com 30 anos.

Os jacuipenses gravaram seu 1º DVD no ano 2000, no mês de maio, no Clube Mandacaru. Eles contam que se conheceram em Riachão do Jacuípe, assim que Buy chegou de São Paulo foi apresentado a Deraldo por um amigo, cantaram uma toada juntos e logo após começaram a receber convites para aboiar em festas, deste modo surgiu a dupla Buy e Deraldo.

A história de vida deles é emocionante, nem sempre as coisas foram fáceis, já chegaram a ficar 3 anos sem gravar por falta de dinheiro para investir, mesmo assim, nunca pensaram em desistir porque para eles aboiar é um dom, um presente de Deus, então é uma grande responsabilidade.

Géssica, Cecília, Daniel, Victória e Thaís

## De papo com os mestres

### Marinho



Recebemos a visita de Marinho, cantor e dono da banda Sela Vaqueira para uma roda de conversa. Ele nos disse que começou a aboiar ainda pequeno, mas a carreira como cantor só começou aos 38 anos, em 21 de junho de 2010 e já faz uma média de 12 shows por mês; disse que pretende cantar apenas até os 55 anos, depois disso, ficará apenas administrando a banda.

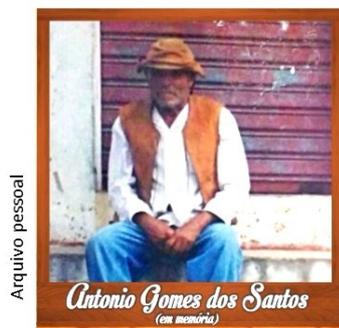
Quando era criança seu maior ídolo foi Vavá Machado e Marcolino e Galego Aboiador, autor de sua toada favorita: A origem do meu sertão.

Todos da família o apoiaram, principalmente seu pai, um dos grandes sambadores da região. Ele é uma pessoa gentil, também é engraçado e tem uma voz maravilhosa.

Estefanie, Gisele, Flávio e Isaac

Eu gostei dos aboiadores  
por eles falarem com alegria  
um pouco de suas vidas  
em forma de poesia.  
Tainara

## Vaqueiros Afamados



**Antônio do Saco**

Antônio Gomes da Silva, nasceu no dia 12 de Maio de 1926. Vaqueiro muito admirado e respeitado na região, sempre lutou com o gado, nunca fugia das dificuldades que seu trabalho lhe concebia, fez tudo com orgulho e sem nunca xingar ou reclamar, sempre com um sorriso no rosto. Aos 80 anos foi vítima de trágico acidente no qual foi atropelado pelo carro de uma empresa privada, enquanto atravessava com o gado na estrada, o impacto foi tão grande que o cavalo em que ele estava acabou morrendo na mesma hora, ele sofreu escoriações por todo o corpo e acabou quebrando a clavícula. Após isso, ficou impossibilitado de exercer a profissão que tanto amava.

Sua facilidade de lutar com o gado era tão grande que o chamavam de feiticeiro, pois conseguia domar até o gado mais bravo que havia, pessoas de toda a região recorriam a ele para domar animais bravos e fazer partos de animais em situações difíceis. Ao longo de sua vida ganhou muitos prêmios, inclusive o de vaqueiro mais velho. Recebeu o nome de Antônio do Saco, por causa do lugar onde morava que se chamava Saco e como ele administrava todas as 18 mil tarefas que tinha o lugar, acabou sendo apelidado assim por amigos e conhecidos. Morreu 4 anos após o acidente que sofreu no ano de 2009 e que pôs fim em sua luta com o gado.

Daniele Thais



**Cacó**

Manoel Altino Borges, mais conhecido como Cacó tem 72 anos.

Começou a trabalhar como vaqueiro aos 12 anos de idade, a tarefa que mais gostava de fazer era tirar leite, depois tinha que levar para o fabrico e apartar o gado. Como todo bom vaqueiro, se vestia a caráter (gibão, jaleco e chapéu de couro). Assim como os demais vaqueiros, Sr. Cacó também trabalhou com o transporte de animais, tendo que desistir das viagens porque foi tomar conta de uma fazenda. Ficou nesta propriedade por 20 anos, só saiu quando foi vendida.

Já passou fome e sede trabalhando e ele atribuía isso ao fato de não ter tido uma família para ter dado suporte. No ano de 1979, sofreu um acidente na caatinga quando tentava apartar uma novilha e ficou 30 dias no hospital internado.

Ele não corria vaquejada, esporte que na sua época não existia com muita frequência. Por outro lado, participou de várias festas de vaqueiro na região.

Diz que sente muita saudade daquela época, para ele as festas não são como antigamente e hoje os vaqueiros realizam suas atividades de moto, o que é uma tristeza.

Tainara, Cláudio, Mirelly, Reinan, Joilson,  
Isaac, Jéssica e Elizângela

## Vaqueiros Afamados

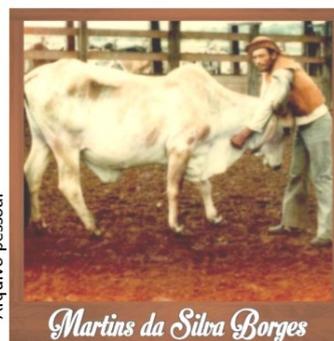


**Goinha**

José Fernandes Santos Filho, nascido no mês de setembro de 1960. O vaqueiro, conhecido em toda região como Goinha, acorda às 3 da manhã para iniciar sua rotina. Cuidar de gado e trabalhar em fazenda sempre foi sua alegria. Vaqueiro destemido já foi amansador de burro bravo, já pegou boi de mão no curral e preparou boiadas para correr vaquejada.

Segundo ele, era melhor a vida antigamente, pois hoje em dia há muita influência de droga no mundo e também há muita violência. Disse que estudou pouco porque a vida do gado não deixa o vaqueiro ter tempo de se dedicar aos estudos. Para Goinha, Antônio do Saco, Santinho e Bira são alguns dos melhores vaqueiros da região. Disse que nunca pensou em dar um fim em sua carreira, pois foi e ainda é um vaqueiro que tem orgulho da lida do gado. Homem que não tem medo do trabalho, pretende trabalhar até quando Deus permitir.

Daniel, Naylma e Flávio.



**Martinho**

Martins da Silva Borges, nasceu no dia 09 de janeiro de 1942, começou profissão de vaqueiro trabalhando na estrada, era uma vida perigosa mas ele gostava. O seu primeiro emprego como vaqueiro foi em 1975, na fazenda do Sr. João Campos aos 33 anos de idade. Aprendeu a lidar com o gado, através do seu pai que sempre atuou nesse ramo. Já trabalhou com o Sr. Antônio do Saco, vaqueiro famoso na região, fez parceria também com o Sr. Bira e juntos fundaram a primeira missa de vaqueiros da Chapada, por causa de uma promessa que Bira fez, depois disso participou da organização de várias festas de vaqueiro. Em 1980 sofreu um acidente, mas mesmo assim não abandonou sua profissão, aceitou o convite para trabalhar na fazenda do Sr. Ribeiro Tavares onde ficou durante 10 anos. Sua rotina era acordar às 5h da manhã para ordenhar as vacas, depois cuidava de outras obrigações. Por conta da preocupação com a educação dos filhos, levou a família toda para morar em Chapada e todos os dias ia para a fazenda. Além de vaqueiro, trabalhou em motor de sisal, capinando roça. Hoje ele trabalha em sua terra e sente muita saudade de ser vaqueiro.

Edlane, Maira, Camilly, Anita, Estefanie e Cecília

## Entre toadas e fanfics

### FANFIC DA TOADA MULHER LINDA

#### UM SONHO DE UM VAQUEIRO

Por Naylma Vieira

Em uma fazenda distante, descansando debaixo de um oitão, um menino cansado, deitado na esteira, cantando uma bela toada...

No treino da vaquejada, suando de pingar, o bate esteira, exausto, bem de longe avistou uma linda mulher, bela igual aquela nunca havia visto. Logo ele se apaixonou. Vestida em um gibão, montada em um dos mais belos cavalos da festa, fazia inscrição para correr. Agora mais perto, ela vem chegando com todo seu charme e com um cheiro de flor, apeou do cavalo e deu-lhe um abraço. Em uma conversa de pé de mourão, ele decidiu desafiá-la a derrubar um boi. Sorriente ela dizia: Bate esteira não é de nada, quero ver mesmo é pegar o bicho. Durante o aquecimento ela matuta como vai conseguir a façanha, depois se ajeita na sela e valeu boi mais uma vez. Sorriente ela olha firme dentro dos olhos do peão e grita “valeu boi”.

Dois pingos de uma secreção pegajosa com gosto amargo. O menino acordou com um susto danado, em sua cara: baba de boi. Tangeu o animal para longe, olhou ao seu redor e tudo era paradeiro, ficou pensando onde estaria aquela mulher linda de se apaixonar... Então pensou alto: sonho ou realidade, vou voltar a cidade para um amor encontrar.

## Entre toadas e fanfics

### FANFIC DA TOADA MULHER INGRATA E FINGIDA

#### A MULHER QUE FEZ O VAQUEIRO SOFRER

Por Jadna e Maria Beatriz

Certo dia um vaqueiro se apaixonou por uma mulher ingrata e fingida. Gostava muito dela, tanto que pensava até em constituir uma família juntos, mas ela era uma mulher que não gostava dessa vida de gado, com o passar do tempo, foi se cansando dele pouco a pouco até quando o deixou de vez, o vaqueiro já estava muito apaixonado, demais mesmo.

Começou a beber cada vez mais, quando perguntavam porque bebia tanto, ele nunca falava a verdade, sempre dizia que uma pessoa tinha levado seu gibão velho e o deixou em pano. O tempo passava e ele só lembrava do quanto já pegou boi na caatinga e hoje não passava de um vaqueiro apaixonado. De tanto amor, acabou morrendo.

A mulher ingrata e fingida percebeu que havia feito uma coisa muito ruim com seu velho vaqueiro. Sentindo-se culpada, para retirar o pecado que fez, começou a correr boi a caatinga e descobriu que ela também é uma vaqueira testada e sofreu porque não podia ter mais aquele vaqueiro que ela desprezou, mas por dentro amava muito.

## Entre toadas e fanfics

### FANFIC DA TOADA A SAGA DO VAQUEIRO

#### AMOR DO VAQUEIRO

Por Elisângela Santos

O vaqueiro apaixonado pela mulher saiu desesperado, chorando, correndo, sem saber o que fazer. O pai da moça estava contente porque havia mandado a filha para longe daquele vaqueiro. O fazendeiro com risadas irônicas e muito feliz, a filha triste com lágrimas nos olhos, escondendo a gravidez da família e chorando com saudades de seu amado.

Passaram-se 19 anos, o vaqueiro ainda lembrava daquela doce mulher. Ele era vaqueiro experiente e amava sua profissão, andava sempre de gibão e jaleco, nas vaquejadas era muito aplaudido, botava boi na faixa, era sempre o vencedor.

Certo dia foi convidado para uma vaquejada, começou a pegar no rabo do boi, mas parou admirado com um menino jovem e talentoso. Dessa vez o vaqueiro não ganhou, mas não ficou triste, pois percebeu uma coisa especial naquele menino e logo ele viu a morena linda que lhe deixou paralisado há 19 anos atrás. O coração acelerou, a mão suave. Quando ela virou, os dois corações se fundiram em um só. Eles se abraçaram e ela disse: esse é o nosso filho. Ele abraçou seu filho com os olhos cheios de alegria.

## Entre toadas e fanfics

### FANFIC DA TOADA A SAGA DO VAQUEIRO

#### UM REENCONTRO COM O PASSADO

Por Anita Matos

Quando observamos o sol pensamos em tudo de mais bonito ou nem sempre... A moça que foi deixada observava o grande raio de luz, lembrava de tudo o que tinha passado, de cada momento com seu amor. E se perguntava por que todo aquele sofrimento, por que aquele câncer tinha que estar impregnado nela. Pensava também no filho, no seu Pequeno, como costumava chamá-lo. Vivia com medo de que ela, assim como o sol, a cada dia fosse desaparecendo até sumir de vez no horizonte.

A única coisa que ela queria era ver seu pequeno bem, a felicidade de seu filhinho era tudo que importava. Por medo de algo acontecer e seu pequeno ficar só, ela estava decidida a ir em busca de seu companheiro, enfrentar a mata velha e poeirenta da caatinga.

Quando ia para casa, observou mais detalhadamente um cartaz, já havia visto antes, mas não ligara muito. De repente, viu a foto e reconheceu seu grande amor, seu coração bateu forte, os olhos brilharam, o sorriso tomou conta de seu rosto e as lembranças do filho perguntando pelo pai vieram à tona.

Já esperava ansiosamente para uma conversa de pé de mourão com seu vaqueiro. O tão esperado dia havia chegado. O frio na barriga tomava conta de todo seu ser. Lá estava ela na multidão tentando falar com ele. E por um minuto aconteceu uma troca de olhar entre os dois, os sorrisos de canto aparecem. E com o coração cheio de esperança, eles sabiam que ia ficar tudo bem.

## Entre toadas e fanfics

### FANFIC DA TOADA CANÇÃO DO LENÇO

#### TRISTEZA E SAUDADES

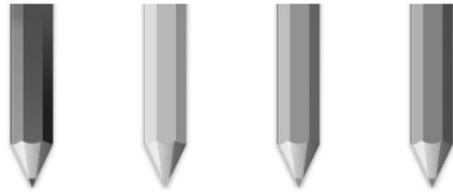
Por Emerson Pereira

Minha vida é de tristeza e saudades, parece que o destino quis me fazer esse dia tão triste. O dia que perdi minha avó. Naquele dia ficou tão triste meu sertão, que até o gado mudou o ânimo, perdeu a vontade de comer, porque ela que cuidava do gado e dos outros animais.

Eu lembro até hoje ela alí sobre o cavalo na caatinga, com seu sorriso alegre no rosto e seu gibão protegendo-a do sol e sentindo-se orgulhosa pela sua profissão, ela ia a procura de seu gado na caatinga com sua perneira e seu chapéu de couro na cabeça.

Na morte dela, os vaqueiros ficaram muito abatidos, porque ela gostava de uma conversa de pé de mourão com os vaqueiros, gostava de fazer toada à noite em uma fogueira no terreiro. Era muita diversão, ela contava sobre a vida a seus companheiros de profissão, mas agora só restava lembrança porque ela se foi. E o pedido dela foi atendido pelos vaqueiros: enterrá-la em um pé de árvore e botar seu gibão, sua manta e sua perneira em sua cova.

# GLOSSÁRIO



<https://goo.gl/GZikok>

## A

- abrir a tampa-** (vaquejada) soltar o boi.  
**aboio-** canto com que os vaqueiros guiam as boiadas/ Poema pastoril de versos irregulares e sem esquema de rimas fixo.  
**adomar** - amansar o animal.  
**aió** - utensílio de sisal para alimentar os animais durante a viagem.  
**alforge** - bolsa confeccionada em couro em que o vaqueiro transporta mantimentos.  
**apear** - descer do animal.  
**argolinha** - competição em que o cavaleiro deve retirar com a ponta de uma lança uma argola pendurada na pista do torneio.  
**arreador-** corda com que se amarra o bezerro na vaca para tirar o leite.  
**arreios-** indumentária que veste os cavalos.

## B

- baião** - sinônimo de rojão, é um tipo de dança.  
**baio** - cor da pelagem do cavalo.  
**barbatão** - boi criado no solto no mato, por isso torna-se bravo.  
**barreiro-** quando o chão está úmido, cheio de barro.  
**bater esteira-** vaquejada / vaqueiro secundário, aquele que passa o rabo do boi para o puxador.  
**beira** - o mesmo que perto.  
**biqueira** - o mesmo que goteira, lugar por onde a água da chuva passa através do telhado.  
**boi na faixa-** vaquejada/ derrubar o boi no local indicado reservado para isto.  
**boiadeiro** - Pessoa que faz o manejo, toca e negocia o gado. Pode ser também o caminhão onde se transporta o gado.  
**botar cambão** - vaquejada/ quando o boi deixa o vaqueiro pra traz, corre mais que o vaqueiro.  
**bride** - parte do arreo responsável por parar, frear o cavalo.



Nailma vieira

## C

- cabeçada** - aparato que se coloca na cabeça do cavalo prendendo a rédea à bride.  
**cabrana** - amarração feita do chifre para a mão do boi.  
**cacimba** - buraco cavado no chão pra juntar água.  
**campear** -sair montado pelos campos.  
**canga** - usadas em cabras e bodes para evitar que passem para outros terrenos.  
**cantoria** - a arte do canto poético sob várias formas e gêneros.  
**careta** -espécie de máscara de couro que se coloca em vacas bravas.  
**casquear** - cortar os cascos do animal.  
**chapadão-** área de terra elevado com o topo plano.  
**chapear** - colocar ferradura nos cascos do cavalo.  
**Chapéu de vaqueiro**—adorno de couro para proteger a cabeça.  
**chibata** - chicote longo de couro cru e cabo de madeira.  
**chincar** - amarrar e puxar o boi.  
**chocalho** - sino colocado no pescoço dos animais para localizá-los no mato.  
**cia** - tira de couro que prende a sela por baixo da barriga do animal.  
**cocho** - local onde se coloca ração para animais.  
**coco** - versos dispostos em estrofes variáveis acompanhados com pandeiros ou ganzás. Pode ser também uma dança popular do sertão nordestino.



Nailma vieira

colchinilo -proteção de lã para não aquecer o acento da sela.  
 concertina - espécie de sanfona.  
 conversa de pé de mourão - conversa séria, importante.  
 corda chinha - corda de couro, faz parte dos arreios do animal.  
 correr boi na madeira - correr no mato atrás do gado.  
 correr prado - tipo de competição entre cavalos, corrida no campo.  
 cortadeira - espora.  
 caruado - se diz do boi quando apresenta um tipo de deficiência nos membros.

## D

deixa- ocorre quando um aboiador pega o verso de onde o outro parou.  
 desafio - disputa poética, feita no improviso pelos cantadores.  
 descornar - tirar os chifres do touro.  
 desmantelo - situação complicada, confusão.



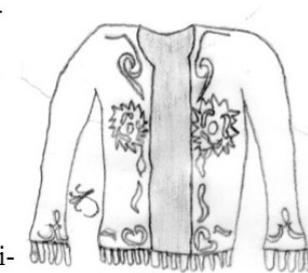
Nailma vieira

## E

embolada - modalidade de cantoria em que a agilidade é fundamental.  
 embrenhar-se - entrar no mato, ir para a caatinga.  
 espora - utensílio de metal que o vaqueiro prende no pé para instigar o animal.  
 estar em couro- quando o vaqueiro está usando seu uniforme.  
 estar em pano - uso de roupas normais, quando o vaqueiro não usa seu uniforme.  
 estribo - peça de metal onde o vaqueiro apoia o pé enquanto está montado.

## F

ferradura - chapa de ferro que protege os cascos do cavalo.  
 ferro - instrumento de marcação para identificar o animal.  
 festa de apartação - momento de separação do gado criado solto na caatinga.  
 Os vaqueiros apartam entregando cada animal ao seu dono, então os fazendeiros montam a festa reunindo todos.  
 formigão- espécie de alicate que se coloca na venta do boi para domesticá-lo.



Nailma vieira

## G

galope - Tipo de composição em sextilha com rima apenas nos versos pares.  
 gibão - casaco de couro, usado pelo vaqueiro para se proteger na caatinga.  
 gibeira - bolso do gibão.  
 gemedeira- Tipo de estrofe de seis versos em que o cantador intercala o estribilho "ai-ai-ai,ui-ui-ui".  
 grutilhão - loca entre lajedos.  
 guarda-peito- uma espécie de peitoral que o vaqueiro usa para se proteger na caatinga.

## I

improviso- Versos criados no momento, sobre temas diversos. os temas podem ser pedidos pela plateia.

## J

jaleco - colete de couro usado pelo vaqueiro quando não está na caatinga, também chamado jaleque.  
 jiquí - compartimento onde o boi fica preso antes da partida nas vaquejadas.



Nailma vieira

## L

lampião - tipo de lanterna.  
 lata de querosene - recipiente onde se guarda o combustível para acender o lampião.  
 lamparina - tipo de luminária manual.

## M

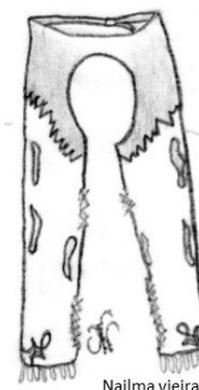
- mamote** - boi novo, garrote.  
**manejo**: ação de conjugar as atividades manuais com a tecnologia avançada, forma de conduzir o gado.  
**mandingueiro** - boi bravo, esperto.  
**mandioqueiro** - (vaquejada) vaqueiro iniciante. também chamado jacú.  
**manta**- proteção acolchoada para o lombo do cavalo.  
**maroeiro** - boi difícil de pegar.  
**martelo** - gênero do desafio de versos dos cantadores nordestinos, muito próximo da embolada.  
**mato** - área inabitada com vegetação de médio porte.  
**matutar** - pensar, refletir.  
**montar em pelo** - montar no animal sem sela nem arreios.  
**mote** - o tema do verso. Também pode funcionar como refrão das sextilhas.  
**mourão** - gênero de cantoria / esteio grosso fincado no chão onde se amarram os animais indóceis.

## O

- oitão** - parte lateral da casa, onde dá sombra.  
**oratório** - armário para guardar imagens de santos.

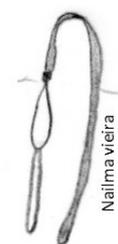
## P

- papo de rola** - chapéu curto, cobre apenas o alto da cabeça.  
**pau de rato** - árvore comum na caatinga, também chamada catinga de porco.  
**pega garrafa** - competição entre cavaleiros com o objetivo de pegar uma garrafa montado.  
**peia** - atadura nas pernas do animal para evitar que desbande, dificultando o movimento.  
**peitera** - avental usado no peito do cavalo para proteger de tocos e galhos na caatinga, usado para o trabalho na caatinga.  
**peitoral** - faixa de couro ou tecido para adornar o peito do cavalo, usado para passeios e corridas de vaquejada.  
**pelego**- proteção para o animal, fica entre o pelo e a sela, o mesmo que manta.  
**peleja**- disputa entre duplas de cantadores. Pode ser denominada também como desafio de cantoria.  
**pelejar** - tentar muito, ter dificuldade.  
**perneira** - espécie de proteção para as pernas, usa por cima da calça do vaqueiro.  
**poeta popular** - aboiador, repentista, cordelista.  
**porteira**- um portão de madeira, geralmente fica próximo à casa da fazenda.  
**pote** - recipiente para água.



## Q

- quadra** - estrofe de quatro versos.  
**quadrão**- variação dos versos em quadra, nesta modalidade os metros são variados.  
**quebrar o chapéu na testa** - ajeitar a aba do chapéu.



## R

- rabicho** - instrumento de couro que mantém a sela presa ao rabo do animal.  
**rabo da gata** -(vaquejada) quando o vaqueiro é chamado e não comparece.  
**raçado** - diz-se do animal quando é de raça.  
**rapé**- fumo para cheirar, tabaco torrado e moído para provocar espirro.  
**ranca-rabo** - tipo de competição, numa pista de corrida com o propósito de pegar um rabo de boi que está pendurado.  
**rastro**- marca deixada no chão, seja o animal ou o vaqueiro  
**reio**- chicote  
**repente** - verso feito na hora, no improvisado.  
**repentista** - poeta popular que faz verso improvisado.  
**rês** - animal para consumo humano, vaca ou boi.  
**russo** - pelagem do cavalo, equivale ao cavalo branco.

## S

**sangra** - (vaquejada) espécie de corredor, local onde o boi aguarda para correr a vaquejada  
**sangrador**- espécie de passagem nos tanques feitos na roça, para o tanque não romper com a chuva.  
**sela** - peça de couro que se coloca sobre o animal presa a outros arreios para a montaria.  
**surrão** - sacola usada para carregar alimentos.

## T

**tabuleiro** - tipo de relevo, parecendo uma chapada, lajedos grandes.  
**taca** - correia de couro que se prende no pulso para castigar o animal.  
**tanger** - conduzir o gado.  
**tenda** - oficina onde se conserta e se produz o material de trabalho do vaqueiro.  
**toada** - canção de amor na linguagem dos aboiadores (Bule Bule), o som e o tom ligados á forma musical da cantoria.  
**trincheira** - parede de terra construída ao lado do tanque para impedir que transborde nas chuvas.  
**trocadilho** - jogo rimado de palavras que dão lugar a duplo sentido.  
**Tropeiro**- vaqueiro viajante, aquele que transporta o animal.  
**tramela** - tábua que se coloca no pescoço do bezerro quando se quer desmamá-lo.  
**trova** - espécie de verso em quadra.  
**trupé** - barulho feito pelo pisar dos animais.

## V

**valeu boi** - (vaquejada) o vaqueiro derrubou o boi na faixa e os pontos são computados.  
**vaqueirama** - grupo de vaqueiros.  
**vaqueiro afamado**- vaqueiro que conquistou fama, bom na arte de lidar com o gado.  
**vaqueiro encourado** - quando o vaqueiro está vestido a caráter, com todos os acessórios e a indumentária completa.  
**venta**- narinas do animal.

## Z

**zê gás** - uma espécie de lamparina que se usa para iluminar as casas quando falta ou não tem energia.



**ANEXOS**

ANEXO A- *Fanfics* de Mateus Antoni

## O LEGADO DO VELHO VAQUEIRO

Apertando os olhos em direção ao sol já alto no céu, lambeu os beijos, umedecendo-os. Decorara aquele caminho desde a infância, repetindo-o várias vezes durante sua mocidade e idade adulta. Pisara diversas vezes, com os pés enlameados, no leito rachado e seco do açude a alguns quilômetros dali. Cavalgou, jovem e cheio das energias, pela mata velha e cansada de tão branca da caatinga, à procura dos bois embrenhados nas roças fechadas.

O cavalo tropeça numa pedra, acordando-o de seus devaneios. Alcançando o cantil no interior do gibão, molhou a goela, fazendo chover no interior do seu corpo, já que não havia presságio nenhum de chuva no céu preguiçoso do sertão — há muito tempo que a água não fazia carícias naquelas terras. Guardando o cantil, sentiu o couro do gibão, alisando as lembranças no tecido cosido e gasto. Ali, sobre o cavalo, sentindo o sol queimar a face e atentando-se aos sons do sertão, reconhecia-se em casa.

Há alguns anos havia seguido seu filho mais novo, doutor advogado, à cidade grande, devido o apego de sua mulher ao menino. Agora, alguns meses após o falecimento dela, em seu regresso ao interior, moraria com seu filho mais velho. Fazia um tempão danado que não via seus netos. Imaginava que o mais velho deles estaria à sua idade quando montou num cavalo para derrubar um boi numa vaquejada para valer pela primeira vez. Sorriu à luz deste pensamento, imensamente orgulhoso já de antemão.

Sem aviso, invadiram as lembranças de sua distante juventude. Surpreendido pela inesperada visita dos seus sorrisos moços, rendeu-se à nostalgia. Era época em que seu amor era único das cachacinhas a pé de tarde, das vaquejadas e das morenas que se faziam presente às cachacinhas e às vaquejadas. No suspiro da riqueza de sua mocidade, reconheceu-se feliz, como há tanto tempo não se sentia. Fora sua esposa a morena a enlaçar seu coração. E, agora que se fora, este embrenhou-se na caatinga igual boi na madeira, descarrilhado dentro do mato. Sua mulher fora, por muitas estações, o único mote de suas toadas, as únicas rimas de seus versos. Dedicara-lhe todas as toadas que nasceram na boca de seu coração. Com seus trejeitos ligeiros e sorrisos mansos, conquistou-lhe, jovem e vaqueiro, todo apaixonado, só para si. Agora, desconhecia poesia em sua cantoria. Perdera-a junto com sua amada.

Filha de fazendeiro, construíram o amor na hora da noite em que o mundo faz silêncio para dar espaço aos amantes. Às escondidas, ensaiaram fuga e soltaram seus sonhos como uma criança solta pipa. Os camaradas que à época apoiaram e ajudaram em sua fuga, agora, haviam morrido. Era ele o único a carregar nas costas e no couro do gibão — antes dele de seu pai, e antes do seu pai de seu avô — o legado dos vaqueiros. Foi com a tristeza e solidão deste pensamento que avistou a cidadezinha esparramada pela paisagem dourada do sertão, abrindo um sorriso verdadeiro e cheio de esperança e saudade. Desceu de seu cavalo, amarrando-lhe a um mourão fincado na terra. Andou, em passos rápidos, até a cidade, reconhecendo sua juventude deitada ali pelos cantos, coberta por uma finíssima camada de poeira e saudosismo.

Ajeitando o alforje ao lado do corpo com a mão esquerda e segurando a barra do chapéu com a direita, ele chegou à pracinha. Perdido em suas matutações e admirâncias, perdeu de vista, por pouco, o garotinho que se sentava à calçada. Tinha na cabeça um chapéu de aba dobrada — maior do que o próprio cocuruto —, nas mãos encardidas tinha poeira que se conquista brincando de ser criança e, nos olhos, trazia aquele brilho do neto que aguarda seu

vô da cidade grande para ir à roça no intento de pôr os arreios e os estribos no cavalo, ansioso para aprender com o seu velho a arte de ser vaqueiro, de ser indígena das matas selvagens e brancas do sertão nordestino.



## O BOI PRETO NA MATA BRANCA

Fanfics da toada Boi Cigano

POR MATEUS ANTONY

Há muito vivia por ali. Saberá, de cor, mapear as miudezas daquelas matas. O sol fervente lhe escaldava os miolos, queimando até os pensamentos. Era impossível matutar sob a acidez e crueza da grande estrela amarela. Seus cascos gemiam de tanto vagar por aqueles cantos, seus chifres derretiam. A mata branca era indistinta — parecia que só tinha início. Andasse, andasse e andasse — nunca se acharia o meio, tampouco fim. O boi preto, valente até no nome — Sombra Arrinada —, perdia-se pelos labirintos da mata tanto quanto os de seus pensamentos. Parecia uma sombra sólida e musculosa, dura como pedra.

Não muito longe de onde o boi dava corda às suas matutações, descansava um homem. Mas não apenas um homem, um vaqueiro. Com café à mão, debaixo da sombra de sua casa, esparramado com um compadre sob o aconchego do oitão, morno e preguiçoso dos dedos à cabeça, cá estava o vaqueiro. Foi então que, com voz de desafio, seu compadre atçou-o. E era desafio arriscado por mais que demais: embrenhar-se na caatinga para capturar o Sombra — boi cigano que cabra nenhum nunca teve a feitura de capturar. Mas, seu nome era Goinha, vaqueiro afamado, e não havia bicho arisco que escapasse do seu laço.

Trajado em seus couros, inspirado em seu sorriso maroto e gritando junto à terra, disparou em seu cavalo baio mata adentro para capturar a fera. O boi, por sua vez, não viu de onde Goinha veio. Os cascos do cavalo tropejaram os chãos e o laço chiou no corte do ar. No segundo seguinte, o boi preto estava enlaçado, rendido nas funduras da caatinga, rendido pelas mãos do homem. Mas não apenas um homem, e sim, um vaqueiro. Mais uma vez, Goinha havia feito o impossível, porque nenhum bicho arisco era páreo para aquele boiadeiro.

## ANEXO B - Letras das toadas

**Toada Boi Cigano**

Fui uma festa no sertão Pernambucano  
 Peguei o boi mais valente do sertão  
 Entrei na festa escutei logo o boato  
 Tome cuidado quando for entrar no mato  
 Que o Boi cigano é ligeiro igual a um gato  
 Pra pegar ele tem que ter opinião

O fazendeiro me abraçou e foi falando  
 Esse boato corre a mais de quinze anos  
 Tem um diploma para quem pegar cigano  
 E deixar ele amarrado no mourão

Entre no mato encontrei o rastro dele,  
 Sai andando mais na frente avistei ele  
 Dei quatro gritos e botei o cavalo nele  
 Corri com ele em cima de um chapadão

**Toada Cavalo Buriti**

O Cavalo Buriti  
 É campeão de mourão  
 Santinho tá lhe tratando  
 Do seu jeito tá gostando  
 Ele fica relinchando  
 Quando bota boi no chão

Quando ele encosta na sangra  
 Chama a galera atenção  
 Quando ele abre a porteira  
 O boi sai na carreira  
 Um puxa outro bate esteira  
 Durante a competição

Nas festas do meu Nordeste  
 Já tem sido campeão  
 Quando encosta no jequí  
 Santinho adoma Buriti  
 Puxa o boi pra ver cair  
 Que chega estremece o chão

Quando bota o boi na faixa  
 Buriti sente emoção  
 Dez e onze é o seu dia

De mostrar filosofia  
Santinho sente alegria  
Com prazer no coração

Ofereço essa toada  
Aos vaqueiros do mourão  
Cantando com forte embalo  
Neste meu poema eu falo  
A história de um cavalo  
Que relincha no mourão

### **Toada Canção do lenço**

Minha vida é um romance  
De tristeza e de ilusão  
Parece que o destino  
Quis me fazer traição  
A esperança é perdida  
Quando conto minha vida  
Dói em qualquer coração  
Já amei já fui amado  
Já vivi bem satisfeito  
Já gozei a minha infância  
Já tirei grande proveito  
Desfrutei a mocidade  
Nunca pensei que a saudade  
Vinha morar no meu peito  
Numa noite de Santo Antônio  
Eu fui dançar no salão  
Encontrei uma garota  
De uma linda feição  
E convidei pra dançar  
E senti o amor brotar  
Dentro do meu coração  
Eu perguntei a garota  
Se ela era comprometida  
Ela aí me respondeu  
Eu nunca amei nem fui querida  
Conservei essa amizade  
que vem trazendo saudade  
Pro resto da minha vida  
Apos um ano e seis meses  
Dessa amizade da gente  
Mas o destino não quis  
que o nosso amor fosse a frente  
Veio a morte entrometida  
Carregou minha querida  
Que eu amava loucamente  
Um dia me avisaram,  
que a garota adoeceu

Fui urgente a casa dela  
Saber o que aconteceu  
Nessa hora de aflição  
Tava com um lenço na mão  
Pegou o lenço e me deu  
Me disse desenganada  
Pra mim não resta mais cura  
Eu vou morar no outro mundo  
Vou viver na sepultura  
Se despediu de seus pais  
Dando adeus pra nunca mais  
Nessa hora de amargura  
Comigo guardei o lenço  
Que recebi das mãos dela  
Roxo da cor da saudade,  
bordado em letra amarela  
Perdi toda esperança  
Hoje só resta a lembrança  
Do amor que eu tinha a ela.  
As letras do nome dela  
São um M um A e um D  
Nunca mais tive alegria,  
depois que ela morreu  
Quando eu de magoa chorava  
O meu pranto enxugava  
No lenço que ela me deu.